



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA – UESB**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA – PPGeo**



**VAGNER ALVES DA SILVA**

**A REDE DE VITÓRIA DA CONQUISTA E O TERRITÓRIO DE IDENTIDADE  
SUDOESTE BAIANO: UMA ANÁLISE DO FLUXO COMERCIAL ENTRE AS  
LOJAS ATACADISTAS E OS COMERCIANTES VAREJISTAS REGIONAIS**

Vitória da Conquista – BA  
2019



Esta dissertação de mestrado está sobre os termos Creative Commons

**VAGNER ALVES DA SILVA**

**A REDE DE VITÓRIA DA CONQUISTA E O TERRITÓRIO DE IDENTIDADE  
SUDOESTE BAIANO: UMA ANÁLISE DO FLUXO COMERCIAL ENTRE AS  
LOJAS ATACADISTAS E OS COMERCIANTES VAREJISTAS REGIONAIS**

Dissertação de mestrado apresentada ao programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual do Sudoeste Baiano como pré-requisito para obtenção do título de mestre em Geografia.

Orientador: Dr. Mário Rubem Costa Santana

**A REDE DE VITÓRIA DA CONQUISTA E O TERRITÓRIO DE IDENTIDADE  
SUDOESTE BAIANO: UMA ANÁLISE DO FLUXO COMERCIAL ENTRE AS  
LOJAS ATACADISTAS E OS COMERCIANTES VAREJISTAS REGIONAIS**

**VAGNER ALVES DA SILVA**

Dissertação de mestrado apresentada ao programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual do Sudoeste Baiano como pré-requisito para obtenção do título de mestre em Geografia.

Aprovada em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Prof. Dr. Mário Rubem Costa Santana (PPGeo/UESB)**  
**Orientador**

---

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Emília de Quadros Ferraz (PPGeo/UESB)**  
**Examinadora interna**

---

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Edinússia Moreira Carneiro Santos (PPGeo/UEFS)**  
**Examinadora externa**

**Vitória da Conquista, Março de 2019**

***"Nós não precisamos de magia para transformar nosso mundo. Já temos o poder que precisamos dentro de nós mesmos. Nós temos o poder de imaginar o melhor."***

***J.K. Rowling***

## **Agradecimentos**

No decorrer da construção de uma dissertação, até os agradecimentos assumem certa complexidade, pois, temos que ter cuidado para não esquecer ninguém que foi importante no decorrer da pesquisa. Tendo isso em mente, primeiramente, gostaria de agradecer a Deus, pela oportunidade de cursar o mestrado, mas não apenas isso. A forma como coisas boas aconteceram na minha vida, já a um bom tempo e, especialmente, durante o mestrado, é preciso expressar esta gratidão.

Aos Sr. José e Sr<sup>a</sup>. Gildésia, pela compreensão em ter um filho que “só estuda”, mas, acima de tudo, por cumprirem bem o seu papel enquanto pais (amor, afeto, educação...) e, compartilhar de sonhos, os quais, já se pareceram bem mais distantes do que realmente eram. Espero conseguir retribuir isto de alguma forma.

Aos amigos, Acssuel, Nádia, Fernanda, Mineia, João, Crys, Débora, Luzia dentre outros, os quais, foram fundamentais no apoio durante os momentos difíceis. Acabei aprendendo um pouco com cada um de vocês, não só em relação às suas respectivas pesquisas, mas, coisas positivas de cada um.

Aos amigos, Mateus e Lázaro, estes, não agradeço apenas pela amizade, mas também, pela parceria durante os trabalhos de campo, se disponibilizando à viagens para lugares não muito acessíveis e, a aplicação de questionários com pessoas, nem sempre, dispostas a responder.

Ao meu irmão, Leandro, pela ajuda sempre que solicitado. Espero que o futuro guarde a ti, coisas tão boas quanto as que vivenciamos no momento.

A Bruno, meu brother, pelas conversas e pela disponibilidade em auxiliar na reta final deste trabalho.

A Verônica, pela amizade, disponibilidade em ajudar, não só nas atividades envolvendo o mestrado, mas também, no meio acadêmico de forma geral. Muito obrigado.

Ao professor Saquet, pelas conversas, sugestões e disponibilidade em ajudar, no início desta pesquisa. Muito obrigado pelo incentivo na vida acadêmica.

Às professoras: Dr<sup>a</sup>. Ana Emília de Quadros Ferraz e Dr<sup>a</sup>. Edinúcia Moreira Carneiro Santos, pela disponibilidade em compor a banca e, pelas significativas contribuições durante a qualificação.

A Janaína, nossa secretária, pelo empenho e dedicação nas atividades acadêmicas. Sem ela, nossa vida enquanto estudantes e a vida do coordenador, seriam bem mais difíceis.

A Greiziene, pela recepção, conversas e parceria durante o tirocínio. Foi um imenso prazer realizar esta etapa tão importante do mestrado em uma das suas turmas.

Ao meu caro orientador, Mário Rubem, que, já não considero apenas um orientador, como também um amigo. Sou grato por me acompanhar por todo este tempo na vida acadêmica, mas, sobretudo, pela liberdade na escrita, algo que sempre achei necessário, na relação entre orientador e orientando.

À UESB, que tem sido minha casa nos últimos 7 anos. Fico feliz em fazer parte desta instituição e, espero ter contribuído de alguma forma ao longo deste período e, quem sabe, retornar algum dia, porém, não mais como aluno.

Ao PPGeo – UESB, o qual, tenho como um sonho realizado, não só meu, como também por parte de todos os que almejavam o mestrado em Geografia nesta instituição.

À CAPES, pelo financiamento da minha pesquisa e investimentos no PPGeo. Este apoio é de suma importância para a manutenção do programa e desenvolvimento das atividades acadêmicas.

E, por fim, a todos que, de alguma maneira, contribuíram com esta pesquisa. Deixo aqui, meu muito obrigado!!

## RESUMO

A categoria Rede, desde o seu surgimento na Geografia, sempre proporcionou ricas discussões, tanto em relação às suas possibilidades de estudo, quanto às suas características, e, ao seu uso atrelado a outras categorias, como a Região. Sua complexidade, nos dias atuais, acaba promovendo uma série de mudanças no espaço geográfico, redefinindo-o, bem como, gerando novos e complexos fluxos, como os comerciais. Tendo isso como base, a presente pesquisa, busca, justamente, promover um estudo sobre a rede geográfica de Vitória da Conquista e o Território de Identidade Sudoeste Baiano, tomando por base, o fluxo comercial entre as lojas atacadistas de Vitória da Conquista e, os comerciantes varejistas regionais. Para o desenvolvimento desta análise, fez-se necessário: um levantamento teórico acerca das categorias analisadas, com a finalidade de embasar tal discussão; estudar Vitória da Conquista, enquanto centralidade da rede em questão, dando ênfase nos seus atrativos, especialmente, a atividade comercial; discorrer acerca da formação territorial do Sudoeste Baiano, enquanto recorte estudado, bem como, sua dinâmica socioeconômica; analisar o fluxo comercial gerado entre as lojas atacadistas de Vitória da Conquista e os comerciantes varejistas regionais. O trabalho de campo foi realizado em duas etapas, a primeira, com entrevista e aplicação de questionários nas lojas atacadistas de Vitória da Conquista, com a finalidade de se descobrir o local de origem dos comerciantes varejistas regionais e, a segunda parte, por meio de visita de campo e entrevista semiestruturada em alguns dos municípios que compõem o Sudoeste Baiano. Por fim, efetuou-se a correlação entre a rede, Vitória da Conquista e o Território em questão, mostrando, como resultado, a importância desta rede, do ponto de vista socioeconômico e das articulações territoriais, para Vitória da Conquista e o Sudoeste Baiano.

**Palavras-chave:** Rede, Rede Geográfica, Região, Fluxos Comerciais.

## ABSTRACT

The Network category, since its emergence in Geography, has always provided rich discussions, both regarding its possibilities of study and its characteristics, and its use linked to other categories, such as the Region. Its complexity, today, ends up promoting a series of changes in the geographic space, redefining it, as well as generating new and complex flows, such as commercial ones. Based on this, this research seeks to promote a study on the geographic network of Vitória da Conquista and the Southwest Baiano Identity Territory, based on the commercial flow between the wholesale stores of Vitória da Conquista and the regional retail merchants. For the development of this analysis, it was necessary: a theoretical survey about the categories analyzed, in order to support such a discussion; study Vitória da Conquista, as the centrality of the network in question, emphasizing its attractions, especially the commercial activity; discuss about the territorial formation of the Southwest of Bahia, as a studied outline, as well as its socioeconomic dynamics; analyze the commercial flow generated between the Vitória da Conquista wholesale stores and the regional retailers. The field work was carried out in two stages, the first, with interview and application of questionnaires in the wholesale stores of Vitória da Conquista, with the purpose of discovering the place of origin of the regional retailers and, the second part, through field visit and semi-structured interview in some of the municipalities that make up Sudoeste Baiano. Finally, a correlation was made between the Vitória da Conquista network and the Territory in question, showing, as a result, the importance of this network, from the socioeconomic point of view and territorial articulations, for Vitória da Conquista and Sudoeste Baiano.

**Key words:** Network, Geographic Network, Region, Trade Flows.



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Mapa 1</b> – Municípios visitados durante trabalho de campo no Território de Identidade Sudoeste Baiano, 2018.....	15
<b>Mapa 2</b> – Município de Vitória da Conquista – BA, 2019.....	45
<b>Mapa 3</b> – Rodovias que cortam a cidade de Vitória da Conquista – BA, 2018.....	49
<b>Mapa 4</b> – Distrito Industrial dos Imborés - Vitória da Conquista – BA, 2018.....	52
<b>Mapa 5</b> – Carta imagem de Vitória da Conquista – BA, 2003.....	54
<b>Mapa 6</b> – Carta imagem de Vitória da Conquista – BA, 2017.....	55
<b>Fotografia 1</b> – Hospital Municipal Esaú Matos – Vitória da Conquista-BA, 2018.....	60
<b>Fotografia 2</b> – Centro Integrado de Educação Navarro de Brito – Vitória da Conquista-BA, 2018.....	61
<b>Mapa 7</b> – Instituições de Ensino Superior em Vitória da Conquista – BA, 2018.....	64
<b>Fotografia 3</b> – Agências bancárias da Caixa Econômica Federal e do Banco do Brasil em Vitória da Conquista – BA, 2018.....	67
<b>Gráfico 1</b> – Quantidade de empresas comerciais em relação aos demais tipos de empresas em Vitória da Conquista – BA, 2016.....	69
<b>Gráfico 2</b> – Tipos de estabelecimentos comerciais de Vitória da Conquista – BA, 2016.....	70
<b>Mapa 8</b> – Áreas comerciais de Vitória da Conquista - BA, 2019.....	72
<b>Fotografia 4</b> – Painel fotográfico com estabelecimentos comerciais do bairro Brasil – Vitória da Conquista – BA, 2019.....	74
<b>Mapa 9</b> – Territórios de Identidade da Bahia, 2018.....	77
<b>Mapa 10</b> – Sobreposição das regionalizações que deram origem aos Territórios de Identidade da Bahia, 2018.....	79
<b>Mapa 11</b> – Território de Identidade Sudoeste Baiano, 2019.....	83
<b>Organograma 1</b> – Desmembramento e formação dos municípios do Território de Identidade Sudoeste Baiano.....	85
<b>Mapa 12</b> – Estradas, ferrovias e aerodromos do Território de Identidade Sudoeste Baiano, 2019.....	87
<b>Gráfico 3</b> – Contribuição dos grandes setores (%) no PIB do Território de Identidade Sudoeste Baiano, 2016.....	92
<b>Mapa 13</b> – PIB do Território de Identidade Sudoeste Baiano, 2016.....	94
<b>Mapa 14</b> – População estimada para o Território de Identidade Sudoeste Baiano, 2018.....	97
<b>Gráfico 4</b> – Percentual populacional de Vitória da Conquista em relação ao Sudoeste Baiano, 2018.....	98
<b>Mapa 15</b> – Urbanização do Território de Identidade Sudoeste Baiano, 2010.....	99
<b>Organograma 2</b> – Fluxo dos produtos do fabricante ao consumidor final.....	104
<b>Mapa 16</b> – Lojas atacadistas pesquisadas em Vitória da Conquista – BA, 2018.....	106
<b>Fotografia 5</b> – Painel fotográfico com as lojas atacadistas de Vitória da Conquista – BA, 2018.....	107

<b>Gráfico 5</b> – Tipos de estabelecimentos varejistas abastecidos pelas lojas atacadistas de Vitória da Conquista – BA, 2018.....	109
<b>Fotografia 6</b> – Mercadinho Silva – Anagé – BA, 2018.....	110
<b>Mapa 17</b> – Local de origem dos comerciantes varejistas regionais pesquisados, 2018.....	111
<b>Gráfico 6</b> – Origem dos comerciantes varejistas regionais pesquisados, 2018.....	112
<b>Fotografia 7</b> – Bar na zona rural do município de Aracatu – BA, 2018.....	113
<b>Fotografia 8</b> – Estabelecimentos varejistas regionais nos municípios de Encruzilhada, Belo Campo e Anagé, 2018.....	114
<b>Mapa 18</b> – Fluxo comercial entre as lojas atacadistas de Vitória da Conquista e os comerciantes varejistas regionais, 2018.....	117
<b>Gráfico 7</b> – Proporção da origem dos comerciantes varejistas regionais, 2018.....	119
<b>Gráfico 8</b> – Produtos comprados pelos comerciantes varejistas regionais nas lojas atacadistas de Vitória da Conquista, 2018.....	120
<b>Fotografia 9</b> – Comerciante varejista regional agrupando as compras no veículo, 2018.....	121
<b>Fotografia 10</b> – Ponto intermunicipal de transporte Vitória da Conquista-BA, 2018.....	122
<b>Mapa 19</b> – Fluxo comercial entre as lojas atacadistas de Vitória da Conquista e os comerciantes varejistas do Sudoeste Baiano, 2018.....	125
<b>Mapa 20</b> – Articulação territorial/regional do fluxo entre as lojas atacadistas de Vitória da Conquista-BA e os comerciantes varejistas, 2018.....	129

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1</b> – Quantidade de leitos hospitalares por município do Território de Identidade Sudoeste Baiano, 2016.....	59
<b>Tabela 2</b> – Estabelecimentos da Educação Básica Em Vitória da Conquista – BA, 2016.....	62
<b>Tabela 3</b> – Agências bancárias no Território de Identidade Sudoeste Baiano, 2015.....	66
<b>Tabela 4</b> – PIB por setor de atividade no Território de Identidade Sudoeste Baiano, 2016.....	91
<b>Tabela 5</b> – População dos municípios do Território de Identidade Sudoeste Baiano nos censos: 1991, 2000 e 2010.....	95
<b>Tabela 6</b> – Comércio varejistas do Território de Identidade Sudoeste Baiano potencialmente abastecidos pelas lojas atacadistas de Vitória da Conquista – BA, 2016.....	127

## LISTA DE SIGLAS

CD	Centro de Distribuição
CNE	Cadastro Nacional de Empresas
CNPJ	Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica
DECA	Declaração de Cadastro
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICMS	Imposto Sobre Circulação de Mercadorias e Serviços
MDA	Ministério do Desenvolvimento Agrário
PDU	Plano Diretor Urbano
PIB	Produto Interno Bruto
PMVC	Prefeitura Municipal de Vitória da Conquista
PRONAT	Programa Nacional de Desenvolvimento Sustentável de Territórios Rurais
REGIC	Região de Influência das Cidades
SEI-BA	Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia
SEFAZ	Secretaria da Fazenda

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>2 REDE E REGIÃO: UMA ABORDAGEM CONCEITUAL.....</b>	<b>18</b>
2.1 Redes: uma revisão teórica.....	18
2.2 Região e regionalização na contemporaneidade.....	34
<b>3 VITÓRIA DA CONQUISTA E SEUS ATRATIVOS.....</b>	<b>44</b>
3.1 Uma análise histórica do município de Vitória da Conquista.....	46
3.2 Vitória da Conquista em múltiplas esferas.....	55
3.3 A atratividade comercial de Vitória da Conquista.....	68
<b>4 FORMAÇÃO TERRITORIAL E CARACTERIZAÇÃO SOCIOECONÔMICA DO TERRITÓRIO DE IDENTIDADE SUDOESTE BAIANO.....</b>	<b>76</b>
4.1 Formação territorial do Sudoeste Baiano: pressupostos históricos e metodológicos .....	76
4.2 Aspectos socioeconômicos do Sudoeste Baiano.....	90
<b>5 A REDE, VITÓRIA DA CONQUISTA E O SUDOESTE BAIANO.....</b>	<b>102</b>
5.1 As lojas atacadistas de Vitória da Conquista e os comerciantes varejistas regionais: percepções.....	102
5.2 Os fluxos entre as lojas atacadistas e os comerciantes varejistas regionais: reflexos em Vitória da Conquista e no Sudoeste Baiano.....	115
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>131</b>
<b>7 REFERÊNCIAS.....</b>	<b>136</b>
<b>Anexo A - Empresas e outras organizações, por seção, divisão, grupo e classe da classificação de atividades (CNAE 2.0) (2016).....</b>	<b>141</b>
<b>Apêndice A - Questionário aplicado com os comerciantes varejistas regionais nas lojas atacadistas de Vitória da Conquista:.....</b>	<b>144</b>
<b>Apêndice B - Roteiro de entrevista com os representantes das lojas atacadistas de Vitória da Conquista.....</b>	<b>145</b>
<b>Apêndice C - Roteiro de entrevista com os comerciantes varejistas do Sudoeste Baiano .....</b>	<b>146</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Promover um estudo acerca da rede geográfica em escala regional na contemporaneidade não é tarefa fácil, já que as relações estabelecidas nestas redes, atualmente, se mantêm de forma muito mais complexa que em outros contextos, necessitando-se de uma análise completa da temática proposta, além do exercício da pesquisa em múltiplas características que são necessários para a comprovação científica do fenômeno estudado, bem como a formulação teórico e metodológica de um raciocínio que contemple a temática de maneira satisfatória.

O presente estudo tem por objetivo geral analisar a rede de Vitória da Conquista no Território de Identidade Sudoeste Baiano com base no estudo do fluxo comercial entre as lojas atacadistas e os comerciantes varejistas regionais. Para tanto, faz-se necessário alguns objetivos específicos: analisar os fluxos gerados pelas lojas atacadistas de Vitória da Conquista; estudar o comércio varejista regional do Território de Identidade Sudoeste Baiano; compreender os fluxos entre as lojas atacadistas de Vitória da Conquista e o comércio varejista regional; refletir sobre a contribuição da rede geográfica de Vitória da Conquista no Território de Identidade Sudoeste Baiano, levando-se em consideração o fluxo comercial analisado.

Para se compreender o intuito desta pesquisa deve-se considerar a amplitude das atividades comerciais, na medida em que cada “modalidade” do comércio apresenta características próprias e relações singulares na rede geográfica. Os fluxos são diferenciados e a contribuição com o Sudoeste Baiano pode variar de acordo com a relação estabelecida. Neste contexto, um fluxo comercial que tem se destacado é entre as lojas atacadistas de Vitória da Conquista e os comerciantes varejistas regionais. Assim, questiona-se: Qual a importância dos fluxos comerciais entre as lojas atacadistas e os comerciantes varejistas regionais para Vitória da Conquista e o Território de Identidade Sudoeste Baiano?

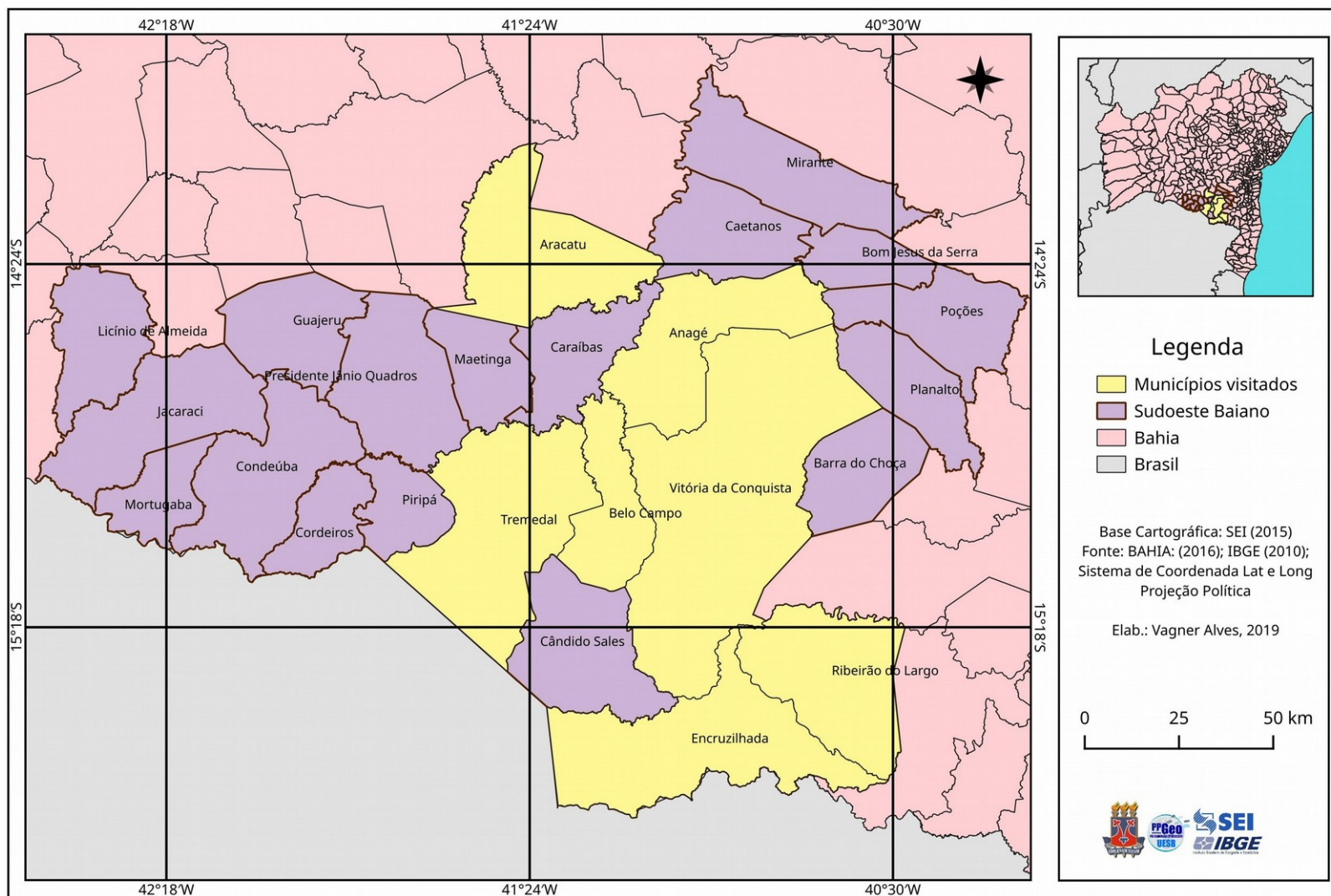
A relevância desta pesquisa está exatamente na importância da rede de Vitória da Conquista para o Território de Identidade Sudoeste Baiano, tomando como base o fluxo comercial entre as lojas atacadistas e os comerciantes varejistas regionais. Neste caso, ressalta-se um aspecto pouco explorado pelos estudiosos dos Territórios de Identidade, que são os fluxos comerciais. Deve-se compreender que existem múltiplos elementos envolvendo a regionalização dos Territórios de Identidade, sejam ambientais, políticos, culturais e econômicos. Por isso, o presente trabalho traz uma análise de um destes aspectos, que é marcante no caso do Sudoeste Baiano.

Para a realização deste estudo, fez-se necessário um ensaio teórico que contemple a temática das redes (pensando no próprio conceito da categoria redes e refletindo acerca dos diversos elementos que compõem a rede geográfica) e da região (focando na própria categoria, na regionalização e na relação com as redes). Além disso, necessita-se de uma análise histórica de Vitória da Conquista e da sua atratividade regional, pensando-se na sua formação e nos aspectos que atraem pessoas de outras localidades, bem como o seu comércio, tal qual instrumento aqui analisado e um dos pontos para a sua polarização. Além disso, é importante um estudo da contribuição das redes nos Territórios de Identidade, bem como do Sudoeste Baiano enquanto recorte espacial para pesquisa e dos fluxos comerciais analisados neste Território.

O primeiro passo para o desenvolvimento desta pesquisa foi a realização de um amplo levantamento bibliográfico sobre dos conceitos trabalhados e, com isso, proporcionou uma bagagem teórica dos fenômenos pesquisados e discussões sobre a temática abordada. Efetuou-se também uma pesquisa documental em relação às pesquisas que trabalham a política dos Territórios de Identidade, o Sudoeste Baiano (por meio da busca de dados qualitativos e informações relevantes sobre esse Território), além do município de Vitória da Conquista, principalmente relacionadas a sua rede geográfica. Este momento da pesquisa foi fundamental, pois forneceu informações úteis sobre a regionalização e o Território estudados, conforme pesquisas anteriores relacionadas à temática.

A segunda etapa desenvolveu um estudo sobre a cidade de Vitória da Conquista, mantendo o foco na sua atratividade regional, principalmente nos municípios que compõem o Território de Identidade Sudoeste Baiano. Para isso, analisou-se o histórico da cidade, posteriormente sua atratividade regional e, por fim, as atividades comerciais nela desenvolvidas. Este momento pautou-se em uma análise qualitativa e quantitativa, utilizando dados de órgãos estatais, como a Superintendência de Estudos Sociais e Econômicos da Bahia (SEI) e o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), para analisar e discorrer sobre a população da região, além de obter dados o através de pesquisa de campo nas lojas atacadistas e no comércio varejista do Território. O Mapa 1 traz a relação dos municípios em que foram realizados os trabalhos de campo, durante o ano de 2018. Nesse caso, destaca-se as duas fases do trabalho de campo: a primeira, realizada em Vitória da Conquista, nas lojas atacadistas e, a segunda, nos municípios de origem dos comerciantes varejistas regionais.

**Mapa 1** – Municípios visitados durante trabalho de campo no Território de Identidade Sudoeste Baiano, 2018



Fonte: Pesquisa de campo, 2018.

Elaboração: SILVA, V. A., 2019.



Os trabalhos de campo foram de suma importância no decorrer da pesquisa, já que serviram de base para coleta de dados e permitiram um contato direto com os comerciantes que vivenciam este fluxo. A primeira parte da pesquisa de campo correspondeu a um levantamento dos municípios de origem dos comerciantes regionais que compram nas lojas atacadistas e demais informações, como: tipo de estabelecimento, produtos adquiridos e localidade (zona urbana ou rural). Para isso, foram aplicados 300 questionários nas lojas atacadistas com os comerciantes regionais. Estabeleceu-se esta amostragem de acordo com o quantitativo total, apontado pelo IBGE, de 1265 estabelecimentos varejistas no Território com características potenciais de estabelecimentos abastecidos pelas lojas atacadistas (comércio varejista de mercadorias em geral; comércio varejista de produtos de padaria, laticínios, doces, balas e semelhantes; restaurantes e outros estabelecimentos de serviços de alimentação e bebidas; serviços ambulantes de alimentação).

Na segunda parte dos trabalhos de campo, efetuou-se o reconhecimento espacial em alguns municípios da área estudada, conforme apresentado Figura 1, baseando-se nas localidades encontradas por meio dos questionários aplicados anteriormente, evidenciadas na Tabela 6, página 127. Optou-se por visitar municípios que tiveram uma quantidade intermediária de clientes, descartando as localidades com maiores e com menores fluxos, com exceção de Ribeirão do Largo que, durante a aplicação dos questionários, não se encontrou nenhum comerciante oriundo deste município. Durante as visitas, foram efetuadas entrevistas semiestruturadas com os comerciantes locais, a respeito do abastecimento dos estabelecimentos. Na cidade de Vitória da Conquista, além da aplicação dos questionários relatados anteriormente, efetuou-se entrevistas semiestruturadas com representantes das lojas atacadistas a fim de se compreender aspectos importantes da presença destes estabelecimentos em Vitória da Conquista, tais como: o que as trouxe para a cidade, qual seu público-alvo e quais os fluxos gerados por estes estabelecimentos.

A partir dos procedimentos descritos anteriormente, obteve-se as informações necessárias para promover a análise da rede geográfica de Vitória da Conquista no Território de Identidade Sudoeste Baiano, tomando-se por base o fluxo comercial entre as lojas atacadistas e os comerciantes varejistas regionais e compreender a importância deste fluxo para o Território estudado. Na organização textual, o referido trabalho está dividido em quatro capítulos, intitulados: Rede e Região: uma abordagem conceitual; Vitória da Conquista e seus atrativos; Formação territorial e caracterização socioeconômica do Território de Identidade Sudoeste Baiano; A rede, Vitória da Conquista e o Sudoeste Baiano.

O capítulo 2 está separado em dois tópicos: um abordando as questões inerentes à categoria rede e outro tratando dos temas correlacionados à região. Este capítulo é inteiramente de cunho teórico e tem por finalidade a discussão das categorias e conceitos utilizados no decorrer da pesquisa. Desta forma, tal tópico proporciona revisão bibliográfica sobre a temática estudada no trabalho, exclusivamente no âmbito epistemológico, as duas principais categorias trabalhadas na pesquisa, bem como estabelecer uma base teórica que sustente a abordagem efetuada.

Já o terceiro capítulo promove uma análise descritiva de Vitória da Conquista e da sua atratividade regional, uma vez que se trata do principal município do Sudoeste Baiano e polo da rede geográfica estudada. Nesse caso, o capítulo está dividido em três partes: a primeira, traz uma análise histórica de Vitória da Conquista e da sua formação, até os dias atuais, apresentando, inicialmente, o município de Vitória da Conquista e o seu processo de formação. A segunda parte trata de maneira enfática os atrativos da cidade de Vitória da Conquista que promovem um fluxo de pessoas de diversas localidades por múltiplas finalidades. E, por fim, desenvolve-se uma análise da atividade comercial na cidade, ressaltando sua divisão e importância para o município.

No quarto capítulo, dividido em duas partes, efetuou-se um estudo da formação territorial do Sudoeste Baiano e uma caracterização socioeconômica deste território. Para isso, inicialmente, discorreu-se acerca da regionalização dos Territórios de Identidade da Bahia e, posteriormente, realizou-se uma análise territorial e histórica em relação ao referido território. Na segunda parte deste capítulo, foi realizado um estudo qualitativo e quantitativo, relacionado aos aspectos socioeconômicos do Território de Identidade Sudoeste Baiano. Com isso, efetuou-se uma leitura desde a sua formação territorial até suas características socioeconômicas e populacionais, referentes ao Território pesquisado.

Por fim, o quinto capítulo, organizado em dois tópicos, traz a análise dos dados coletados em campo, bem como as considerações sobre a rede geográfica de Vitória da Conquista e da sua importância para o Sudoeste Baiano. Na primeira parte, discorreu-se acerca das lojas atacadistas e sobre os comerciantes varejistas regionais. Posteriormente, foi analisado o fluxo comercial entre as lojas atacadistas de Vitória da Conquista e os comerciantes varejistas regionais, além da importância da rede geográfica baseada no fluxo estudado, para a cidade que a polariza e para o Território de Identidade Sudoeste Baiano.

## **2 REDE E REGIÃO: UMA ABORDAGEM CONCEITUAL**

Discorrer sobre as categorias Rede e Região, tem sido uma prática constante nos estudos geográficos, já que se trata de categorias as quais foram e, ainda são, de suma importância para esta ciência. No caso da Região, sua presença foi marcante desde o surgimento da Geografia como ciência. Ao longo da sua trajetória na ciência geográfica, teve diversos conceitos, de acordo com o contexto vivenciado e, com as mudanças nos paradigmas da Geografia. Foi, por muito tempo, o objeto de estudo desta ciência, posto, atualmente, ocupado pela categoria Espaço. Já a discussão das Redes, embora, um pouco mais recente se comparada à Região, é também de suma importância nas discussões geográficas. Nesse caso, é válido destacar que seus conceitos se destacaram na ciência geográfica, desde os estudos desenvolvidos no período da Nova Geografia, com os arranjos espaciais e uma perspectiva matematizada, até meados da década de 1990, como (re)surgimento dos debates desta categoria. Atualmente, ambas as categorias podem ser estudadas de maneira conjunta, refletindo-se em relação ao papel das Redes para as regiões contemporâneas.

### **2.1 Redes: uma revisão teórica**

Trabalhar com a categoria Redes implica uma série de considerações sobre a temática, de acordo com as possibilidades do estudo proposto. Deve-se levar em consideração que não se trata de uma categoria exclusiva da Geografia, mas que perpassa por diversas outras ciências e têm características próprias dentro das suas vertentes. Realizando uma análise no viés geográfico é possível afirmar que as Redes, mesmo as vinculadas a outras temáticas, possuem uma espacialidade na medida em que articulam pontos em diferentes localidades no espaço. Neste contexto, as Redes tornam-se singulares e sujeitas a uma análise socioespacial exatamente por proporcionarem essa interligação entre localidades no espaço geográfico.

Uma característica marcante das Redes é a sua possibilidade de análise conjunta com outras categorias, de viés geográfico, tais como o Território, o Poder e a Região. Este tipo de análise ocorre porquê um dos princípios básicos dos estudos sobre Redes, que permite essa interligação com outras categorias, é a sua capacidade articuladora, a qual, representa uma das principais formas de interação socioespacial. Conseqüentemente, esta possibilidade abre espaço para estudos em juntamente com diversas categorias que podem resultar em novos conceitos, como o dos Territórios-Redes.

Apesar de ter uma inserção relativamente recente na abordagem geográfica, se comparada às categorias mais tradicionais como Espaço e Território, as Redes se destacaram, principalmente, na década de 1990 com as mudanças contemporâneas àquele período, como a popularização da internet (isso em escala mundial, no Brasil, especificamente, a internet estava dando os seus primeiros passos naquela época), as mudanças políticas e econômicas. No entanto, a discussão desta categoria vem sendo estabelecida já há alguns anos, antes mesmo desse período, trazendo contribuições as que foram de suma importância para sua compreensão no espaço geográfico. Para Souza (2016):

De certo modo, a tal “novidade” era relativa, como outros autores já lembraram: quem sabe, em parte, uma “velha novidade”, pois o que se fez nos anos 1980 e 1990, foi renovar uma discussão conceitual já antiga. Na Geografia, por exemplo, os estudos sobre Redes urbanas (ou sistemas urbanos ou, ainda, sistemas de cidades) foram extremamente importantes nas décadas de 1960 e 1970, e alguns trabalhos pioneiros (como os do geógrafo alemão Johan Georg Kohl, ou também as esparsas, mas interessantes reflexões de Élisée Reclus a respeito) nos remetem ao século XIX e ao começo do século XX. (SOUZA, 2016, p.164)

Conforme apontado pelo autor, a discussão a respeito do conceito Redes não é tão recente quanto se pensa, na medida em que as propostas presentes nas décadas de 1980 e 1990 foram releituras das discussões teóricas anteriores, mesmo que com uma nova abordagem contextual e novos elementos a se considerar. O autor ainda destaca outras contribuições significativas no viés geográfico, por meio dos estudos das Redes urbanas que foram de suma importância para o desenvolvimento das teorias. Apesar de estudos sobre Redes terem ganhado notoriedade em escala global no decorrer do século XX e início do século XXI, sua discussão é muito anterior a este período, sendo que, no início, pode-se dizer que estava longe de um contexto geográfico, caminhando em uma direção na qual viria a se consumir em outras áreas, antes de entrar na ciência geográfica. Para Musso (2010):

A palavra Rede (réseau) só aparece na língua francesa no século XII, vinda do latim *retiolus*, diminutivo de *retis*, e do francês antigo *rései*: a Rede designa, então, Redes de caça u pesca e tecdos, uma malhagem têxtil que envolve o corpo. Fios entrelaçados para os tecidos, os cordéis ou cestas, as malhas ou tecidos estão em torno do corpo. So século XVI, o termo *rései* significa, em francês antigo, os véus e rendas com que as mulheres cobriam a cabeça e, no século XVII, o pano que elas colocavam sobre suas camisas era um *sutiã*. (MUSSO, 2010, p.18)

Musso faz algumas considerações importantes relacionadas à origem do conceito de Redes. Inicialmente, pode-se perceber que o termo possui uma origem francesa e latina, no entanto, não apresenta vínculo algum com a proposta contemporânea aqui apresentada correlacionada à Geografia. As Redes tinham como foco um dos princípios básicos utilizado como exemplo para a compreensão do conceito: as malhas. Observa-se que essa abordagem proposta por meio de elementos têxteis acabou dando início ao conceito de Redes, porém, alguns outros pontos derivados desta proposta acabaram sendo atribuídos a esta discussão e consumaram no surgimento de novos como o de malha (que se faz presente na questão têxtil, mas também pode ser atribuído a outras análises, como na perspectiva geográfica, utilizado, por exemplo, ao se trabalhar com malhas viárias). Um detalhe em relação a essa interpretação é a ideia de “malhas e aberturas”, proporcionadas pelas Redes nesta leitura, o que explica sua ligação com a renda enquanto uma malha que se percebe, claramente, a presença de nós e linhas.

Tendo como base algumas leituras filosóficas, as Redes passaram a disseminar uma visão antropológica, interna ao corpo humano, principalmente quando se pensa nas Redes que compõem o corpo humano (por exemplo, a Rede de circulação). Tal concepção ocorre em meados do século XVII e o termo, que antes era utilizado por tecelões para atribuir qualidades às malhas em uma perspectiva têxtil, passa a ser utilizado por médicos para compreender o funcionamento do corpo humano. Entretanto, a perspectiva de uma Rede que se refere à internalidade do corpo humano, sofre, novamente, uma forte mudança na virada do século XVIII para o século XIX, trazendo consigo uma nova abordagem das Redes. Para Musso (2010):

A grande ruptura que faz advir o conceito de Rede à virada do século XVIII para o século XIX é a sua “saída” do corpo. A Rede não é mais apenas observada sobre ou dentro do corpo humano, ela pode ser construída. [...] A Rede pode ser construída, porque ela se torna objeto pensado em sua relação com o espaço. Ela se exterioriza como artefato técnico sobre o Território para encerrar o grande corpo do Estado-Nação ou do planeta. (MUSSO, 2010, p.20)

Essa ruptura do conceito de Rede, apresentada por Musso, se torna importante para o caráter geográfico da categoria na medida que apresenta aspectos relevantes para tal leitura, como sua externalidade em relação ao corpo (nesse caso, não se restringindo a uma abordagem corporal, seja interna, no caso da Rede sanguínea, ou externa, como as malhas que vão sobre o corpo). Esse viés externo abriu margem para uma construção da Rede no que se

refere a um objeto intelectual e interligado ao espaço. Outro ponto relevante nessa perspectiva é o caráter técnico das Redes mesmo que, neste momento, a linguagem técnica representasse um olhar “matematizado” da Rede, observado por engenheiros, matemáticos e mesmo no viés geográfico.

As representações geométricas do Território multiplicaram-se no século XVIII, graças à triangulação do espaço em Rede. Assim, em 1750, aproximadamente, o abade La Caille, professor de matemática, chama “Rede” uma reunião de fios que permite observar as estrelas com uma luneta astronômica (o “retículo óptico”). Mais tarde, os engenheiros-geógrafos, frequentemente oficiais militares, como Achille-Nicolas Isnard (1759-1803) e Pierre Alexandre d’Allent (1772-1837), em seu Ensaio de reconhecimento militar (1802), - no qual o termo Rede é empregado no sentido moderno de “Rede de comunicação” - representam o Território como um esboço de linhas imaginárias ordenadas em Rede, para matematizá-lo e com isso construir o mapa. (MUSSO, 2010, p.21).

Essa matematização das Redes aponta algumas características importantes na forma como o espaço era pensado na época, sendo ele sistematicamente pensado de forma triangular através das Redes. É válido ressaltar que tal triangulação perpassa, inicialmente, no campo do pensamento. Nesse contexto, começam a surgir novos conceitos de Rede com uma leitura “próxima” do que viria a se tornar mais tarde. Tem-se, conforme aponta Musso, a junção de fios que permitiam observar as estrelas, em uma leitura astronômica. O mesmo autor retrata também que, posteriormente, as Redes começam a ganhar um caráter cartográfico, ainda no campo intelectual da abstração, com linhas imaginárias, e matematizado ao passo que elas começam a ser estruturadas sobre o Território com a finalidade de mapeá-lo. É válido ressaltar a abordagem militar das Redes e a perspectiva da comunicação.

Em uma leitura contemporânea, as discussões que abarcam a temática das Redes vêm sendo retomadas de acordo com o contexto e os novos elementos atribuídos a esse conceito. Assim, surge a obra de Castells, *Sociedade em Rede*, de 1999. Observa-se que o contexto em que tais discussões voltam a ganhar fôlego é um importante ponto para esse “ressurgimento” das Redes na década de 1990, pautada no advento da internet daquele momento, bem como nas mudanças nos meios de comunicação e uma integração comunicacional em escala planetária. Segundo Santana (2013), p.38: “com a Internet e a utopia de uma comunidade eletrônica universal com base nas Redes técnicas, cria-se a ideia de uma Rede que é a única telemática e social, como um organismo vivo, um cérebro mundial, planetário, uma inteligência coletiva.”. É impossível negar a complexidade que o conceito de Redes ganhou

através da internet com as suas novas possibilidades e, sendo assim, é válido ressaltar que naquele contexto, sobretudo, da década de 1990 até o período atual, tem representado uma verdadeira reestruturação na forma como as Redes são estabelecidas pelo mundo. Trazendo isso para uma perspectiva geográfica, o espaço também vem sofrendo constantes mudanças por intermédio das Redes, principalmente as vinculadas aos meios de comunicação, o que tem permitido uma articulação instantânea entre diversas localidades. Para Castells (2004):

Uma Rede é um conjunto de nós interligados. As Redes são formas muito antigas da atividade humana, mas atualmente essas Redes ganharam nova vida, ao converterem-se em Redes de informação, impulsionadas pela internet. As Redes tem enormes vantagens como ferramentas organizativas, graças a sua flexibilidade e adaptabilidade, características fundamentais para sobreviver e prosperar num contexto de mudança permanente. (CASTELLS, 2004, p.15).

O estudioso apresenta uma conceituação importante em relação às Redes na contemporaneidade, que é o de nós e linhas interligados. Ora, trata-se de um dos princípios básicos para a compreensão de tal categoria, partindo do pressuposto de que cada linha possui dois ou mais nós articulados. Esta ideia pode ser aplicada em diversos tipos de Redes, desde as Redes de pesca até uma Rede urbana. Entretanto, no momento em que se especifica o tipo de Rede, pode-se ter uma complexificação nessa abordagem. Desta forma, existem Redes com inúmeras funcionalidades na medida em que uma Rede tão complexa quanto a internet tem a capacidade de articular incontáveis nós numa mesma Rede, isso, sem contar suas vertentes ocultas, como a *deep web*, as quais possui acesso restrito para a maior parte dos usuários que não dominam o conhecimento necessário para acessá-la. Apesar dessa complexidade do conceito de Redes, tal categoria possui uma polissemia que permite que as Redes possam ser utilizadas em diversos contextos. Portanto, para Santana (2013),

A definição de “Rede” se transforma na grande variedade de “Redes”. Sua polissemia está diretamente relacionada aos seus diversos usos; conseqüentemente, os desdobramentos são bastante variados, tanto no senso comum quanto no âmbito acadêmico, visto que também elas se constituem em significativos instrumentos de análise. Essa riqueza dos estudos sobre Redes tem resultado em uma grande produção acadêmica e técnica nas mais diversas áreas do conhecimento. Tais estudos são, por excelência, inter e transdisciplinares, visto que se fazem presentes em diversas sociedades humanas, nas suas mais diversas formas e escalas. (SANTANA, 2013, p.29).

Conforme o teórico, o conceito de Redes é demasiadamente amplo na contemporaneidade, devido aos diversos seguimentos vinculados não só ao meio acadêmico, como no senso comum. Nesse último caso, têm-se, por exemplo, a Rede de pesca ou Rede de dormir. Em ambos os casos seus conceitos não estão errados, pois a ideia de Rede parte do princípio de “nós” e “linhas”, tal qual estas Redes são formadas. Entretanto, quando se passa a ser analisada em caráter acadêmico, tal conceito apresenta uma complexidade de acordo com a ciência e a perspectiva a ser analisada. Ao se trabalhar especificamente na geografia, as Redes se fazem presentes em diversos tipos de análises, em múltiplas escalas e em variadas leituras do espaço geográfico.

Um dos primeiros estudos relacionados à temática das Redes que ganhou destaque na ciência geográfica foi de Rede urbana. Tal leitura ganhou força, juntamente com o conceito de centralidade (é importante observar como essas duas conceituações caminham juntas na geografia), em meados do século XX, trazendo importantes contribuições para a ciência geográfica (e outras áreas afins, como a arquitetura e o urbanismo) inclusive nos dias atuais. Uma dessas teorias é a dos lugares centrais, proposta por Walter Christaller em 1933. As reflexões propostas por Christaller foram fundamentais para se pensar o espaço naquele contexto e serviram de base para diversos novos estudiosos da temática. Ainda que muitos tentam se desvincular dessa proposta, esta teoria foi uma importante base para as compreensões contemporâneas de Rede urbana e de centralidade. Para Liberato (2008):

Na década de 1930, houve uma grande contribuição para a análise regional, com o conceito de centralidade urbana desenvolvido por Chirstaller (1933), objetivando explicar os determinantes da concentração urbana. Para tanto, o autor destacava a importância das características produtivas de atividades que exigiam escala e consumo simultâneo à produção, especialmente dos serviços. (LIBERATO, 2008, p.128)

Dentro da perspectiva analítica formulada por meio da teoria dos lugares centrais, o autor trabalha o conceito de centralidade urbana, através de uma vertente econômica e funcional das centralidades. É válido ressaltar que a presente leitura, por ter início na década de 1930, apresenta diversos elementos teóricos e empíricos que davam suporte a tal teoria naquele contexto, porém, não contemplam os novos pressupostos presentes na contemporaneidade. Vale destacar, ainda, que a referida abordagem se faz presente, principalmente, na escala regional, ainda que sua proposta seja multiescalar. Para Silva (2011):



Os desdobramentos teóricos de Christaller (1966) têm como principal foco a formação de uma Rede de centros urbanos e a sua distribuição no espaço, incorporando o setor de bens e serviços e o desenvolvimento de lugares centrais. A centralidade seria um atributo relacionado diretamente à densidade de população e às atividades econômicas urbanas, à sua área de mercado e fornecimento de bens e serviços centrais, tais como comércio: serviços financeiros, de negócios, administrativos, educacionais, de lazer, entre outros tipos. (SILVA, 2011, p.81)

Nesse ponto de vista, percebe-se uma interpretação do conceito de centralidade, apresentado por Christaller, ligado diretamente a algumas categorias, tal como as Redes, bem como a sua vinculação com as atividades econômicas e a própria população, distribuídas no espaço. A leitura da centralidade urbana se apresenta como multiescalar, estruturada em Rede na escala regional e também intimamente ligada aos atrativos que promovem funcionalidades aos determinados lugares tidos como centrais. Alguns autores brasileiros propuseram tal discussão da centralidade com certas diferenças da abordagem proposta por Christaller, ainda que não percam completamente o contato com a teoria dos lugares centrais. Dessa maneira, pode-se destacar Roberto Lobato Corrêa. Para ele:

A partir do começo do século XX, o processo de centralização e a sua correspondente forma espacial, a Área Central, passaram a ser sistematicamente considerados pelos estudiosos do fenômeno urbano. Economistas como Hurd e Haig, e sociólogos como Mckenzie abordaram a temática em pauta. Este interesse revela a magnitude do processo e da forma espacial, bem como o seu significado para a cidade. De fato, a Área Central constitui-se no foco principal não apenas da cidade mas também da sua hinterlândia. Nela, concentram-se as principais atividades comerciais, de serviços, da gestão pública e privada, e os terminais de transportes inter-regionais e intra-urbanos. Ela se destaca na paisagem pela sua verticalização. (CORRÊA, 1989, p. 37 e 38).

Em sua análise, Corrêa traz algumas perspectivas para se debater a centralidade, mais especificamente sobre a Área Central nos estudos urbanísticos. É importante observar o contexto em que tais abordagens começam a ganhar destaque, não apenas na Geografia, como também na economia e na sociologia. No caso dos economistas, é visível as relações econômicas presentes nas áreas centrais, conforme aponta o autor principalmente nas atividades comerciais e de serviços (nesse caso, pode-se destacar a presença de serviços bancários como exemplo, que apresentam uma forte ligação com a economia). Já na questão sociológica, é visível nas relações sociais que se estabelecem nesses espaços, tanto no sentido econômico, como apenas em um espaço de convívio.

Outro ponto a se observar é a questão da funcionalidade presente nestas áreas, a exemplo dos terminais de transporte que vão promover o fluxo de pessoas entre suas localidades e as áreas centrais, além da verticalização que pode ser vista como um fenômeno muito presente nesses lugares. Outros autores brasileiros discutem a temática da centralidade urbana através das Redes urbanas ou no viés da funcionalidade dos centros.

O conceito de centralidade possui uma proximidade com outros conceitos, como centro, subcentro, que, apesar de próximos, não são sinônimos, pois cada um possui suas particularidades, inclusive na escala de atuação. A centralidade está ligada diretamente com as atividades centrais desenvolvidas em uma determinada localidade. Por isso, é importante destacar que tal conceito estava ligado, inicialmente, à concentração urbana, dando ênfase nas características produtivas de determinadas atividades. Nesse último ponto, é comum ver a centralidade das cidades atribuídas, principalmente, a sua função enquanto centro urbano, na medida em que estas cidades conseguem ofertar bens e serviços para pessoas de outras localidades. Para Souza, 2011:

A centralidade de uma cidade, já se viu, é função, acima de tudo, de sua capacidade de ofertar bens e serviços para outros centros urbanos, estabelecendo, desse modo, uma área de influência. Essa centralidade, portanto, é de natureza, acima de tudo, econômica. Uma cidade será tanto mais complexa e possuirá uma posição tanto mais elevada na hierarquia da Rede urbana, quanto mais ela possuir capacidade de ofertar bens e serviços e capturar uma área de influência maior. (SOUZA, 2011, p. 57).

Souza apresenta uma importante contribuição para a centralidade que perpassa pela funcionalidade das cidades por meio dos bens e serviços oferecidos, bem como sua capacidade de influenciar outras cidades com um atrativo vinculado ao que a centralidade oferece não apenas para sua população, como, também, para os sujeitos oriundos de municípios vizinhos. Outra questão significativa que é apontada nessa contribuição, trata-se do cunho econômico presente na localidade central, mostrando que essa atratividade perpassa por esses fatores. É importante ressaltar a presença da Rede urbana nessa discussão, reforçando a ideia de que tal abordagem se faz presente junto ao estudo das Redes, de forma que a funcionalidade da cidade (sua capacidade de ofertar bens e serviços) será proporcional ao seu grau de complexidade e posicionamento na Rede. Para Oliveira Junior (2008):

De acordo com as análises de Sposito (2006), depreende-se que centralidade compreende um princípio de proximidade que resulta na estruturação das cidades médias como área ou Região. Embora, no momento atual, a proximidade, que condiciona a estruturação da cidade em área ou Região —

e expressam a centralidade da cidade —, não possa ser o único ou principal aspecto da definição desta categoria de cidades, que se encontram atualmente inseridas nas possibilidades oriundas da conectividade. Isso implica na inserção das cidades médias em Redes de articulações de diferentes escalas espaciais que não necessariamente necessitem de continuidades territoriais, o que significa que paralelamente ao seu papel regional, as cidades médias exercem novos papéis. Desta forma, cumpre compreender como e porque no momento atual os papéis das cidades médias se modificam e se Redefinem. (OLIVEIRA JUNIOR, 2008, p.209).

A ideia de centralidade passa por elementos significativos para o seu entendimento, sobretudo nas cidades médias. Na citação acima, é possível perceber alguns desses elementos que tornam singular esse tipo de centralidade nas cidades deste porte. A princípio, o autor trabalha com a questão da proximidade entre as cidades, consumando tal característica em uma determinada Região. Porém, é feita a ressalva de que esse não é o único aspecto que se estabelece para o exercício de uma determinada centralidade. Outros fatores também englobam este universo na medida em que se tornam elementos importantes para que uma cidade exerça uma centralidade. A escala de abrangência se faz necessária para entender até que ponto uma cidade exerce uma centralidade em uma dada localidade e até que ponto ela é influenciada por uma outra centralidade, se posicionando como um nó dentro da Rede urbana por meio da sua funcionalidade e das relações que estabeleceu com as demais localidades. Para Corrêa:

Uma das mais tradicionais vias de estudo da Rede urbana pelos geógrafos é aquela que se interessa pela classificação funcional das cidades. Esta abordagem tem como pressuposto a existência de diferenças entre as cidades no que se refere às suas funções. E que o conhecimento dessa diferenciação é relevante para a compreensão da organização espacial, na qual a divisão territorial do trabalho urbano é uma das mais expressivas características. (CORRÊA, 1989, p.10)

O autor aponta um dos principais caminhos seguidos pelos geógrafos que pesquisam as Redes urbanas: a classificação das cidades pautada nas suas funcionalidades. Essa compreensão é importante, pois retrata cada cidade de acordo com a função dentro da Rede e esse aspecto pode definir sua posição na hierarquia urbana. Outro ponto a ser destacado neste quesito é a o papel da Rede na organização espacial e como isso pode ser refletido nas funções desempenhadas pelas cidades. Isto posto, Roberto Lobato Corrêa destacou a questão da divisão territorial do trabalho urbano como uma das maneiras de se visualizar a organização espacial a partir das Redes e isto revela como as funções desempenhadas nas

idades rebatem diretamente no trabalho desempenhado nelas contribuindo diretamente na divisão territorial do trabalho.

Outro aspecto importante a se considerar para a discussão sobre Rede urbana e centralidade é o aspecto econômico nessa funcionalidade. Nesse quesito, as cidades de porte médio se destacam na Rede por exercer uma centralidade em relação às cidades menores ao seu entorno, uma vez que elas tendem a ofertar produtos e serviços que atraem a população dos municípios vizinhos, ao mesmo tempo que podem se beneficiar das relações estabelecidas em múltiplas escalas. Para Spósito (2008):

É importante notar que a formação das Redes de cidades, cujo componente principal é a metrópole que é a cidade em Rede – ocorre, também, com a participação das aglomerações de tamanho médio. A estrutura em Rede de cidades permite que as de porte médio se beneficiem das economias de escala e da intensidade das interações reservadas, em primeira instância, às chamadas cidades globais. (SPÓSITO, 2008, p.130)

De acordo com a citação, é válido destacar o caráter econômico das Redes, em especial das cidades médias que possuem um grande respaldo na centralidade na medida em que tais cidades se beneficiam dos processos mantidos pelas cidades globais. Dessa forma, ao mesmo tempo em que as cidades médias se ligam aos grandes centros em uma perspectiva econômica, seja com a oferta imediata de serviços, seja com uma ligação no sentido de dependência das grandes cidades, paralelamente, essa relação também pode se reproduzir com as cidades pequenas de forma semelhante à relação com as cidades grandes, porém, neste caso, os papéis se invertem e a centralidade passa a se fazer presente na cidade média, se polarizando e se beneficiando das relações socioeconômicas estabelecidas com as pequenas cidades.

Com os avanços do capitalismo, fica evidente um papel assumido pelas Redes na articulação econômica entre diversas localidades na medida que, em um mundo globalizado, as relações socioeconômicas se materializam e conseguem penetrar nas particularidades locais. Com isso, a abordagem proposta por intermédio das Redes ganha mais um significado atrelando-se, por exemplo, às grandes Redes corporativas e suas estratégias para se fazer presente em múltiplas localidades com uma flexibilização do que é produzido para atender às exigências de um determinado contexto local. Segundo Santos (2006):

Nas atuais condições, os arranjos espaciais não se dão apenas através de figuras formadas de pontos contínuos e contíguos. Hoje, ao lado dessas manchas, ou por sobre essas manchas, há, também, constelações de pontos

descontínuos, mas interligados, que definem um espaço de fluxos reguladores. As segmentações e partições presentes no espaço sugerem, pelo menos, que se admitam dois recortes. De um lado, há extensões formadas de pontos que se agregam sem descontinuidade, como na definição tradicional de Região. São as horizontalidades. De outro lado, há pontos no espaço que, separados uns dos outros, asseguram o funcionamento global da sociedade e da economia. São as verticalidades. O espaço se compõe de uns e de outros desses recortes, inseparavelmente. É a partir dessas novas subdivisões que devemos pensar novas categorias analíticas. (SANTOS, 2006, p.192)

Para Santos (2006), os arranjos espaciais na contemporaneidade vão além de simples pontos contínuos interligados no espaço, pois nesta relação existem outros pontos que não apresentam a continuidade de outros contextos, no entanto, ainda assim, continuam interligados. Isto reforça a ideia de um espaço mais complexo em relação às Redes e às novas formas de conexão, bem como pressupõe a existência de novos elementos na Rede com distintas funções, porém com o mesmo papel nas conexões em múltiplas escalas. É neste contexto que o autor traz a discussão de horizontalidade e verticalidade. Com isso, é possível observar que, enquanto a horizontalidade está ligada às formas anteriores de estudos regionais que apresentam uma continuidade/contiguidade nas suas conexões e que não desapareceram na sociedade atual, a verticalidade traz uma nova forma de enxergar os pontos no espaço, nesse caso, sem uma continuidade/contiguidade, porém, com cada ponto contribuindo para o funcionamento global. Para Moreira (2007):

A contigüidade é o plano que integra as relações internas numa única unidade de espaço. É a horizontalidade. A nodosidade é o plano que integra as relações externas com as relações internas da contigüidade. É a verticalidade. Cada ponto local da superfície terrestre será o resultado desse encontro entrecruzado de horizontalidade e de verticalidade. E é isso o lugar. O pressuposto é a Rede global. (MOREIRA, 2007, p.60)

Moreira (2007) faz algumas considerações relevantes para as noções de verticalidade e horizontalidade propostas por Milton Santos. Nesse caso, deve-se ressaltar o pressuposto trazido pelo autor sobre a existência de uma Rede global que engloba verticalidade e horizontalidade. Dessa forma, os pontos encontrados nesta Rede serão resultados da junção da verticalidade (estes “nós” descontínuos, mas interligados, conforme aponta Santos, 2006) com a horizontalidade (os fluxos contínuos presentes nos estudos tradicionais).

Um dos elementos significativos para a consumação da noção de Redes de Milton Santos é a questão dos fixos e dos fluxos que possibilitam a compreensão dos múltiplos elementos de uma Rede. Nessa perspectiva, Ferraz (2009) declara:

Assim, o estudo de Rede permitiu compreender a complexidade das relações dos sistemas de objetos e dos sistemas de ação, e não somente o estudo dos fixos tomados de maneira isolada entre si e entre os fluxos ou a análise dos fluxos, com relação a sua variedade e sua relação com os fixos. Quando se fala de fixos e fluxos nas Redes, compreende-se que as relações se fazem presentes e que, portanto, estão contextualizadas num espaço de fixos e fluxos, e não meramente num espaço onde fixos e fluxos podem ser examinados. (FERRAZ, 2009, p.202)

Assim, ao se estudar uma Rede, existe uma relação complexa na qual os fixos e os fluxos não podem ser analisados de maneira isolada, já que ambos estão diretamente ligados. Com isso, é importante ressaltar as relações estabelecidas entre estes dois elementos que estão inerentes no espaço, uma vez que os fixos materializados dão suporte aos fluxos. Outro aspecto importante é que pensar em Redes, fixos e fluxos, implica analisar estes elementos em uma multiplicidade de variantes presentes na análise socioespacial. Se pensar a Rede urbana de uma determinada Região, por exemplo, apesar de a ligação ser efetivada entre as cidades, existem diversos fixos e fluxos diferentes que dão suporte a essa Rede e, logo, não se trata de um fenômeno isolado, mas sim multidimensional. Para Santos (2006):

Os elementos fixos, fixados em cada lugar, permitem ações que modificam o próprio lugar, fluxos novos ou renovados que recriam as condições ambientais e as condições sociais, e Redefinem cada lugar. Os fluxos são um resultado direto ou indireto das ações e atravessam ou se instalam nos fixos, modificando a sua significação e o seu valor, ao mesmo tempo em que, também, se modificam (Santos, 1982, p. 53; Santos, 1988, pp. 75-85). Fixos e fluxos juntos, interagindo, expressam a realidade geográfica e é desse modo que conjuntamente aparecem como um objeto possível para a geografia. Foi assim em todos os tempos, só que hoje os fixos são cada vez mais artificiais e mais fixados ao solo; os fluxos são cada vez mais diversos, mais amplos, mais numerosos, mais rápidos. (SANTOS, 2006, p. 38).

Santos (2006) ressalta a significância dos fixos e dos fluxos para as modificações de cada lugar a medida em que a presença de um determinado fixo em cada lugar proporciona também a presença de novos fluxos (nesse ponto, fixos e fluxos se conectam) e, conseqüentemente, podem redefinir um determinado lugar. Logo, fixos e fluxos não podem ser analisados de maneira separada, para a compreensão do espaço geográfico. No entanto, o autor ressalta que,

no contexto atual, este fenômeno pode ser cada vez mais complexo, pois enquanto os fixos estão mais artificiais e, ao mesmo tempo, ligados ao solo, os fluxos possuem uma maior diversidade aliada a uma velocidade significativamente superior a outrora (como no caso das transações econômicas, por meio da internet) e, com esta complexidade das Redes, devido as suas múltiplas variáveis, tornam-se mais fluidos, mais numerosos e impactantes no espaço geográfico.

Os fluxos, de todo tipo – das mercadorias às informações pressupõem a existência das Redes. A primeira propriedade das Redes é a conexão – qualidade de conexão -, que tem ou em que há conexão, ligação. Os nós das Redes são assim lugares de conexões, lugares de poder e de referência, como sugere RAFFESTIN. É antes de tudo pela conexão que a Rede solidariza os elementos. (DIAS, 1995, p.148)

Conforme Dias (1995), com a existência de fluxos, de qualquer tipo, deduz-se a existência de Redes. A autora trata desta questão por meio da sua capacidade de conexão que, segundo ela, é a primeira propriedade da Rede. Outro aspecto relevante discorrido por ela, com referência a Raffestin, é o fato da conexão ser o ponto em que a Rede solidariza os elementos. Tal pensamento é importante, pois os fluxos, por si só, são móveis e fluidos, logo, a Rede deve se solidarizar nos pontos de conexão. Uma Rede que ganha notoriedade nas discussões acerca dos fluxos é a Rede geográfica, que, segundo CORRÊA (2012, p.200), “entendemos por Rede geográfica o conjunto de localizações humanas articuladas entre si por meio de vias e fluxos”. Esta Rede apresenta algumas particularidades, tanto por conta do fator locacional, quanto os meios que proporcionam tais fluxos, além de estar interligada às questões humanas.

As Redes geográficas são Redes sociais espacializadas. São sociais em virtude de serem construções humanas, elaboradas no âmbito de relações sociais de toda ordem, envolvendo poder e cooperação, além daquelas de outras esferas da vida. [...]

Ela se torna geográfica quando nós a consideramos em sua espacialidade. A Rede em tela está, de fato, espacializada, mas nem sempre a consideramos sob esse ângulo. A passagem de uma Rede social para uma Rede geográfica se dá quando assim a consideramos, a despeito de sua necessária espacialidade, expressa em localizações qualificadas, e com interações espaciais entre elas. (CORRÊA, 2012, p.200 e 201)

Corrêa (2012) propõe que as Redes geográficas, em princípio, são Redes sociais em razão da sua relação humana nos múltiplos elementos que a compõem. Por exemplo, a Rede

financeira de uma determinada instituição, sem o plano espacial, é uma Rede construída por humanos, conectando socialmente múltiplas pessoas ou instituições. Com isso, a Rede ganha um contexto geográfico a partir do momento em que se considera sua distribuição espacial em relação aos elementos que ela conecta. Além disso, deve-se mencionar o caráter geográfico também quando a Rede passa a interagir com o espaço, produzindo-o, reproduzindo-o e (re)organizando-o. Outra contribuição para os estudos da Rede geográfica é a proposta de FERRAZ (2009) com a ideia de que trata-se de um conceito multifário.

O conceito de Rede tem propriedade multifária. Quando utilizado em análises geográficas, ele é imbricado de elementos, tais como conexidade, fixos, nós, sistemas de objetos, fluxos, linhas, sistemas de ações, fluidez, horizontalidade, verticalidade, entre outros. Esses elementos consubstanciados dão suporte ao próprio conceito, e a sua análise permite perscrutar a cidade para além da própria cidade. A cidade se expressa como uma realidade geográfica numa articulação de diferenças, pois os processos não se realizam da mesma forma em todos os lugares. (FERRAZ, 2009, p.39)

De acordo com Ferraz (2009), o conceito de Rede, atrelado às análises geográficas, ganha diversos elementos, conforme listados pela autora, os quais, estão imbricados na própria noção da Rede. Este pensamento reflete como as Redes não podem ser compreendidas em sua totalidade a começar de único pressuposto, mas deve-se considerar os múltiplos aspectos que a compõem, sendo que, cada um deles, assumirá um papel nesta Rede. Em relação à cidade, essa noção de Rede multifária se estabelece de maneira mais acentuada, uma vez que, em muitos casos, a cidade é composta, na sua dinâmica interna e externa, por estes diversos elementos que precisam ser levados em consideração para se compreender a Rede geográfica.

Atualmente, uma das leituras mais disseminadas na ciência geográfica é a relação das Redes com o Território. Esta relação tem ganhado folego nas discussões contemporâneas, e, conseqüentemente, se destacando com as novas perspectivas para a produção do espaço geográfico. É inevitável reconhecer que, no período atual, as Redes têm se tornado cada vez mais complexas e se estabelecido de maneira definitiva nas diversas territorialidades, marcando e influenciando diretamente na (re)construção de novos e velhos Territórios. Alguns fatores políticos também tem se manifestado para que essa discussão tenha ganhado tanto fôlego na atualidade, dentre elas, as novas regionalizações pautadas nas Redes e nos Territórios. Sobre essa relação, Santana (2013) afirma:



É preciso iniciar este tópico com uma afirmação: Redes e Territórios não se excluem. Não são elementos dicotômicos nos quais a existência de um pode significar a inexistência ou desaparecimento do outro; entretanto, frequentemente, surgem afirmações sobre o fim do espaço ou do Território, dado lugar a um espaço de fluxos contínuos, da fluidez ininterrupta e eterna, fruto de uma visão da afirmação capitalista da circulação como elemento unívoco da sociedade em Rede. (SANTANA, 2013, p.63).

Essa afirmação inicial de que Redes e Territórios não se excluem é importante pois indica a vertente teórica que se pretende abordar ao longo deste texto. Nessa perspectiva, entende-se que os conceitos aqui trabalhados, em ambas as categorias, não são “rivais” e o pesquisador não precisa optar por uma ou outra, mas pode utilizá-las de forma conjunta, já que as Redes possuem a capacidade de articulação territorial. Outra questão da abordagem reticular no Território se faz presente na forma como as Redes modificam a ideia de proximidade através da sua dinâmica circulatória e fluidez mercadológica e como essa questão está intrínseca às análises geográficas e seus fenômenos. Para Ueda (2008):

Acrescenta-se ainda que não se pode falar das Redes analisando somente a matriz técnica e sim como este vai modificar as relações no Território, tendo como ponto de vista o tempo (através das Redes permanentes) e as distâncias (uma vez que as Redes dilatam ou contraem o espaço). A mobilidade e a rapidez das Redes promovem que a noção de proximidade, e os indivíduos não podem ser deixados de lado ou “fixados” no Território. As Redes combinam-se produzindo e reforçando os efeitos de polarização em razão dos fenômenos sociais como a urbanização ou a evolução de modos de vida. Promovendo a simultaneidade dos Territórios em função das suas atividades caracterizadas por diferentes temporalidades (UEDA, 2008, p.79).

A abordagem proposta por Ueda abrange uma contribuição significativa sobre a relação entre Redes e Território, na medida em que aponta a ação das Redes na modificação dos Territórios. Nesse caso, a autora trata da questão da temporalidade partindo do princípio das Redes permanentes que se estabeleceram no Território e, da distância, um elemento importante que pode ser “encurtado” por meio das Redes, ao se articular territorialidades distantes através da interação proporcionada pelas Redes. Um dos aspectos mais importantes da leitura realizada por Ueda é sobre a simultaneidade dos Territórios. Tal característica é possível na abordagem reticular, uma vez que as relações estabelecidas pelas Redes permitem que se vivencie diferentes Territórios simultaneamente. Haesbaert traz, dentro da sua conceituação sobre o Território, algumas importantes considerações interligadas à relação entre Território e Rede. O autor define a concepção de ‘Territórios-Rede’. Segundo ele:

Numa concepção reticular de Território ou, de maneira mais estrita, de um Território-Rede, estamos pensando a Rede não apenas enquanto mais uma forma (abstrata) de composição do espaço, no sentido de um “conjunto de pontos e linhas”, numa perspectiva euclidiana, mas como o componente territorial indispensável que enfatiza a dimensão temporal-móvel do Território e que, conjugada com a “superfície” territorial, ressalta seu dinamismo, seu movimento, suas perspectivas de conexão e “profundidade”, relativizando a condição estática e dicotômica (em relação ao tempo) que muitos concedem ao Território enquanto Território-zona num sentido mais tradicional. (HAESBAERT, 2007, p.286 e 287).

Esse ponto de vista apresentado por Haesbaert é fundamental para a proposta, aqui apresentada, pois mostra exatamente uma forma de conceber os estudos territoriais correlacionando-os com as Redes por intermédio dos Territórios-Rede. O autor trabalha em uma leitura de que as Redes dão certo dinamismo no Território e são fundamentais nas conexões estabelecidas entre as múltiplas territorialidades. Isso revela o potencial das Redes em alusão a uma abordagem conjunta com o Território, na medida em que, conforme dito anteriormente, nessa conceituação, ambas as categorias não se negam, porém, o Território encontra nas Redes um suporte, não apenas do ponto de vista técnico, mas, também, como forma de articulação territorial e meios de circulação de mercadorias, informação e pessoas influenciando diretamente na própria (re)construção de uma determinada territorialidade.

## **2.2 Região e regionalização na contemporaneidade**

A categoria Região, historicamente, foi muito cara à geografia e possui alguns dos conceitos mais confusos na sua compreensão. As diversas variações conceituais criadas para a Região caminharam paralelas às várias mudanças sofridas pela própria geografia. Com isso, percebe-se que se trata de uma temática que foi massivamente discutida, mesmo que com uma conceituação variável de acordo com o contexto em questão. Este tripé, entre o contexto contemporâneo às discussões geográficas, a própria Geografia enquanto ciência e os diversos conceitos de Região, é de suma importância para a compreensão do que esta categoria representou e ainda significa dentro da ciência geográfica, pois, estão intimamente ligados, na medida em que a Região influenciou a Geografia e vice-versa.

Com o dinamismo espacial, e suas mudanças contextuais, todas as categorias geográficas sofreram significativas alterações nos seus conceitos e nas suas abordagens teóricas e

metodológicas. Diante disso, o conceito de Região foi um dos que mais passou por modificações ao longo da história até o período contemporâneo. Para Haesbaert (2010):

Região é um conceito muito caro aos geógrafos. Apesar de sua ampla utilização por outros cientistas sociais [...], é na Geografia que ele adquire maior centralidade, a ponto de ter sido, durante determinada época e para muitos autores, definidor do próprio “paradigma” hegemônico da disciplina. Como já afirmamos (Haesbaert, 1999), trata-se sem dúvida do conceito geográfico mais pretensioso, na medida em que sempre se colocou, direta ou indiretamente, como o conceito “integrador” por excelência dentro da disciplina, seja com relação à integração entre sociedade e natureza ou entre urbano e rural, seja com relação à integração entre as múltiplas dimensões sociais [...]. (HAESBAERT, 2010, p.2).

Compreendendo isso, considera-se o conceito de Região como um dos mais complexos da ciência geográfica e isso acontece por diversos motivos. A questão contextual influenciou diretamente na forma como o conceito foi se moldando ao longo do tempo e na sua complexidade, entretanto, outros fatores também contribuíram nesta equação. Dentre eles, pode-se considerar o uso da Região como um conceito central dentro da própria Geografia. Durante certo tempo, Região assumiu o papel ocupado pelo Espaço como conceito-chave da Geografia. Essa abordagem se fez presente nesta ciência da proposta lablachiana. Para Moraes (2005):

Vidal de La Blache planejou uma obra coletiva, a Geografia Universal, que foi executada por seus discípulos, aproximando-os. Cada um escreveu sobre uma determinada porção do planeta. Neste trabalho, explicitaram um conceito vislumbrado por La Blache, que seria tomado como o balizamento central da Geografia francesa posterior – a “Região”. Esta era a denominação dada a uma unidade de análise geográfica, que exprimiria o espaço terrestre. Assim, a Região não seria apenas um instrumento teórico de pesquisa, mas também um dado da própria realidade. (MORAES, 2005, p.27).

As ideias lablachianas levam à centralidade da Região dentro da Geografia usando tal categoria como instrumento analítico. Nesse contexto, a Região era uma unidade de análise do espaço geográfico. Tal proposta se fez importante para a exploração do planeta, por meio da análise espacial em que as regiões se assumiam como recortes para pesquisa e catalogações de determinadas localidades terrestre. É válido ressaltar que essa abordagem teve sua origem na Geografia Física tratando de forma descritiva as regiões físicas e utilizando-as para um conhecimento amplo do globo terrestre. Esta leitura parte de um dos princípios da

individualidade, um dos mais marcantes no conceito de Região, na medida em que atribuía a uma determinada Região uma particularidade ou um conjunto de singularidades definidos e delimitados através da sua extensão. Esta visão reflete exatamente à proposta da Geografia naquele período, com uma compreensão do planeta como um todo, a partir da identificação das particularidades de cada Região.

Apesar deste início voltado para uma perspectiva física, a Região, ao decorrer dos estudos de Lablache, ganhou também um novo caráter voltado à questão histórica para a compreensão das relações entre sociedade e natureza. Alguns paradigmas foram fundamentais nesse período, tanto para a Região quanto para a própria Geografia, com destaque ao surgimento da Geografia Regional. Tal área do conhecimento geográfico se evidenciou principalmente nas notáveis monografias regionais, elaboradas naquele contexto, que visavam o detalhamento máximo de uma dada Região do globo terrestre. De acordo com Moraes (2005):

A idéia de Região propiciou o que viria a ser majoritária e mais usual perspectiva de análise do pensamento geográfico: a Geografia Regional. Esta, sem dúvida a mais costumeira forma de estudo empreendida pelos geógrafos, propõe a realização de monografias, análises circunscritas à área enfocada, que buscam chegar a um conhecimento cada vez mais profundo dela, pela descrição e observação dos fenômenos e elementos presentes, no limite tendendo à exaustão. Assim, os estudos da Geografia Regional esquadriavam o Globo, gerando um considerável acervo de análises locais. (MORAES, 2005, p.28)

A Geografia Regional surge neste período como um ramo de destaque dentro da ciência geográfica, por meio de análises que se pautavam na descrição e observação dos fenômenos que ocorriam ao longo do globo. Isso permitia um conhecimento amplo das características de cada local do planeta, mas com representação de uma visão descritiva desses lugares, ainda que tal descrição não se restringisse às características físicas das localidades. Nesse caso, ressaltavam-se, também, as questões históricas das sociedades locais, como um dos pontos cruciais para tal compreensão. Para Lencioni (1999):

Uma monografia regional deveria, na perspectiva lablachiana, conter uma análise detalhada do meio físico, das formas de ocupação, das atividades humanas e de como o homem se ajusta à natureza. O olhar sobre a natureza deveria conter uma perspectiva histórica na análise da relação homem-meio. Fundamentalmente, a monografia regional deveria estabelecer a integração dos elementos físicos e sociais e acrescentar uma visão sintética da Região. (LENCIONI, 1999, p.105).

Conforme aponta Sandra Lenioni, os estudos regionais, dados por meio das monografias regionais da época, traziam a junção de um olhar físico e humano na Região, ainda que, como dito anteriormente, em uma perspectiva descritiva. Nesse caso, fica evidente a relação entre o homem e a natureza, na relação homem-meio. Esta síntese é formada de conhecimentos obtidos em relação ao meio físico, buscando um conhecimento geral da Região. Tal perspectiva foi importante, na medida em que compôs uma das formas de análise das regiões pelo planeta e consumou em um amplo apanhado de informações do espaço global.

Após este período, os estudos geográficos foram se modificando e a Região passou a não ser mais o principal conceito da ciência geográfica. Sua própria abordagem foi alterada, uma vez que as análises desenvolvidas no período contemporâneo à Nova Geografia vinham com uma abordagem positivista. A Região, neste contexto, rompe, de forma significativa, a abordagem lablacheana, trazendo consigo novos pressupostos da análise regional. Nessa leitura, pode-se destacar a presença dos arranjos espaciais modernos marcados pela interação espacial proporcionada pelas Redes urbanas. Desta forma, a regionalização passa a ser entendida como técnica de classificação espacial com uma proposta matematizada, contendo elementos como a hierarquização de áreas e o agrupamento em arranjos espaciais. Para Léda (2011):

Os modelos espaciais que foram mais utilizados para explicar a lógica de integração e hierarquização das regiões funcionais foram, predominantemente de inspiração neoclássica, ou seja, explicações baseadas em teorias econômicas que definem a livre circulação dos fatores (capitais, mão-de-obra, bens e serviços) como a essência do mercado no qual todos os agentes (produtores e consumidores) tendem a agir sempre de acordo com decisões racionais que visam a minimização dos custos e a maximização dos ganhos, de forma que a economia tende a um equilíbrio duradouro. (LÉDA, 2011, p.2).

Essa visão teórico quantitativa da Região trouxe sérias mudanças para a ciência geográfica, baseada, sobretudo, no contexto em que as ciências sociais vivenciavam. A ideia era a de que, para ter caráter científico, deveria ter um viés matematizado nas ciências, com exatidão e uma funcionalidade. Foi nessa perspectiva que o conceito de Região sofreu algumas das suas mais profundas mudanças, passando a Região a ter “utilidade”, principalmente, para o planejamento e baseada em modelos neoclássicos, com uma estrutura hierárquica e ideias voltadas para o planejamento. Os critérios de classificação tinham uma direção baseada em modelos de cunho econômico, pensadas por intermédio do mercado de forma racionalista.

Posterior à Nova Geografia, vem a Geografia Crítica e, novamente, o conceito de Região e a abordagem regional mudam radicalmente. Nesta proposta, seu conceito passa a apresentar uma análise crítica, voltada às várias questões presentes naquele contexto. Um dos pressupostos para tal proposição teórica é a nova divisão territorial do trabalho com os processos pelos quais se estabelecem, levando em consideração os grupos sociais e suas territorialidades. Assim, propor novas delimitações regionais implica em analisar as subdivisões do espaço, dando ênfase aos fatores que contribuem para estas divisões, como as relações de poder, desenvolvimento da própria hierarquia regional, mantendo o foco nos processos de exclusão, diferenciação e integração que tendem a redefinir regiões.

Conforme analisado, o conceito de Região passou por diversas modificações ao longo da sua existência, sendo essas mudanças baseadas nos paradigmas da própria Geografia e nos contextos vivenciados. Tais alterações proporcionaram certo desgaste ao conceito que ficou saturado e até minimizando sua importância na opinião de alguns estudiosos contemporâneos da ciência geográfica. Apesar destas abordagens, a compreensão do que vem a ser Região tem se atualizado e se reinventado com elementos cotidianos que têm crescido bastante tanto nos seus métodos de análise quanto na própria definição.

No contexto atual, a abordagem regional já não se limita mais à simples divisão de área visível (ou percebida) na paisagem, como também em processos que estão muito além do que se pode perceber através da observação, já que inclui elementos socioespaciais complexos que podem dificultar a compreensão de uma determinada Região. Tais processos permitem novas leituras relacionadas às regiões, se adequando às particularidades contemporâneas, todavia, essas concepções permitem, ainda, uma releitura da abordagem regional não só no que se refere a uma determinada Região na prática, como do próprio conceito.

Compreendendo a Região como um conceito repleto de fenômenos na sua definição é perceptível que tal conceituação apresenta uma polissemia, conforme aponta Haesbaert, e na medida em que seu uso é múltiplo, é possível identificar uma leitura pautada no senso comum quando, por exemplo, alguém, sem visão científica do conceito, se refere ao termo para fazer referência a uma determinada localidade, independentemente de ser de fato uma Região ou não (do ponto de vista acadêmico). Em relação a essa abordagem, a noção de Região pode ainda ter diversas interpretações, como a questão da identidade de uma dada localidade ou, ainda, da centralidade (quando se refere, por exemplo, à noção da Região de uma cidade para se referir ao seu entorno ou áreas próximas). Além desse aspecto, a Região pode ser vista, agora, em cunho científico, desde a própria divisão de área, na sua abordagem mais clássica,

até uma Região estabelecida a partir de novos elementos, como as Redes. Para Haesbaert (2010):

A polissemia com que o termo se revestiu torna-se muito evidente a partir de concepções extremamente amplas como a de “esfera de domínio de algo” ou de “espaço ocupado por alguma coisa”. Por outro lado, o sentido mais restrito, originalmente ligado a relações de poder, vinculado à própria raiz do termo, regere, comandar (Região como área de comando, “domínio” ou reino), acabou aos poucos perdendo terreno, permanecendo, entretanto, a característica do “poder” que impõe toda divisão regional, especialmente quando vinculada à figura do Estado. (HAESBAERT, 2010, p.3).

Uma das ênfases dada ao conceito de Região por Rogério Haesbaert é sua caracterização em relação à questão do poder. Nesse caso, tem-se uma abordagem política da Região, no sentido de gerenciamento estatal e “imposição”, conforme cita o autor, de uma determinada divisão regional. Porém, não se restringindo a esse tipo de relação, a Região pode se correlacionar com a questão do planejamento, por meio de uma perspectiva político estatal. Quando se fala em Região e planejamento, inevitavelmente, o que vem na mente dos estudiosos da Geografia é a abordagem regional proposta na geografia teórica e quantitativa, a qual tinha um viés matematizado voltado ao planejamento, pautada na organização espacial e modelos matemáticos pré estabelecidos.

Apesar de ser considerada por muitos estudiosos como uma das piores fases da ciência geográfica, tendo em vista a ausência de uma análise crítica nos estudos espaciais (e regionais) e uma racionalização exacerbada das ciências, o referido período trouxe importantes contribuições para a Geografia, as quais ficaram, em alguns casos, esquecidas durante a geografia crítica e retornaram, na década de 1990 e início do século XXI, com uma evolução teórica dos estudos anteriormente propostos, permitindo uma releitura destas teorias na análise socioespacial contemporânea.

Um dos pontos de discussão que ressurgiu em meados da década de 1990 correlacionado à Região foi o planejamento, o qual não tem mais um caráter exclusivamente técnico, mas, sim, voltado a uma proposta participativa da população, visando atender aos interesses sociais (e do capital). Outra discussão que retornou, nesse contexto, é a discussão de Redes e regiões, entretanto, não se estabelecendo modelos reticulares matematizados sobre os núcleos urbanos, mas, sim, pensando a Rede no princípio de nós e linhas articulados contando diversos elementos como os fluxos, serviços ofertados, os fixos e, conforme aponta Milton Santos (2006), trazendo uma visão dessas regiões que não se restringem a modelos lógicos

matematizados, porém, compreendidos após uma análise crítica da Rede e das suas articulações no contexto da globalização.

Tão importante quanto o conceito de Região, uma das principais bases desse conceito é a regionalização. Pensando a regionalização como processo formador de regiões, é evidente o papel dos diversos processos e agentes socioespaciais nas regionalizações contemporâneas. Tais elementos são de suma importância para a compreensão de uma determinada Região, pois constituem uma parte significativa do processo de regionalização. Nessa perspectiva, regionalizar assume o papel de organizar, definir e/ou dividir o espaço de acordo com uma ou várias particularidade. Para Léda (2009):

A abordagem se fundamenta na concepção de Região como categoria que expressa particularidade, especificidade e de regionalização como processo de produção/reprodução dessas formas particulares de organização socioespacial, envolvendo sistemas e relações econômicos, políticos e socioculturais, articuladas ao Território nacional e à dinâmica do desenvolvimento desigual e combinado do capitalismo global. (LÉDA, 2009, p.1)

Conforme abordado pelo autor, uma das formas de se pensar a regionalização é na perspectiva processual, a qual produz e reproduz particularidades que determinam as regiões. É importante, nesse caso, visualizar a Região como parte de um todo definida de acordo com particularidades. A regionalização, por sua vez, assumirá o papel de processo que deve identificar e determinar a produção/reprodução de tais especificidades, bem como, estabelecer os critérios para a definição de uma dada Região. É importante mencionar que esta proposta não se restringe a um único tipo de Região, podendo abarcar desde as regiões naturais, definidas por particularidades físicas, até regionalizações políticas, pensadas a partir de critérios definidos pelo próprio Estado. Para Haesbaert (2010):

Regionalizar, no seu sentido mais amplo e relacionado a uma de suas raízes etimológicas, enquanto “recortar” o espaço ou nele traçar linhas, é uma ação ligada também ao sentido de orientar(-se) – como na antiga concepção de “Região” dos áugures (adivinhos) romanos que, através de linhas ou “regiões” traçadas no céu pretendiam prever o destino de nossa vida aqui na Terra. (HAESBAERT, 2010, p.3).

Em princípio, regionalizar está intimamente ligada à ideia de criação de regiões. Conforme aponta Haesbaert, ao tratar no sentido mais amplo este termo, é possível usar a regionalização ao se definir uma área de um todo, por meio de um recorte espacial ou para se referir a uma determinada localidade. Por exemplo: quando se refere à Região de Vitória da



Conquista, para se referir às áreas próximas ao município ou que tenham algum tipo de ligação/identidade com esse lugar. O mesmo vale para definir regiões considerando um determinado aspecto, como uma área de um tipo específico de plantação em um latifúndio rural. Tais regionalizações não deixam de estar ligadas à diferenciação de áreas, mas, ao mesmo tempo, partem de uma particularidade para tal diferenciação.

Pensar em regionalização na atualidade implica compreender que trata-se de um processo dinâmico e diversificado e pode envolver diversos fatores acontecendo paralelamente em uma mesma regionalização. Um dos pontos primordiais para tal questão é o fenômeno da globalização, o qual, apesar de se fazer presente em diversos contextos, se manifesta de maneiras distintas, ao ponto de se adaptar às particularidades de cada Região. Pensando assim, entende-se a regionalização como algo complexo e, em alguns casos, abstrato na sua multiplicidade teórico-conceitual. Por conta disso, ao se trabalhar com regionalização, deve-se atentar aos processos responsáveis por definir as regiões, buscando uma compreensão, seja enquanto método de pesquisa, seja enquanto fenômeno determinante para a formação de uma regionalidade. De acordo com Haesbaert (2010):

Pensar em Região, assim, é pensar, antes de tudo, nos processos de regionalização – seja focalizando-os como simples procedimento metodológico ou instrumento de análise proposto pelo pesquisador, seja a partir de dinâmicas espaço-temporais efetivamente vividas e produzidas pelos grupos sociais – ou, em outras palavras, fundadas numa “regionalidade” vista para além de mera propriedade teórica de definição do regional. (HAESBAERT, 2010, p.5)

Conforme aponta o estudioso, para se pensar em uma determinada Região é preciso pensar no processo de regionalização. Esses processos, assim como a contextualização em que este fenômeno ocorre, são fundamentais para a compreensão do tipo de Região analisada. Neste caso, um dos destaques do autor é a regionalização estabelecida por meio de um procedimento metodológico enquanto instrumento proposto pelo pesquisador. Tal concepção é menos complexa, pois trata-se de uma regionalização a qual pode ser concebida como um recorte espacial para uma determinada finalidade, seja estudo e/ou planejamento. Outra concepção que Rogério Haesbaert traz, na citação acima, se refere à regionalização enquanto fenômeno que se estabelece por um determinado grupo em um dado contexto, o qual se torna mais complexo que o anterior, pois foge do controle de um simples recorte definido por um pesquisador e passa a envolver uma série de processos e sujeitos atrelados à regionalização.

Dentro das novas perspectivas para a regionalização pode-se considerar os ensaios desenvolvidos por pesquisadores com fins de planejamento (principalmente de cunho estatal), bem como a divisão de áreas pautada em algum aspecto ou fenômeno. Tais perspectivas de regionalização se fazem presentes como base para os principais estudos regionais da contemporaneidade. Vale destacar que o termo regionalização está intimamente ligado à Região. Dito isso, é válido ressaltar que os estudos regionais contemporâneos estão ligados às políticas de desenvolvimento territorial. Nessa perspectiva, surgiram algumas propostas relacionadas ao processo de regionalização, como a desenvolvida por Ana Clara Torres Ribeiro, que trabalha com a perspectiva de regionalização como fato e regionalização como ferramenta. Para ela:

O estudo da regionalização como fato, expressiva da gênese e da estruturação de regiões, depende da reconstrução histórica dos múltiplos processos que movimentaram e limitaram a ação hegemônica, como tão exemplarmente demonstrado por Francisco de Oliveira em *Elegia para uma re(li)gião: Sudene, Nordeste, planejamento e conflito de classes*. É exigida, neste estudo, a consideração do dinamismo econômico e das relações de classe na sociedade brasileira, assim como da evolução histórica do aparelho de governo. Trata-se da reflexão simultânea da estrutura espacial e da dinâmica sócio-econômica e político-jurídica da formação social brasileira. As práticas sociais, afinal, dependem das circunstâncias e das condições (materiais e imateriais) que enfrentam. (RIBEIRO, 2015, p.194 e 195).

Conforme afirmação da autora, a regionalização, como fato, parte de um princípio estrutural das regiões considerando os múltiplos processos envolvidos na definição de uma determinada Região. Uma das principais perspectivas seguidas por tal abordagem é a proposta voltada aos estudos de cunho estatal que reflete diretamente à organização social brasileira. Tal regionalização envolve aspectos econômicos, sociais, políticos e identitários, na construção de tais ensaios. Um dos pontos-chave dessa regionalização é a historicidade materializada no espaço que permite a análise e compreensão dos processos atrelados à formação de determinadas regiões. Esta abordagem é importante, pois permite uma análise qualitativa da formação socioespacial da Região, bem como os conflitos materializados no Território. Já a regionalização como ferramenta, por sua vez, apresenta algumas particularidades, sobretudo, nas finalidades das análises das particularidades de cada Região.

[..] a relevância da regionalização como ferramenta depende do conhecimento da regionalização como fato, já que desta advém recursos essenciais tanto à vida como ao lucro. Dela, também dependem as resistências sociais à ação hegemônica, o que traz a obrigação do

enfrentamento do enigma da regionalização democrática, ou seja, da socialização do direito de estabelecer fronteiras e divisões. (RIBEIRO, 2015, p.197).

A regionalização como ferramenta, segundo a autora, está ligada à regionalização como fato, na medida em que depende dela para ser estabelecida. Compreendendo como uma proposta para instrumentalizar o planejamento e o pensamento de políticas de desenvolvimento territorial, tal regionalização deve, mesmo com os seus objetivos, considerar os elementos que caracterizam a regionalização como fato (aspectos econômicos, sociais, políticos e identitários) para se desenvolver e possibilitar seu uso enquanto ferramenta estratégica. Sua prática, embora muito voltada para o Estado (sobretudo nas políticas de desenvolvimento territorial), também pode ser estabelecida em diversas instâncias, a exemplo do planejamento estratégico de uma determinada empresa para penetrar em uma determinada localidade. A ideia, neste tipo de regionalização, é estabelecer a Região com alguma finalidade específica, seja algum tipo de planejamento estratégico ou estudo de área.

No Brasil, ambos os tipos de regionalizações tem se desenvolvido em todo o seu período histórico até os dias atuais. Desde as clássicas regionalizações estabelecidas pelo IBGE, até as regionalizações estabelecidas em escala estadual, elas sempre estão ligadas a regionalização como fato (neste caso, pode-se destacar as regiões que ocorrem um determinado fenômeno, por exemplo, regiões indígenas ou quilombolas) e as regionalizações como ferramenta usadas para o planejamento e o desenvolvimento de políticas de desenvolvimento territorial, no caso das regionalizações de cunho estatal. As regionalizações como ferramenta, apesar desse viés mais técnico, podem se manifestar de distintas formas, de acordo com os diversos aspectos do espaço geográfico. Nesse caso, destaca-se uma regionalização que parte desse princípio: as regiões de influência das cidades, uma regionalização pensada para fins de planejamento, considerando a hierarquia urbana das cidades brasileiras.

Por fim, é perceptível a importância da Região na Geografia. Desde o início da ciência geográfica, o conceito acompanhou seu desenvolvimento e modificou-se de forma a se adequar às perspectivas de estudos do período em questão. Tais mudanças, no entanto, tiveram um efeito colateral nos estudos regionais na medida em que isso proporcionou um desgaste da categoria e no seu conceito, custando caro, inclusive, para a Geografia na busca do seu objeto de estudo. Intimamente ligado ao conceito de Região, está o de regionalização, enquanto processo que define as particularidades para a criação de uma determinada Região. Nessa perspectiva, deve-se ainda ressaltar a importância dos fenômenos no processo de regionalização, seja na regionalização como fato, que proporciona uma leitura da Região

conforme os fenômenos materializados no espaço, ou na regionalização como ferramenta, que utiliza da regionalização como fato, porém trabalha com a perspectiva de uma Região voltada ao planejamento de políticas públicas de cunho territorial. No contexto atual, as discussões regionais têm ganhado fôlego por conta dos projetos de desenvolvimento territorial, sabendo que Território e Região não são sinônimos, entretanto, as novas regionalizações têm tomado como base uma leitura do Território a partir dos processos que nele se materializam, seja a questão das Redes e sua polissemia no Território e/ou a questão identitária através da identidade territorial.

### 3 VITÓRIA DA CONQUISTA E SEUS ATRATIVOS

O município de Vitória da Conquista, localizado no Território de Identidade Sudoeste Baiano, possui uma importância significativa para a dinâmica deste Território, pois possui uma forte concentração de serviços na sua cidade que atendem pessoas não só do próprio município como também de outras localidades dentro e fora do Sudoeste Baiano, conforme visto durante a pesquisa de campo. Sua população, de acordo com o último censo do IBGE, publicado em 2010, era de 310.129. Atualmente, de acordo com o mesmo Instituto, Vitória da Conquista conta com cerca de 338.885 habitantes e é a terceira maior cidade da Bahia. Sobre as características da cidade, Sampaio (2013) expõe:

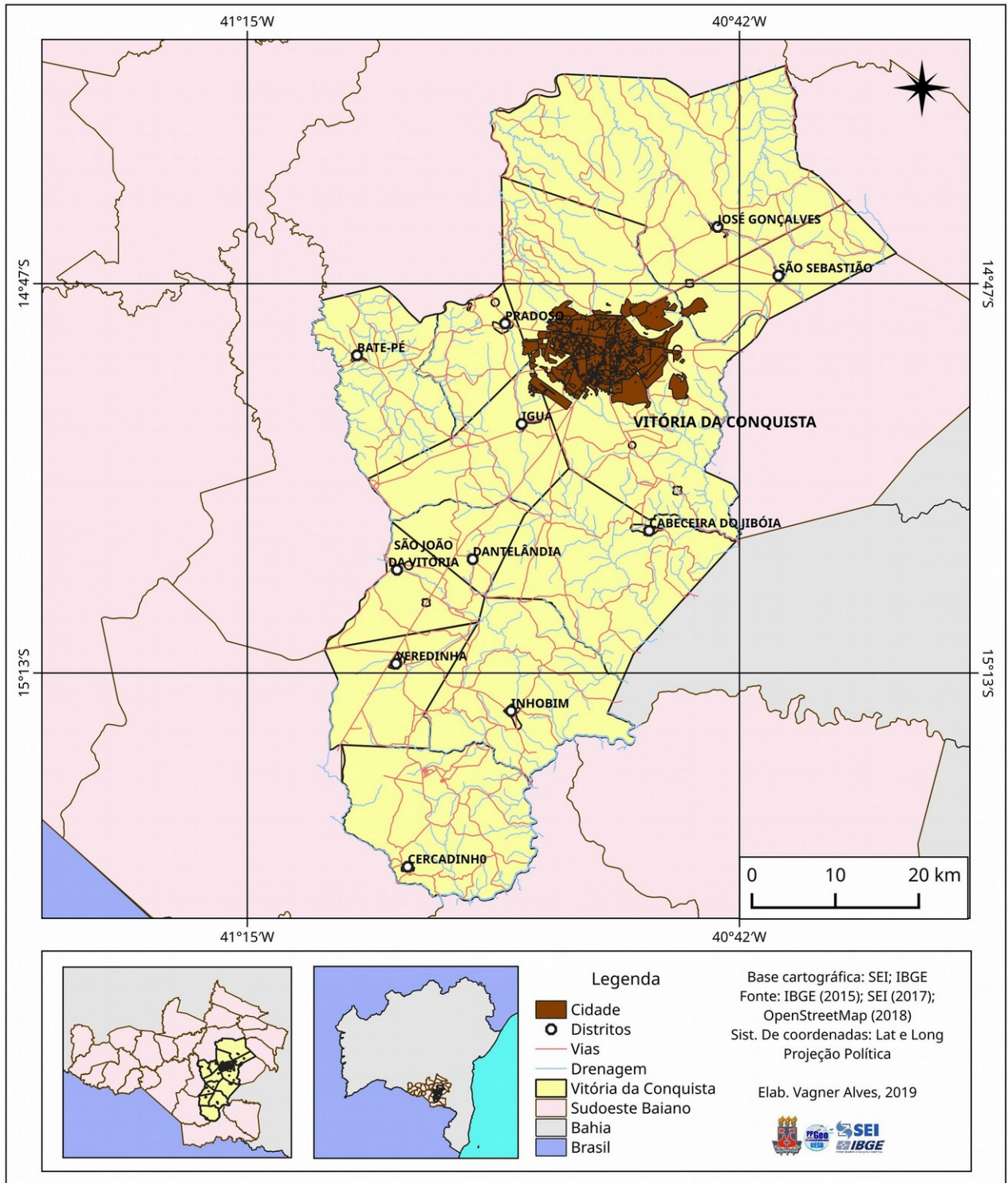
Sua sede se afirma como cidade média, pois dispõe de uma variedade de serviços e de facilidades para a circulação de pessoas e mercadorias, favorecendo a divulgação e escoamento de produtos e serviços, fortalecendo o comércio regional e atendendo a demanda da diversificada região. A cidade de Vitória da Conquista recebe migrantes permanentes como hoteleiros, empresários, comerciantes, atacadistas e profissionais liberais e temporários vindos de diferentes municípios da região, para estudar, fazer tratamentos de saúde ou compras no comércio. (SAMPAIO, 2013, p.20).

Conforme Sampaio (2013), a cidade de Vitória da Conquista é classificada como cidade média por conta dos seus serviços que atendem não apenas a população local, como também toda a região. Conseqüentemente, possui uma grande circulação de pessoas e mercadorias. Os serviços ofertados em Vitória da Conquista podem se estabelecer em vários tipos, como: comércio, educação, saúde, serviços jurídicos, bancários, entre outros. Nesse caso, todos contribuem, de certa maneira, para a atratividade de pessoas de outras localidades. Além disso, aproximadamente 90% da população do município está concentrada na área urbana. A área total do município, em 2010, era de 3.405,60km<sup>2</sup>, conforme o IBGE. Para Ferraz (2001):

O Município de Vitória da Conquista é composto por doze distritos, que são: Vitória da Conquista (distrito-sede), Bate Pé, Pradoso, Iguá, São Sebastião, José Gonçalves, Dantilândia, Cabeceira do Jibóia, São João da Vitória, Veredinha, Inhobim e Cercadinho. (FERRAZ, 2001, p.22).

O Mapa 2 traz a localização do município de Vitória da Conquista, seu recorte municipal, cidade e os distritos que o compõem.

**Mapa 2 – Município de Vitória da Conquista – BA, 2019**



Fonte: IBGE/SEI, 2018  
 Elaboração: SILVA, V. A. 2019

### 3.1 Uma análise histórica do município de Vitória da Conquista

A história da cidade perpassa por diversos fatores, naturalmente, presentes na construção de uma cidade e, ao mesmo tempo, estão interligados com o processo de colonização do Brasil e domínio dos povos indígenas locais. Segundo a Prefeitura Municipal de Vitória da Conquista,

A cidade foi crescendo lentamente. As primeiras ruas mantendo-se próximas ao leito do Rio Verruga, região que vai da atual Rua Ernesto Dantas até a Avenida Bartolomeu de Gusmão, passando pelo Ceasa. Em 1780, havia cerca de 60 casas no Arraial. Já em 1840, ano em que o Arraial foi elevado à condição de Vila Imperial da Vitória, distrito da Vila de Caetité, esse número já havia se multiplicado. Além dos colonizadores e seus descendentes e dos negros, a Vila recebeu sertanejos e litorâneos. (PMVC, 2013)

Esta informação referenciada pela Prefeitura, revela aspectos importantes sobre a cidade. Em princípio, destaca-se seu crescimento no leito do Rio Verruga, uma tendência da urbanização das cidades com desenvolvimento próximo aos rios. Outro destaque é em relação ao município de Caetité, do qual o Território de Vitória da Conquista foi desmembrado. Por ficar no caminho entre o litoral e o sertão, a cidade de Vitória da Conquista era considerada um forte ponto de apoio para as pessoas que realizavam este movimento migratório, especialmente com algumas produções oriundas do interior, como a de gado. Para Ferraz (2001):

Resgatando-se a história da urbanização de Vitória da Conquista, constatam-se vários elementos importantes para a compreensão do seu espaço. Nas primeiras notícias que se tem sobre esse lugar, afirma-se que, em 1780, já existia um aglomerado humano com mais de sessenta pessoas. No período compreendido entre 1780 e 1816, o Arraial desenvolveu-se lentamente, tendo como centro da economia a venda do algodão produzido na região e a passagem das boiadas, que seguiam do interior em direção à capital, Salvador. Nesse período, constata-se a presença de umas quarenta casas e de uma igreja em construção. No ano de 1840, o Arraial é elevado à categoria de Vila, quando houve uma preocupação inicial com o planejamento territorial. (FERRAZ, 2001, p.30).

Observa-se, neste período, a presença de alguns elementos econômicos marcantes, conforme aponta a autora, em especial, a venda de algodão e a passagem do gado do interior para a capital. Ora, fazendo um paralelo com os dias atuais, percebe-se dois aspectos

marcantes da dinâmica atual da cidade: o comércio e o fluxo oriundo para outras localidades. Atualmente, ambos possuem uma importância significativa para Vitória da Conquista na medida em que seu comércio tem uma abrangência que vai além dos limites do Estado da Bahia e a cidade se tornou um importante ponto de apoio para as pessoas que se deslocam do Sul e Sudeste para o Nordeste do país.

Vale ressaltar a necessidade do planejamento, uma vez que a dinâmica da Vila começa a se intensificar, em 1840. Embora o desenvolvimento no período fosse lento, conforme afirma Ferraz, era necessário um planejamento para atender as demandas locais, o qual deu origem à articulação e criação de estradas, uma organização na ocupação do solo pela construção de novas ruas, dentre outros elementos necessários para o crescimento urbano da Vila. Para Ferraz (2001):

No final do século XIX, onze ruas e duas praças eram suficientes para abrigar a população urbana. A Vila possuía duas escolas públicas e seis particulares, um cemitério com capela, uma igreja católica e lojas comerciais. Ainda nesse século, Vitória da Conquista emancipa-se politicamente, fato que ocorreu em 1891.

Nas primeiras décadas do século XX, novas edificações conferem à malha urbana central um aspecto mais adensado. (FERRAZ, 2001, p.31).

Ainda conforme a autora, Vitória da Conquista se estruturou de fato enquanto cidade no final do século XIX, com algumas características que já permitiam uma leitura do urbano na cidade, como o adensamento da malha urbana, a presença de equipamentos urbanos, como as escolas públicas e privadas, o cemitério e a igreja. É perceptível o crescimento do comércio em paralelo com o desenvolvimento da vila até sua emancipação política como município. Este crescimento, embora lento, apresentava um ritmo constante que se manteve nas primeiras décadas do século XX.

[...] O comércio se destacou principalmente na venda de produtos agrícolas e pecuários, não só para a população local, mas para os moradores de outros municípios. Em troca, os conquistenses compravam dos tropeiros tecidos, perfumes e novidades vindas da Europa. A localização geográfica é favorável ao comércio e Conquista tornou-se conhecida em outras regiões do Estado. Nos anos 40, a construção do trecho que liga Ilhéus a Bom Jesus da Lapa (Avenida Brumado) intensifica o comércio e o crescimento da população. Nesse período, o município passa a se chamar Vitória da Conquista. (PMVC, 2013)



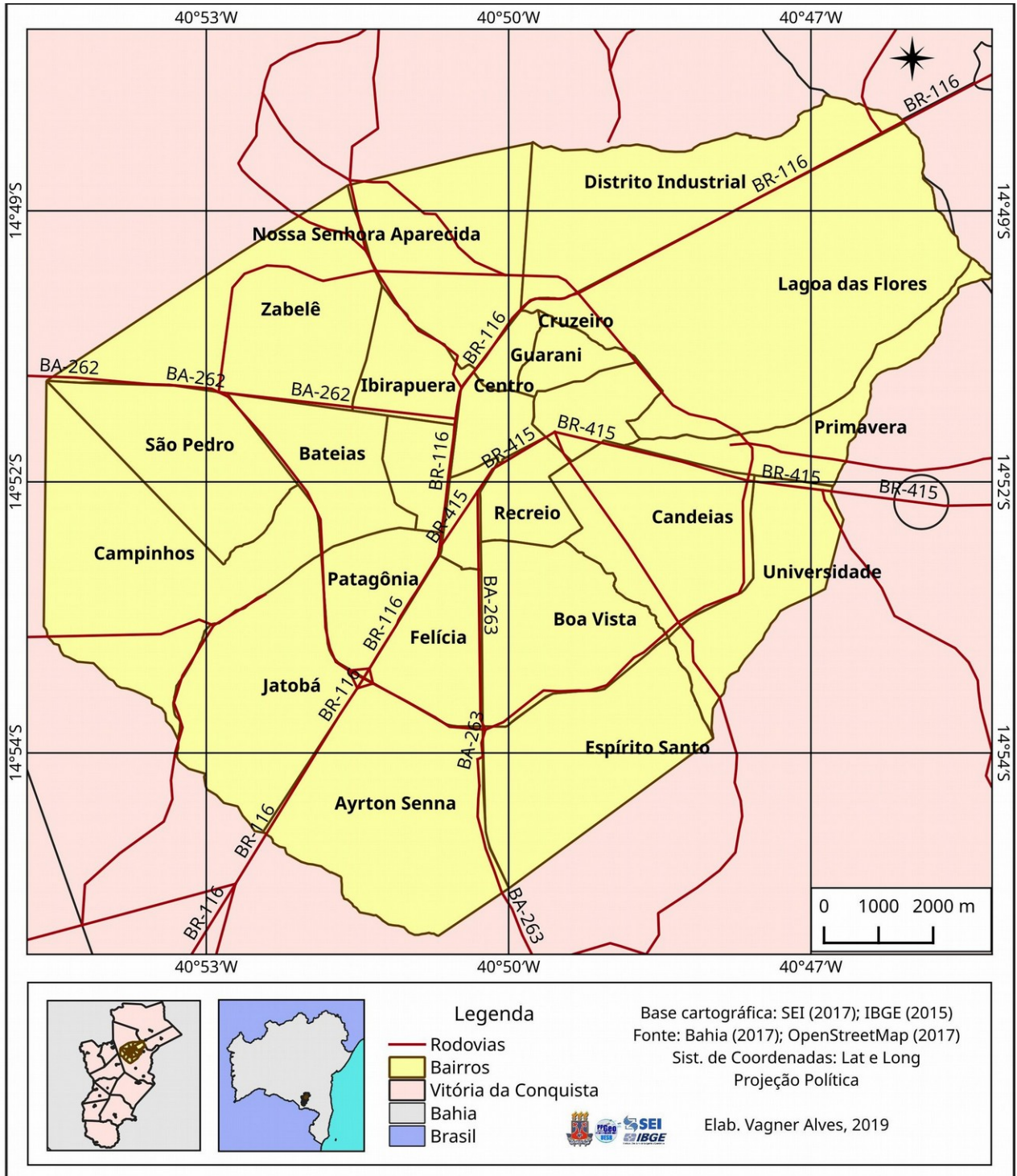
Na década de 1920, Conquista já tinha uma dinâmica com uma das suas características mais marcantes: o comércio. É interessante observar como esse elemento sempre esteve atrelado ao crescimento de Vitória da Conquista ao longo da sua história. Nesse período, pode-se destacar o fluxo gerado pela população, tanto dos municípios vizinhos quanto de localidades distantes, como os tropeiros. Deve-se mencionar que tal fluxo não se dava apenas por pessoas que vinham para a cidade consumir, mas com o objetivo de vender seus produtos às pessoas que habitavam a região. Vale ressaltar a dificuldade de deslocamento na época, o que proporcionava uma expectativa para as visitas dos tropeiros com as “novidades” europeias. Considerando o trajeto de navio da Europa até a costa baiana e o deslocamento do litoral até Conquista, naturalmente, o que chegava como novidade nas terras conquistenses, na Europa e em outros lugares já não eram coisas tão inéditas assim,

Acompanhando o processo de urbanização crescente que ocorreu no Brasil, a partir da década de 40, Vitória da Conquista expande sua malha urbana e, até meados de 1970, a cidade passa por diversas transformações. Nesse período, a primeira escola ginásial foi aberta, o primeiro bar, o primeiro jardim, o cinema, os bancos, as casas de saúde. (FERRAZ, 2001, p.31)

O período que se sucede, iniciado na década de 1940, foi de suma importância para o crescimento urbano de Vitória da Conquista. Conforme Ferraz, é nesse período que a cidade passa a ganhar equipamentos urbanos que a garantiriam um grau de urbanização pertinente ao que estava acontecendo nas cidades brasileiras naquele período. Além disso, sua malha urbana de fato se expande nesta época. Um dos pontos a se destacar, referente ao crescimento de Vitória da Conquista, é a construção da malha viária, conforme apresentada no Mapa 3, que corta o município. Segundo o Plano Diretor Urbano:

No caso de Vitória da Conquista, há que se ressaltar a importância do sistema rodoviário no desenvolvimento e expansão da cidade, reforçada, sobretudo, pela conclusão da pavimentação da BR-116, na década de 1960, e implantação da BR-415 e das rodovias estaduais BA-262 e BA-265, que a transformaram em entroncamento de serviços de transportes e contribuíram para a sua integração e afirmação como líder regional. Entretanto, a expansão da malha urbana e a conseqüente incorporação de sub-trechos das rodovias — hoje com características de vias arteriais (Av. Presidente Dutra/BR-116, Av. Brumado/BA-262, Av. Juracy Magalhães/BR-415) — fez com que a cidade se ressentisse do pesado tráfego de passagem. (VITÓRIA DA CONQUISTA, 2004, p.118)

**Mapa 3 – Rodovias que cortam a cidade de Vitória da Conquista – BA, 2018**



Fonte: IBGE/SEI, 2018  
 Elaboração: SILVA, V. A. 2019

O surgimento dessa malha viária foi bastante relevante para o desenvolvimento de Vitória da Conquista. Ainda que, historicamente, seu surgimento e suas características comerciais fossem anterior às estradas citadas acima, o tráfego de veículos e pessoas, proporcionado por tais rodovias, tomaram uma escala muito maior que a regional, passando a articular Vitória da Conquista a outras localidades da Bahia e até outros Estados brasileiros, bem como fortalecendo o fluxo já existente na região, graças à facilidade de deslocamento proporcionada pelas estradas.

Observando as principais rodovias que passam por Vitória da Conquista, é notório que todas elas não apenas cruzam a cidade e dão acesso ao anel viário, como também estão ligadas a importantes avenidas da cidade. Esse é o caso, por exemplo, da Avenida Brumado, ligada à BA-262. Esta rodovia dá acesso a maior parte do Território de Identidade Sudoeste Baiano, bem como o Oeste da Bahia. Essa acessibilidade existente por meio das rodovias que passam pela cidade gerou algumas mudanças importantes nestas avenidas, criando um forte desenvolvimento comercial no seu entorno. Ainda que não seja exclusivamente o fato de se encontrar em um entroncamento que proporcionou a Vitória da Conquista sua dinâmica voltada ao comércio e aos serviços, entretanto, o surgimento das rodovias contribuiu de maneira significativa, uma vez que intensificou o fluxo de pessoas que passam diariamente pela cidade.

A década de 1970 trouxe consigo algumas mudanças para Vitória da Conquista consequentes de políticas em escala nacional. Uma delas está diretamente relacionada a uma das principais culturas da região: o café. A ideia destas medidas era proporcionar a desconcentração da cafeicultura do Sul e Sudeste do país, investido em áreas propícias a este desenvolvimento. Assim, a cultura cafeeira chegou ao Planalto da Conquista. Para Ferraz (2001):

As variáveis destacadas, juntamente com a implantação de um polo cafeeiro na região do Planalto da Conquista, em meados da década de 70, dinamizaram o setor agrícola e aqueceram o processo de urbanização da região. Esse processo, que ocorreu no município ao longo das décadas anteriores, encontra, nesse período, “novas” motivações. É nesse contexto que ocorre transformações nas relações sociais, econômicas, políticas e culturais, e a cidade continua crescendo e modificando a sua configuração territorial (FERRAZ, 2001, p.35 e 36)

Conforme aponta Ferraz, esta política de produção cafeeira, juntamente com outros processos que estavam ocorrendo naquele contexto, contribuíram de forma significativa para

o crescimento urbano de Vitória da Conquista. Pode-se agregar a este fato as políticas da época relacionadas à Consolidação da Lei do Trabalho que fazia com que os fazendeiros mantivessem o mínimo de empregados no campo. Outro fator foi a inserção das novas tecnologias nas lavouras que dispensavam boa parte da mão de obra humana. Tais fatos proporcionaram uma migração intensa da população do campo para a cidade. Este fenômeno, aliado à nova dinâmica instalada na cidade em virtude do desenvolvimento econômico da região, trouxeram outras características à cidade, com uma importância significativa na agricultura.

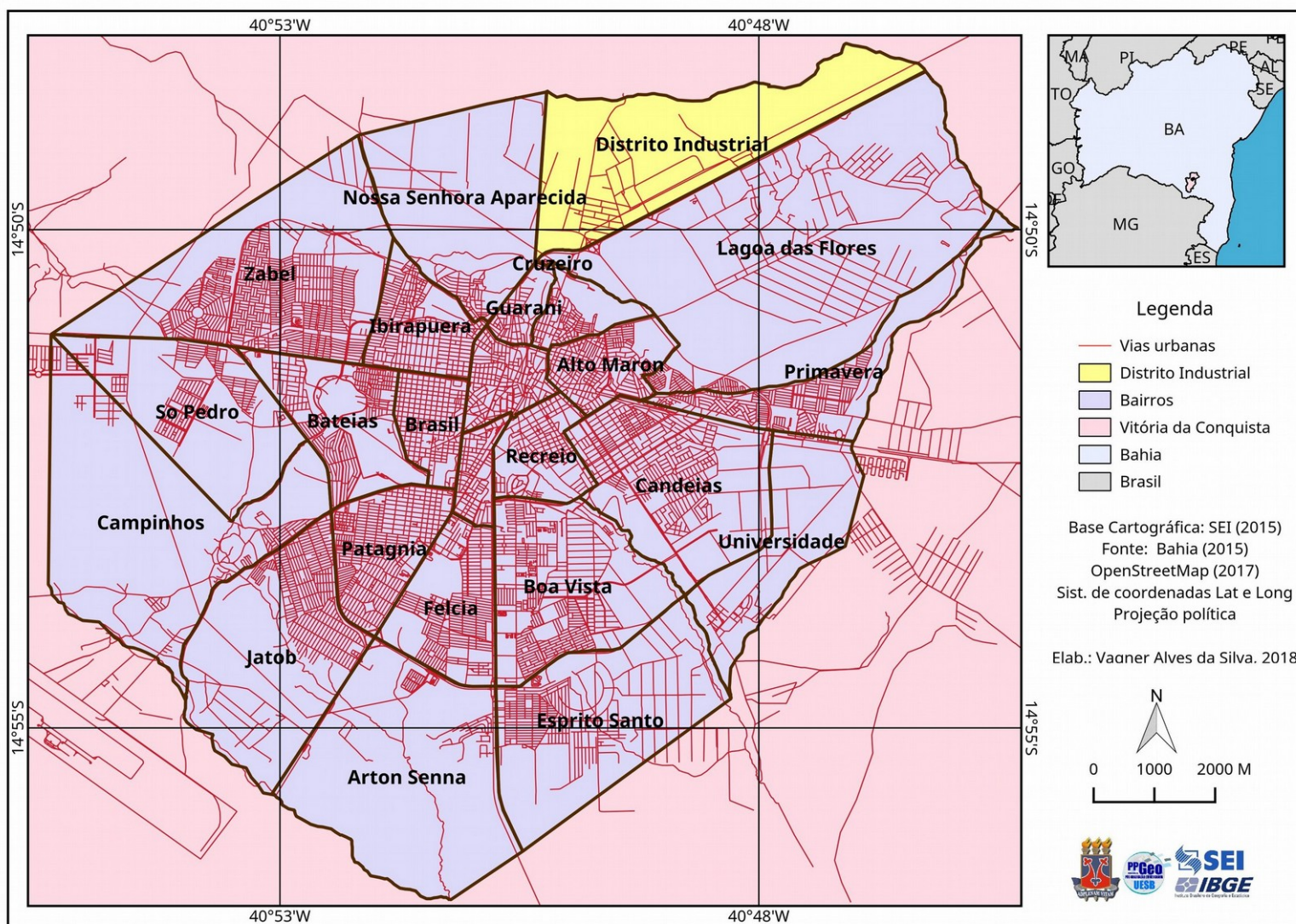
Ainda na década de 1970, outra política pública, dessa vez, em escala estadual, promoveu algumas mudanças importantes no interior da Bahia e, conseqüentemente, em Vitória da Conquista. Tal projeto tinha o intuito de desconcentrar a indústria da região metropolitana de Salvador para as demais regiões da Bahia. Segundo a SEI (2017):

Concebido no início da década de 1970, o Programa de Distritos Industriais do Interior teve sua implantação a cargo da atual Secretaria de Indústria, Comércio e Mineração (SICM) e da então Fundação Centro de Desenvolvimento Industrial (Cedin), atualmente Superintendência de Desenvolvimento Industrial e Comercial (Sudic), autarquia ligada à SICM, e tinha como objetivo induzir a interiorização da industrialização no estado, bem como o ordenamento do espaço urbano das cidades de porte médio que apresentassem vocação para esse tipo de atividade.

A premissa para a implantação dos distritos industriais baseou-se, principalmente, no aspecto das vantagens locacionais, acreditando-se que a oferta de áreas adequadamente planejadas e equipadas com infraestrutura, a preços subsidiados, seria o elemento mais importante para definir e até deflagrar o processo de industrialização do interior. (SEI, 2017, p.10)

O Programa de Distritos Industriais do Interior tinha como finalidade promover um ordenamento (ou ainda, o desenvolvimento) industrial nas cidades médias do interior. É importante destacar que, nessa época, muitos municípios ainda tinham sua economia voltada para as atividades rurais. Para promover o processo de industrialização na Bahia, um dos aspectos pensados foi sobre a infraestrutura necessária, juntamente com os baixos custos dos espaços para a instalação e manutenção das empresas e, assim, estes fatores serviriam de atrativo para as indústrias se deslocarem para o interior. O Mapa 4 apresenta a localização do Distrito Industrial dos Imborés, construído em Vitória da Conquista – BA, em 1975 e existente até os dias atuais, tido como um dos bairros da cidade, a cerca de 5km do Centro.

**Mapa 4** – Distrito Industrial dos Imborés - Vitória da Conquista – BA, 2018



Fonte: IBGE/SEI, 2018

Elaboração: SILVA, V. A. 2018

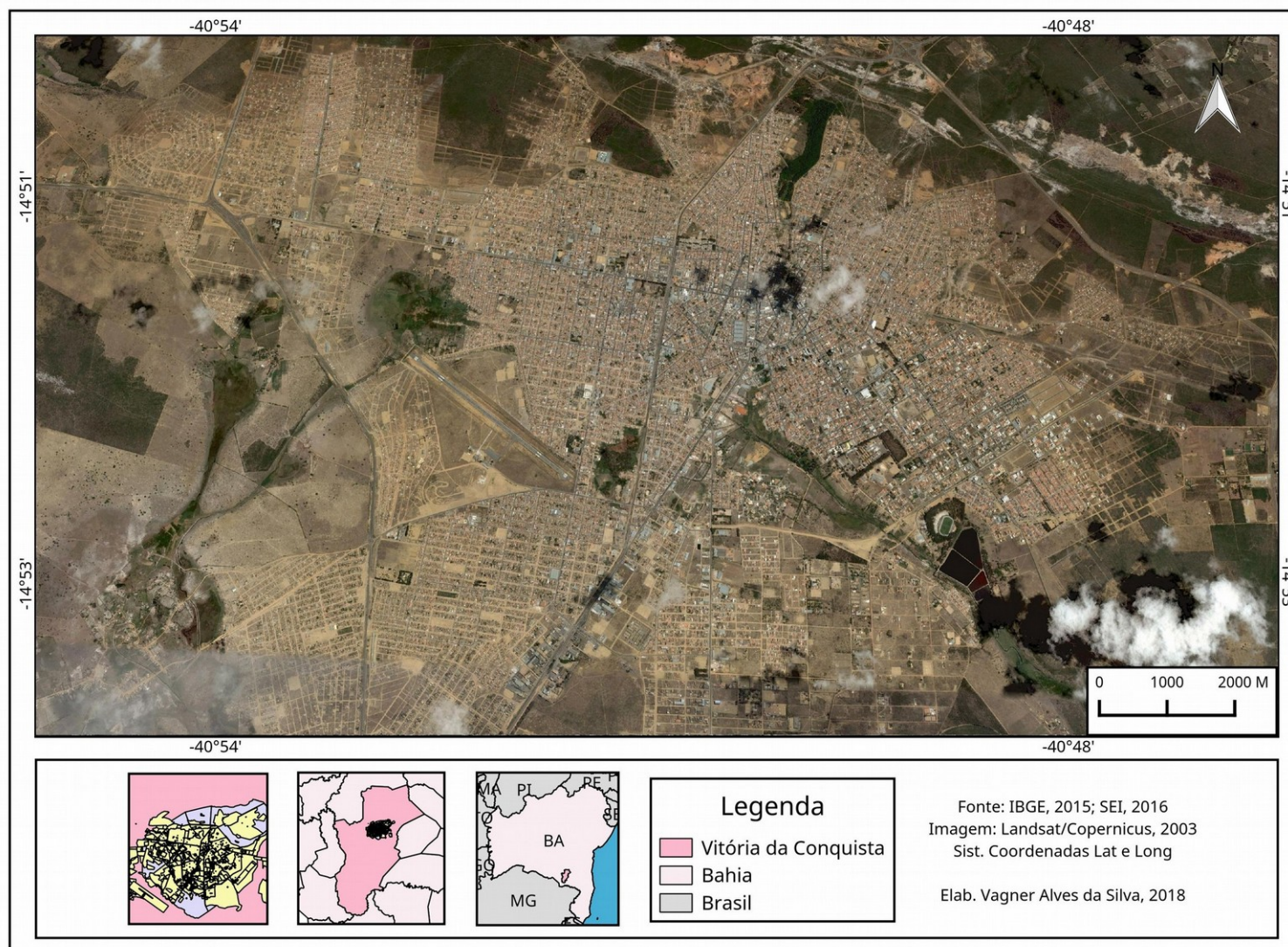
No caso de Vitória da Conquista, “o Distrito Industrial dos Imborés foi fundado no ano de 1975, localizando-se ao nordeste da cidade de Vitória da Conquista [...]. Interliga-se ao sistema viário nacional e regional através da BR-116 (Rio/Bahia) e pelas BA-262, BA-263 e BA-265” (SEI, 2017, p.57). A sua implantação distrito representou um fenômeno importante para o município que agora, além das atividades relacionadas ao comércio, aos serviços e à agricultura, havia a expectativa do desenvolvimento industrial, reforçando a importância de Vitória da Conquista para o cenário regional naquele contexto. Mesmo assim, o Distrito Industrial dos Imborés nunca se desenvolveu como o esperado para Vitória da Conquista, com um crescimento sem grandes destaques, desde a sua implantação. Mesmo assim, sua contribuição se efetuou de maneira significativa para a cidade, já que se tornou mais uma atratividade para o município e reforça a ideia de capital regional.

Um fenômeno que se intensificou em Vitória da Conquista, especialmente, na década de 1980, foi o parcelamento do solo urbano. Para Ferraz (2001):

Ao se verificar o número de parcelamentos de glebas na cidade, licenciados pelo poder público municipal até junho de 1999, é possível afirmar que existem 249 loteamentos, desmembramentos ou chácaras no perímetro urbano conquistense. Apesar das suas especificidades, a partir de agora, serão denominados simplesmente loteamentos ou parcelamentos, pois as três denominações referem-se à divisão de glebas. A década de 80 destaca-se como o período em que essa prática foi mais intensa. Nesse decênio, o parcelamento do solo urbano foi grande, e a oferta de lotes foi garantida pelo deferimento de 102 loteamentos. (FERRAZ, 2001, p.39)

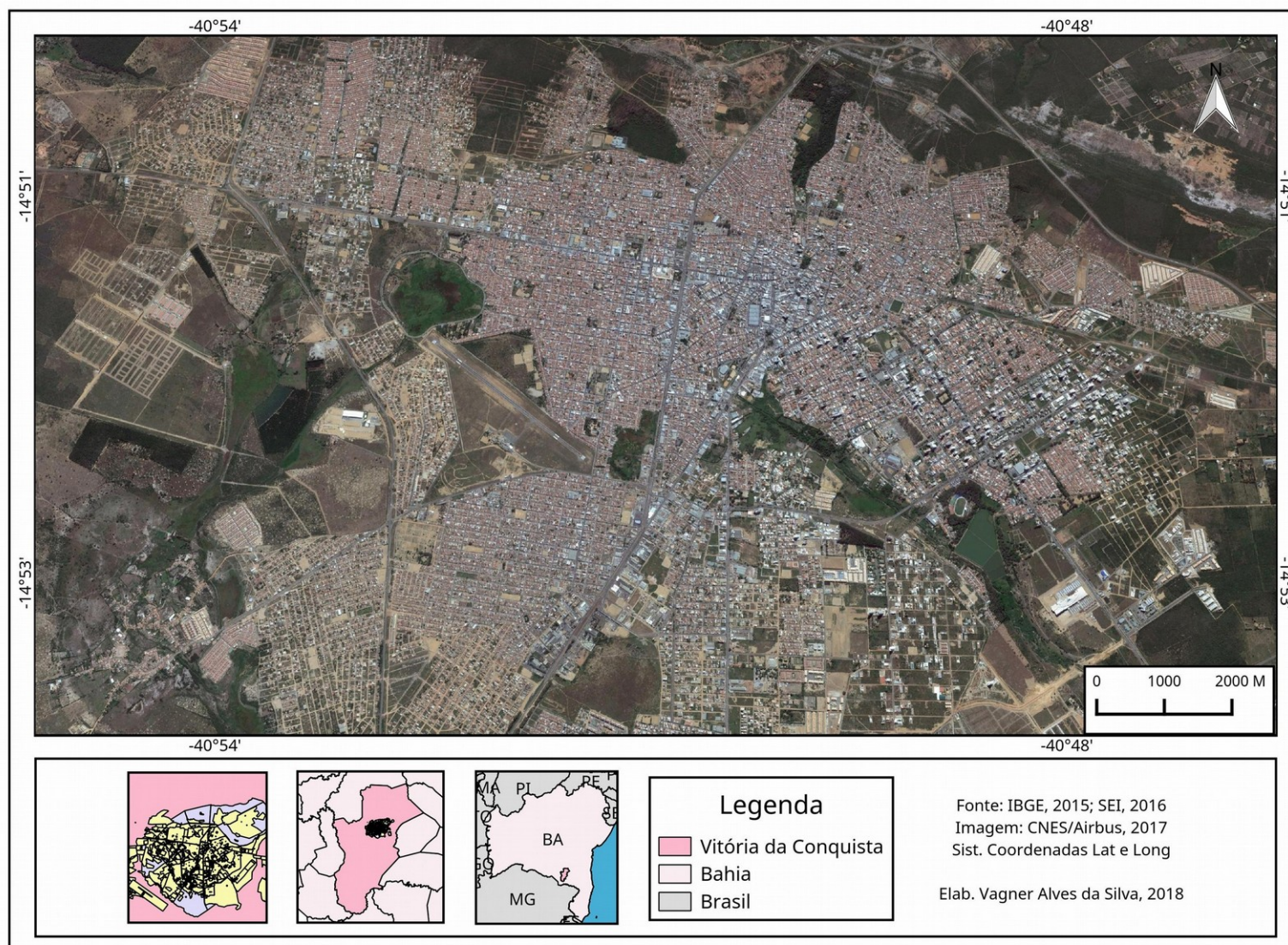
Este período foi fundamental para que a cidade de Vitória da Conquista tomasse uma forma (do ponto de vista da morfologia urbana) semelhante à atual, pois foi quando surgiram diversas áreas que seriam povoadas apenas alguns anos depois. O processo de parcelamento não foi por acaso, uma vez que existiu um significativo êxodo rural naquele contexto. Com a expansão da população urbana no município, a cidade precisava se expandir a fim de atender essa nova população. “De 1987 a 1996 [...], os vazios formados na década anterior começaram a ser preenchidos, com a abertura de novos loteamentos. No entanto, várias áreas cercadas por loteamentos e conjuntos residenciais continuam vazias, sem destinação específica.” (FERRAZ, 2001, p.47). Apesar dos loteamentos, alguns vazios urbanos permaneceram entre as áreas loteadas. Os Mapas 5 e 6 trazem imagens de satélite de Vitória da Conquista em 2003 e 2017, respectivamente, e mostram as mudanças sofridas pela cidade ao longo deste período.

**Mapa 5** – Carta imagem de Vitória da Conquista – BA, 2003



Fonte: IBGE/SEI, 2018  
 Elaboração: SILVA, V. A. 2018

**Mapa 6** – Carta imagem de Vitória da Conquista – BA, 2017



Fonte: IBGE/SEI, 2018

Elaboração: SILVA, V. A. 2018



Fazendo um comparativo entre os Mapas 5 e 6 é visível que em 2003, início do século XXI, ainda existiam diversos vazios urbanos oriundos das décadas anteriores, especialmente no Oeste e no Sul da cidade. Outro destaque deste período, era a carência de infraestrutura em algumas áreas, principalmente as menos povoadas ou com um povoamento recente e popular. Ruas sem asfaltamento (conforme visto no Mapa 5) era uma das grandes carências da época. Muitos desses problemas foram sanados ao longo deste período (2003-2017). No Mapa 6, pode-se ver que vários vazios foram preenchidos, inclusive a presença de loteamentos em áreas que tinham características rurais (destaque, nesse caso, para os bairros Campinhos e São Pedro). A infraestrutura evoluiu em diversas localidades, como é o caso dos bairros Patagônia e Bateias que tinham suas ruas predominantemente sem pavimento e que, com o passar dos anos, foram asfaltadas e dotadas de redes de saneamento básico.

No início do século XXI, Vitória da Conquista sofreu diversas mudanças que reforçaram sua atratividade. A cidade, que sempre teve características que representavam uma centralidade passou a contar, neste período, com subcentros comerciais e a presença de grandes espaços de consumo, como a inserção de duas redes de shoppings e das principais redes de lojas atacadistas nacionais e internacionais. Outro destaque, do ponto de vista da estrutura, é a educação com a presença de escolas técnicas e universidades oferecendo diversas opções de carreiras profissionais. Por fim, ainda vale ressaltar o setor da saúde como um dos principais do interior da Bahia. Todo este avanço relatado nos setores que já eram característicos de Vitória da Conquista desde a década de 1990 (quando esses avanços começam de fato nas cidades médias brasileiras) e proporcionaram diversas mudanças na sua dinâmica urbana, se tornando uma cidade com fluxos ativos diariamente, bem como atraindo pessoas de diversas outras localidades em um processo de migratório pendular.

### **3.2 Vitória da Conquista em múltiplas esferas**

Vitória da Conquista, no contexto local, apresenta-se como um importante polo para sua região de influência, já que articula diversos municípios na sua rede. Nesse aspecto, entram alguns elementos marcantes da cidade para que ela possa exercer tal função: desde o seu desenvolvimento socioeconômico, considerando a força no setor terciário, sobretudo, com centros e subcentros comerciais, além da oferta de serviços educacionais e de saúde. Para Sampaio (2013):

A cidade se destaca pela melhor infraestrutura urbana da região e localização estratégica, dispondo de facilidades para a circulação de pessoas e mercadorias, favorecendo a divulgação e escoamento de produtos e serviços. A estes fatores, justifica-se o significativo desenvolvimento do setor terciário, com merecido destaque para as funções de saúde e de educação. (SAMPAIO, 2013, p.55)

Conforme aponta Sampaio, existem diversos fatores que estão diretamente atrelados à centralidade exercida por Vitória da Conquista. Por isso, pensar na centralidade implica refletir sobre um conjunto de elementos que funcionalizam a cidade e promovem um fluxo constante de pessoas que vêm em busca dos serviços oferecidos em tal localidade. A localização privilegiada para tal centralidade é um fator importante, já que facilita o acesso à cidade não só das pessoas que se deslocam para Conquista com a finalidade de consumir algum produto ou serviço como também facilita o acesso das mercadorias às áreas comerciais, através de fluxos diários. Atrelado aos fluxos citados anteriormente, (de pessoas para consumir e de mercadorias para serem consumidas) pode-se destacar o comércio, a saúde e a educação como importantes pilares da centralidade exercida por Vitória da Conquista. Este fenômeno não é recente, pois, segundo Sampaio (2013),

Com a crise do café, em 1980, Vitória da Conquista ressaltou a característica de ser polo de serviços. A educação, a rede de saúde e o comércio se expandiram, tornando-a a terceira economia do interior baiano, passando a se constituir numa capital regional, pois, embora apresente uma capacidade de gestão no nível inferior ao das metrópoles, têm área de influência de âmbito regional, sendo referida como destino, para um conjunto de atividades, por grande número de municípios (IBGE, 2008). (SAMPAIO, 2013, p.54)

Mesmo com a cidade historicamente se desenvolvendo por meio de relações comerciais, as atividades que firmaram Vitória da Conquista enquanto centralidade começaram a se destacar de forma mais acentuada com a queda na cafeicultura, conforme destaca o autor. Foi exatamente nesse período, com a queda dessa atividade agrícola, que as atividades relacionadas ao setor terciário ganharam força. Tal fenômeno ocorreu por diversos motivos e, dentre eles, pode-se ressaltar o próprio contexto vivenciado com políticas de investimentos em cidades médias (como a política dos Distritos Industriais), o êxodo rural proporcionado com a queda das atividades cafeeiras e a necessidade de atividades deste cunho para atender a população local.

Um dos pontos-chaves da centralidade exercida por Vitória da Conquista está justamente na sua capacidade de articulação com outros municípios dentro e fora do estado da Bahia. Nesse contexto, é válido ressaltar a intensidade do fluxo de pessoas proporcionado por tal atratividade. Para Ferraz (2009):

Pelos estudos do IBGE, Vitória da Conquista é sempre citada como uma cidade que exerce forte influência em relação a seu entorno. É definida como Centro Regional B (1966), Capital Regional (1978), como um Perfil forte de centralidade na hierarquia dos centros urbanos (1993) e como Capital Regional B (2007) [...]. É possível observar que a cidade polariza 97 municípios, especialmente do interior do estado da Bahia, e que também exerce influência em municípios do norte do estado de Minas Gerais. Outros municípios aparecem como centros sub-regionais e centros de zona que têm conexão com Vitória da Conquista, materializando uma região de influência com população de 2.121.638 habitantes, sendo que 14,53% dessa população reside no município-polo, que aparece com 39,44% de intensidade de relacionamentos nessa rede [...]. (FERRAZ, 2009, p.67)

Analisando a centralidade exercida por Vitória da Conquista no viés proposto pelo IBGE, a cidade possui uma significativa ligação com diversos municípios do Estado da Bahia e do Norte de Minas Gerais na sua hierarquia urbana. Por conta do fluxo de pessoas e mercadorias advindas de tais localidades, sua dinâmica se dá de forma intensa, uma vez que atende à demanda em uma escala que extrapola os seus próprios limites territoriais. Nessa perspectiva, embora a população conquistense se concentre na zona urbana do município, diariamente a cidade recebe um alto fluxo populacional advindo de outros municípios. Vale ressaltar que, neste processo, existem diversas ligações, desde pessoas que se deslocam mensalmente, com a finalidade de consumir algum serviço em particular, até os indivíduos que vem à Vitória da Conquista todos os dias para trabalhar, promovendo, assim, um processo migratório pendular.

Essa centralidade exercida por Vitória da Conquista ocorre, principalmente, em função da sua oferta de serviços comerciais, jurídicos, hospitalares ou educacionais. Nesse sentido, entende-se que a cidade apresenta uma funcionalidade a partir destas ofertas que permite que pessoas de outras localidades venham em busca desses serviços que carece nas suas cidades de origem. Tal fenômeno também se estabelece em outras regionalizações, como nos Territórios de Identidade. Nessa perspectiva, a tabela a seguir apresenta um dos aspectos dessa centralidade no setor da saúde no Sudoeste Baiano.

A Tabela 1 apresenta uma relação da quantidade de leitos hospitalares, tanto públicos quanto privados, existentes em cada município do Território de Identidade Sudoeste Baiano.

**Tabela 1** – Quantidade de leitos hospitalares por município do Território de Identidade Sudoeste Baiano, 2016

Território de Identidade	Município	Tipo de Leito	Quantidade de Leitos (Und)
Sudoeste Baiano	Anagé	Existentes	33
Sudoeste Baiano	Aracatu	Existentes	41
Sudoeste Baiano	Barra do Choça	Existentes	32
Sudoeste Baiano	Belo Campo	Existentes	36
Sudoeste Baiano	Bom Jesus da Serra	Existentes	19
Sudoeste Baiano	Caetanos	Existentes	0
Sudoeste Baiano	Cândido Sales	Existentes	55
Sudoeste Baiano	Caraíbas	Existentes	3
Sudoeste Baiano	Condeúba	Existentes	16
Sudoeste Baiano	Cordeiros	Existentes	5
Sudoeste Baiano	Encruzilhada	Existentes	49
Sudoeste Baiano	Guajeru	Existentes	0
Sudoeste Baiano	Jacaraci	Existentes	29
Sudoeste Baiano	Licínio de Almeida	Existentes	20
Sudoeste Baiano	Maetinga	Existentes	0
Sudoeste Baiano	Mirante	Existentes	0
Sudoeste Baiano	Mortugaba	Existentes	24
Sudoeste Baiano	Piripá	Existentes	17
Sudoeste Baiano	Planalto	Existentes	59
Sudoeste Baiano	Poções	Existentes	70
Sudoeste Baiano	Presidente Jânio Quadros	Existentes	0
Sudoeste Baiano	Ribeirão do Largo	Existentes	0
Sudoeste Baiano	Tremedal	Existentes	19
Sudoeste Baiano	Vitória da Conquista	Existentes	1052

Fonte: SEI, 2016

Nesse aspecto, observa-se uma diferença significativa na quantidade de leitos presentes em Vitória da Conquista em relação aos demais municípios. Se essa comparação for feita com outros municípios presentes neste Território e que exerçam uma subcentralidade em um grau hierárquico, ainda sim, Vitória da Conquista tem uma maior funcionalidade neste tipo de serviço em específico. Pode-se citar como exemplo destas subcentralidades os municípios de Poções e Cândido Sales, com 70 e 55 leitos hospitalares, respectivamente. Para Ferraz (2009):

Ao longo de pouco mais de um século, especialmente nas últimas décadas, Vitória da Conquista construiu sua história no setor de saúde, engendrada por um conjunto de decisões tanto individuais como de grupos, da iniciativa privada e também do setor estatal (em suas várias esferas de governo), sofrendo pressões externas e internas, além das influências do processo de incorporação tecnológica. Assim, ao se debruçar sobre essa processualidade, tem-se a imagem viva da rede de relações que cria e recria uma das principais dinâmicas de sustentação do município. (FERRAZ, 2009, p.76)

Conforme Ferraz, 2009, o setor de saúde se desenvolveu de forma significativa no município de Vitória da Conquista, tornando-se um dos pilares econômicos da dinâmica municipal e das suas relações com outros municípios baianos. Tal processo se destacou especialmente no final do século XX e início do século XXI, promovido pela junção de diversos elementos que contribuíram para o seu desenvolvimento. A Fotografia 1 apresenta o Hospital Municipal Esaú Matos, de Vitória da Conquista, um dos principais investimentos na saúde pública da cidade no início do século XXI com a ampliação da maternidade e do laboratório de exames clínicos.

**Fotografia 1** – Hospital Municipal Esaú Matos – Vitória da Conquista-BA, 2018



Fonte: Pesquisa de campo, 2018

Um aspecto que contribuiu para o desenvolvimento do setor de saúde em Vitória da Conquista foi o processo de municipalização da saúde pública que consumou em políticas municipais voltadas a essa área e a manutenção de equipamentos públicos já existentes (como a reforma e ampliação desenvolvida no Hospital Municipal Esaú Matos). Pode-se citar também as políticas públicas voltadas à saúde, especialmente a criação do SUS (Sistema Único de Saúde) e a construção de hospitais que contemplam a população de diversos municípios polarizados por Vitória da Conquista. Deve-se mencionar ainda os investimentos e expansão do setor privado que atua de forma significativa no município em questão.

A instalação de equipamentos de alta tecnologia para diagnóstico por imagem fortalece fixos e estimula os fluxos. Com a instalação de equipamentos em clínicas e hospitais em Vitória da Conquista para a realização de exames de ultrassonografia, tomografia, ressonância magnética, por exemplo, pacientes do município e também de municípios do seu entorno que, antes, precisavam se deslocar, principalmente para Salvador, passaram a realizar os exames em Vitória da Conquista. Existe, assim, um reforço do nó da rede. (FERRAZ, 2009, p.156 e 167).

Tal fato proporciona uma atratividade da população dos municípios vizinhos, uma vez que estas pessoas não necessitam de um deslocamento para a capital Salvador ou para outras cidades mais desenvolvidas, conforme aponta Ferraz. Analisando este aspecto em uma perspectiva reticular é compreensível a importância da infraestrutura na dinâmica da rede urbana a qual Vitória da Conquista está atrelada, já que é um dos pontos que ressalta a função da cidade enquanto nó desta rede.

A educação tem se tornado outro elemento dentre os atrativos de Vitória da Conquista. A Fotografia 2 registra a entrada do Centro Integrado de Educação Navarro de Brito, atualmente a maior escola do município:

**Fotografia 2** – Centro Integrado de Educação Navarro de Brito – Vitória da Conquista-BA, 2018



Fonte: Pesquisa de campo, 2018

A cidade possui uma quantidade significativa de opções de ensino, tanto no Ensino Superior quanto na Educação Básica, nos setores público e privado, se tornando um atrativo para estudantes de outras localidades.

A Tabela 2 apresenta um panorama da quantidade e distribuição de instituições de ensino da Educação Básica em Vitória da Conquista. Um dos dados que se destaca é a quantidade superior de estabelecimentos municipais do ensino fundamental na zona rural em relação à cidade. Outro ponto na esfera municipal é a ausência de escolas de ensino médio nesta dependência administrativa, fato que pode ser justificado pela municipalização do ensino fundamental e da responsabilidade do Estado da Bahia no ensino médio, no entanto, tal mudança ainda não se consumou totalmente, já que o Estado mantém escolas de ensino fundamental.

**Tabela 2 – Estabelecimentos da Educação Básica Em Vitória da Conquista – BA, 2016**

Situação de Domicílio	Dependência Administrativa	Nível de Ensino	Quantidade de Estabelecimentos (Und)
Rural	Estadual	Educação de Jovens e Adultos	0
		Educação Infantil	0
		Ensino Fundamental	0
		Ensino Médio	2
	Federal	Educação de Jovens e Adultos	0
		Educação Infantil	0
		Ensino Fundamental	0
		Ensino Médio	0
	Municipal	Educação de Jovens e Adultos	21
		Educação Infantil	39
		Ensino Fundamental	113
		Ensino Médio	0
	Privada	Educação de Jovens e Adultos	0
		Educação Infantil	0
		Ensino Fundamental	0
		Ensino Médio	0
Urbana	Estadual	Educação de Jovens e Adultos	16
		Educação Infantil	1
		Ensino Fundamental	19
		Ensino Médio	19
	Federal	Educação de Jovens e Adultos	0
		Educação Infantil	0
		Ensino Fundamental	0
		Ensino Médio	1
	Municipal	Educação de Jovens e Adultos	16
		Educação Infantil	45
		Ensino Fundamental	45
		Ensino Médio	0
	Privada	Educação de Jovens e Adultos	0
		Educação Infantil	62
		Ensino Fundamental	63
		Ensino Médio	15

Fonte: SEI, 2016

Ao se estabelecer uma correlação com as informações em escala regional, segundo a SEI (2016), 56,06% das escolas de ensino médio do Território de Identidade Sudoeste Baiano

estão localizadas em Vitória da Conquista, contra 43,94% dos demais 23 municípios que compõem o Território. Tal fato se mostra inversamente proporcional a esta quantidade quando se analisa a população residente nos municípios que compõem o Sudoeste Baiano. Nesse caso, conforme estimativa do IBGE de 2018, aproximadamente 47% da população se encontra em Vitória da Conquista, enquanto pouco mais de 53% estão distribuídos nos demais municípios que compõem o Território de Identidade Sudoeste Baiano.

Tal fator se mostra também relevante no setor privado, sendo Vitória da Conquista a única cidade do Sudoeste Baiano que possui instituições privadas do ensino médio, com 15 escolas, fator que atrai estudantes de outras localidades para consumir este tipo de educação. É importante lembrar também das escolas técnicas que oferecem diversos cursos integrados ou subsequentes ao ensino médio e atendem aos diversos alunos dentro e fora da cidade.

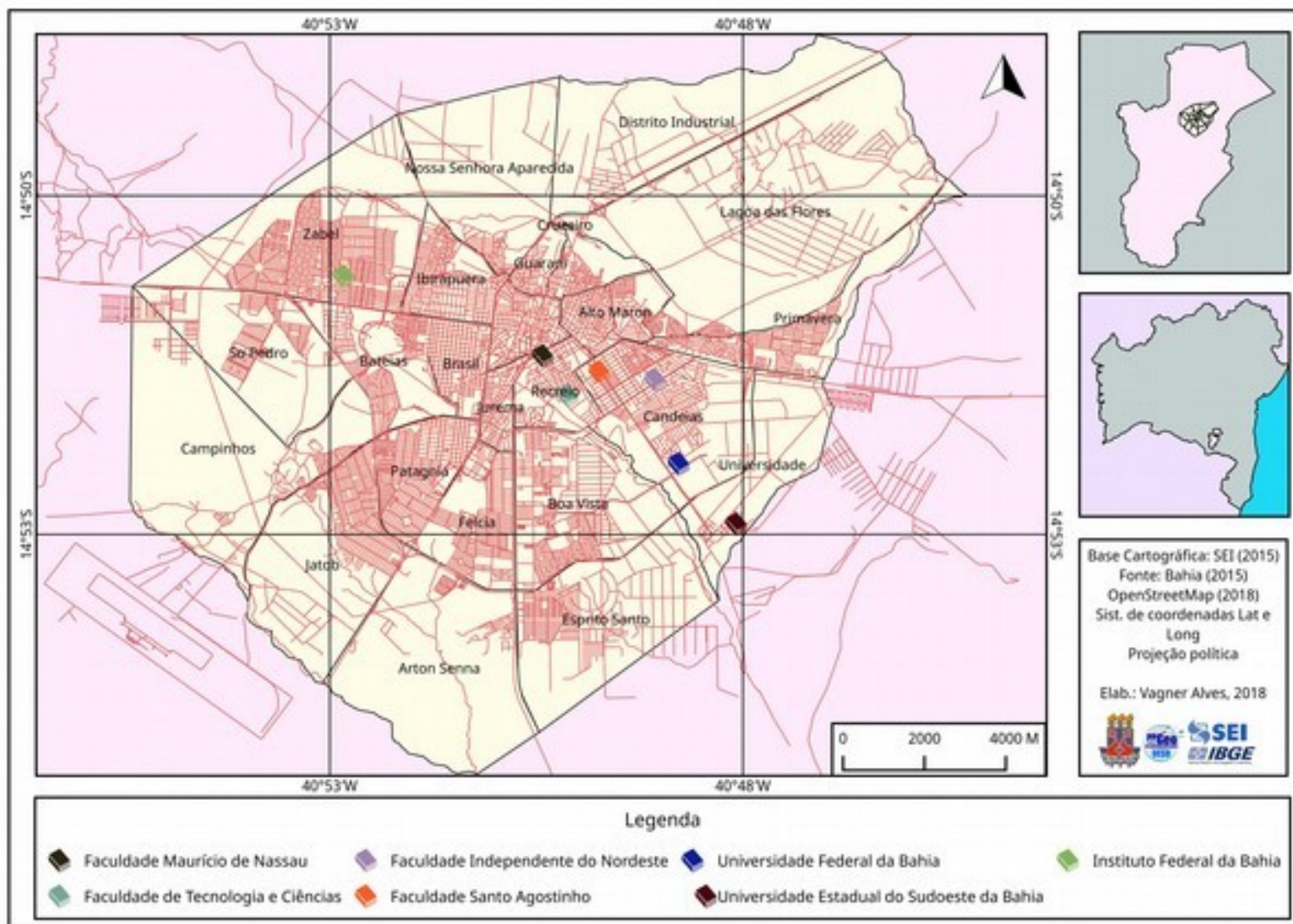
Ainda no setor educacional, pode-se ressaltar a quantidade de instituições educacionais voltadas ao ensino superior, tanto públicas quanto privadas. Estas faculdades e universidades atraem uma quantidade significativa de estudantes de outras localidades que se deslocam temporariamente e/ou pendularmente para estudar. Gusmão (2009) destaca que:

[...] o município conta com duas universidades públicas, (Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, Universidade Federal da Bahia – UFBA) e o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia – IFBA, antigo Centro Federal de Educação Tecnológica - CEFET), além de três faculdades particulares (Faculdade Juvêncio Terra -FJT, Faculdade Independente do Nordeste - FAINOR e Faculdade de Tecnologia e Ciências - FTC). Uma particularidade das faculdades privadas é que duas delas nasceram de experiências iniciais no ensino fundamental e médio, com capital local e a outra tem sua origem em Salvador, portanto, capital regional em expansão. (GUSMÃO, 2009, p.41)

O Mapa 7 apresenta a distribuição das instituições de ensino superior em Vitória da Conquista. Observa-se uma grande concentração no Leste da cidade. Conforme Gusmão (2009), o ensino superior tem um grande destaque em Vitória da Conquista e, atualmente, o município conta com mais uma faculdade particular, a Faculdade Santo Agostinho. Além disso, a Faculdade Juvêncio Terra foi adquirida pelo grupo pernambucano UNINASSAU, passando a se chamar Faculdade Maurício de Nassau.



**Mapa 7 – Instituições de Ensino Superior em Vitória da Conquista – BA, 2018**



Fonte: IBGE/SEI, 2018

Elaboração: SILVA, V. A. 2018

O ensino superior oferecido em Vitória da Conquista movimentava a cidade em diversos aspectos e se torna um atrativo para pessoas de várias localidades. Inicialmente, pode-se correlacionar com a questão do transporte intermunicipal, responsável pela mobilidade dos estudantes neste deslocamento, mas este meio vai muito além, se tornando uma ferramenta de fluidez dentro da rede urbana na esfera educacional.

O panorama urbano apresentado na atualidade em Vitória da Conquista – BA indica que o ensino superior tem gerado fluxos conectados em um sistema de objetos que por sua vez não podem ser dissociados da geração de fluxos e sistemas de ação que representam o movimento humano, da técnica e da informação resultantes e intrinsecamente ligados aos fluxos, assim como cada tipo de fluxo corresponde a um tipo de fluxo ou a um conjunto de fluxos. (GUSMÃO, 2009, p.73)

Compreendendo-se a importância do setor educacional para Vitória da Conquista, é perceptível que o ensino superior representa mais que uma simples modalidade educacional, pois movimentava diversos setores da economia local, a exemplo do transporte, da alimentação e até do imobiliário e, conseqüentemente, proporciona uma relação entre fluxos e objetos em Vitória da Conquista. Com isso, entende-se que, embora, neste caso, trate-se apenas de um setor específico, existe uma demanda por outros setores da economia local, através dos fluxos gerados pela educação.

Apesar do destaque nos setores de saúde (FERRAZ, 2009) e educacional (GUSMÃO, 2009), a centralidade exercida por Vitória da Conquista perpassa por diversos outros fatores que contribuem para a existência de tal fenômeno. Pensando dessa forma, pode-se observar que o setor de serviços, de maneira geral, tem um papel fundamental neste processo, uma vez que o principal atrativo das pessoas de outras localidades por Vitória da Conquista são os serviços ofertados, ausentes nos seus municípios de origem. Nesse caso, existem diversos serviços que podem ser destacados, desde os já citados, serviços nos campos educacional e da saúde, até em outras áreas, como bancários e jurídicos.

As atividades bancárias, como as demais citadas, estão concentradas em Vitória da Conquista mostrando que tal nó se destaca nas atividades financeiras, uma vez que boa parte do capital regional perpassa, direta ou indiretamente, por Vitória da Conquista. Tal fenômeno pode ser visto, inicialmente, pela quantidade de agências presentes nas cidades da região (Tabela 3), no entanto, a complexidade deste tipo específico de serviço está além da quantidade em si, mas da oferta de serviços atrelados às atividades bancárias. Este setor é responsável por diversos outros setores de serviços ofertados pela cidade, já que tanto o

comércio quanto as demais atividades desenvolvidas em Vitória da Conquista estão ligadas diretamente às questões monetárias e dependem (mesmo que não exclusivamente) do setor bancário para movimentações financeiras.

**Tabela 3** – Agências bancárias no Território de Identidade Sudoeste Baiano, 2015

Município	Dependência Administrativa	Quantidade (Und)
Anagé	Federal	1
	Privada	1
Barra do Choça	Federal	2
	Privada	1
Belo Campo	Federal	1
	Privada	1
Cândido Sales	Federal	2
	Privada	1
Condeúba	Federal	1
	Privada	1
Encruzilhada	Privada	1
Jacaraci	Federal	1
Licínio de Almeida	Federal	1
	Privada	1
Mortugaba	Federal	1
Planalto	Federal	1
	Privada	1
Poções	Federal	2
	Privada	1
Presidente Jânio Quadros	Privada	1
Tremedal	Federal	1
	Privada	1
Vitória da Conquista	Federal	12
	Privada	10

Fonte: SEI, 2015

A Tabela 3 apresenta os municípios do Território de Identidade Sudoeste Baiano que possuem agências bancárias, bem como suas respectivas dependências administrativas. Alguns fatores podem ser observados logo de início, como a ausência de agências bancárias em 10 dos 24 municípios que compõem a região. Logo, as pessoas destes municípios necessitam de se deslocar para outras cidades a fim de realizar algumas das suas atividades financeiras, impossíveis de serem resolvidas pela internet ou casas lotéricas.

A Fotografia 3 mostra as duas maiores agências de bancos públicos de Vitória da Conquista: à esquerda, o Banco do Brasil e à direita, a Caixa Econômica Federal. Ambas, localizadas na praça Barão do Rio Branco, no Centro de Vitória da Conquista. Tal praça conta também com a presença do Banco do Nordeste e do Bradesco.

**Fotografia 3** – Agências bancárias da Caixa Econômica Federal e do Banco do Brasil em Vitória da Conquista – BA, 2018



Fonte: Pesquisa de campo, 2019

É destaque, também, a quantidade de instituições públicas e privadas presentes em Vitória da Conquista. Isso reflete na complexidade da rede bancária da cidade, a qual acaba por atender pessoas de diversas localidades do Sudoeste Baiano.

Além dos serviços bancários, pode-se salientar os serviços jurídicos presentes em Vitória da Conquista. Eles estão estabelecidos de maneira hierárquica e são ofertados de acordo com o grau de complexidade para a realização e com a importância da cidade dentro do Território. Assim, existem atividades desse cunho que são realizados exclusivamente em Vitória da Conquista, como as relacionadas ao Detran (Departamento Estadual de Trânsito) até questões jurídicas vinculadas a outros órgãos, como a justiça do trabalho. Fora destas atividades, ainda existe o comércio como um dos principais expoentes da centralidade exercida por Vitória da Conquista.

Com isso, percebe-se que o fenômeno da centralidade não se dá exclusivamente por meio de um fator particular, mas sim em função de um conjunto de atividades e serviços ofertados em Vitória da Conquista e que atendem à população de diversos municípios. Esta atratividade parte de uma perspectiva histórica, já que esses serviços foram se estabelecendo ao longo do tempo. No entanto, desde quando começou a se desenvolver, Vitória da Conquista já apresentava uma significativa atratividade por meio das suas opções no comércio e serviços.

### 3.3 A atratividade comercial de Vitória da Conquista

As atividades comerciais desenvolvidas em Vitória da Conquista se sobressaem na sua dinâmica em múltiplas escalas: a intraurbana, com o fluxo de pessoas e mercadorias e uma mobilidade interna e a interurbana, pois atrai pessoas de outras localidades. Nessa perspectiva, analisar o comércio conquistense requer um estudo tanto quantitativo, identificando os estabelecimentos em suas diversas categorias e os localizando cartograficamente, quando qualitativo, compreendendo sua importância para Vitória da Conquista e região.

Pensando na definição do que vem a ser o comércio e, conseqüentemente, atividades comerciais, deve-se refletir em relação ao termo em si, buscando uma interpretação do ponto de vista econômico destas atividades e a compreensão das suas possíveis influências em uma determinada localidade. O termo comércio, segundo o dicionário, trata-se da:

Troca de valores ou de produtos, visando ao lucro. Os atos de comércio promovem a transferência de mercadorias entre os indivíduos, deslocando-os de regiões onde são abundantes para outras onde não existem em quantidade suficiente para satisfazer o consumo. (SANDRONI, 1999, p.110).

Conforme o Novíssimo Dicionário de Economia, de forma geral, o termo “comércio” está relacionado à troca de bens e valores visando o lucro. Sua importância é significativa, pois trata-se da atividade responsável pela troca de mercadorias, promovendo, inclusive, o deslocamento dos consumidores e das mercadorias em prol do consumo e do lucro. No caso de Vitória da Conquista, o comércio é um dos principais responsáveis pela dinâmica promovida na cidade e pela cidade, em escala regional. Em sua multiplicidade, esta atividade conta com diversas, categorias, produtos e formas em que a relação de troca entre valores e produtos se estabelece.

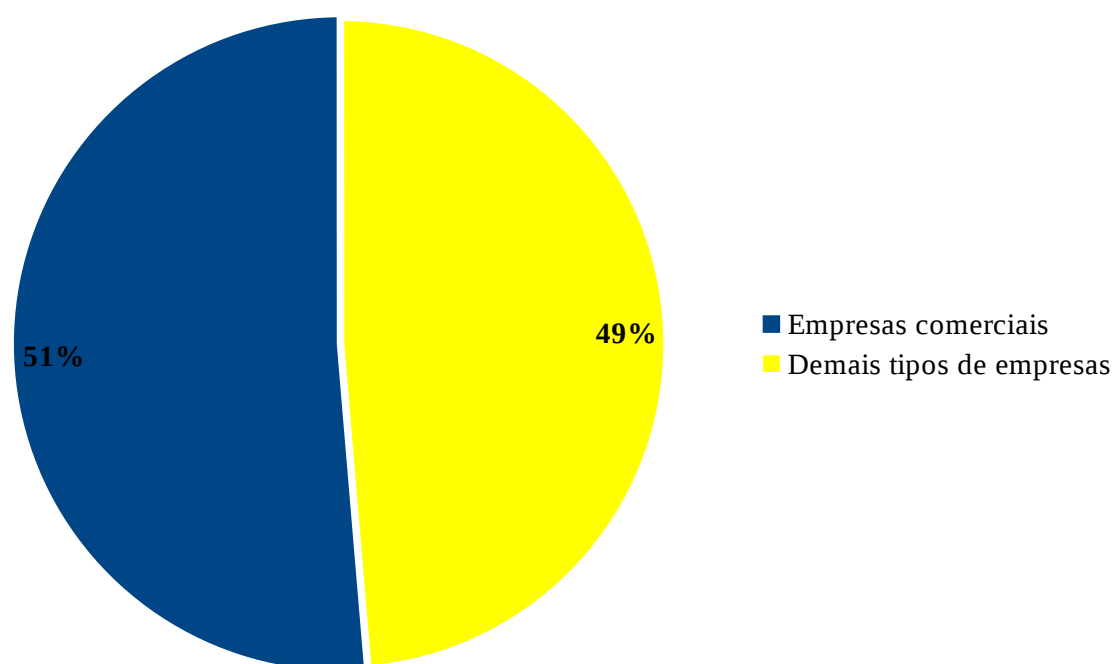
Além de sua função econômica fundamental, o comércio estimula a expansão dos meios de comunicação e transporte e o intercâmbio cultural entre as comunidades. Ao cumprir importante função social, qual seja a de possibilitar a troca de mercadorias, estimulando em conseqüência a produção e o consumo, o comércio torna-se mais ou menos necessário de acordo com a diversificação da estrutura produtiva de uma sociedade. (SANDRONI, 1999, p.110)

Compreendendo a importância econômica do comércio, é impossível negar que tal prática promove também diversas outras atividades aliadas diretamente à dinâmica de uma cidade e aos costumes de uma determinada população. Nessa perspectiva, ressalta-se o papel do

comércio no transporte, já que ele promove um fluxo constante, tanto de pessoas quanto de mercadorias. Do ponto de vista dos sujeitos deste fenômeno, pode-se destacar o deslocamento das pessoas que vão das suas residências até os estabelecimentos adquirir as mercadorias. Paralelo a isso, existe outro fluxo que, no contexto atual do capitalismo, ocorre diariamente de acordo com a demanda das mercadorias: o fluxo entre a indústria e o comércio, para o abastecimento dos produtos.

Em relação ao comércio de Vitória da Conquista não é diferente, no entanto, indaga-se, o porquê de tal fenômeno se estabelecer desta maneira na cidade. A resposta para isso está, dentre outros aspectos, na multiplicidade comercial que se estabeleceu, a variedade de opções presentes no seu comércio, ao mesmo tempo que são setores comerciais diferentes com relações distintas e uma variedade de produtos que podem ser encontrados. O Gráfico 1 a seguir traz informações percentuais sobre o quantitativo de empresas comerciais, em relação aos demais tipos de empresas, em Vitória da Conquista, no ano de 2016:

**Gráfico 1** – Quantidade de empresas comerciais em relação aos demais tipos de empresas em Vitória da Conquista – BA, 2016

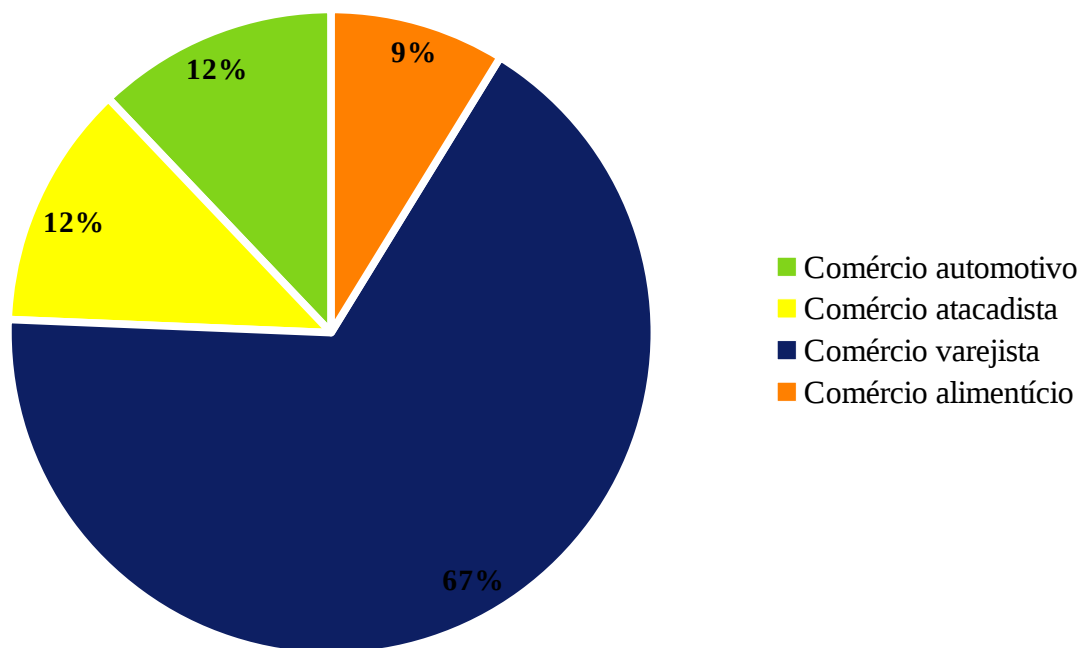


Fonte: IBGE – Cadastro Central de Empresas, 2016

Conforme o Gráfico 1, fica evidente o destaque das atividades comerciais para Vitória da Conquista, já que este tipo de empresa representa mais da metade do total de empresas presentes no município. Enquanto um dos pilares da economia da cidade, não é por acaso que o comércio assume um importante papel também na atratividade de pessoas oriundas de

outras localidades, pois este setor acabou se desenvolvendo significativamente ao longo do tempo para atender uma ampla demanda. No Gráfico 2 a seguir é possível visualizar o quantitativo percentual por tipo de comércio presente em Vitória da Conquista em 2016.

**Gráfico 2** – Tipos de estabelecimentos comerciais de Vitória da Conquista – BA, 2016



Fonte: IBGE – Cadastro Central de Empresas, 2016

Conforme o Gráfico 2, é possível compreender a abrangência, em uma perspectiva quantitativa, do comércio de Vitória da Conquista. Dessa forma, entende-se que a atividade comercial contempla diversos segmentos e vários setores na economia local. Um dos destaques é o setor automotivo como um todo, não só de venda de veículos como também de estabelecimentos voltados à venda de peças e manutenção em geral, o qual movimentava uma parcela significativa do comércio local. Considerando que Vitória da Conquista é a única cidade da região com concessionárias automotivas é natural que tenha um grande desenvolvimento neste setor como um todo, especialmente na manutenção de veículos.

Outro setor presente no Gráfico 2 que merece destaque é o comércio varejista. Embora o setor atacadista seja responsável por um fluxo singular entre Vitória da Conquista e outros municípios, o comércio varejista, do ponto de vista quantitativo, representa uma parte significativa dos estabelecimentos da cidade. Tal categoria se torna muito ampla, uma vez que pensar no comércio varejista implica refletir sobre os diversos segmentos comerciais que não vendem no atacado. Além disso, esta variedade não se restringe aos tipos de estabelecimentos

(que por si só, já são muitos), mas da quantidade de comércios de um mesmo segmento. Existem muitas opções de compra de um mesmo produto, o que promove preços competitivos em determinadas mercadorias.

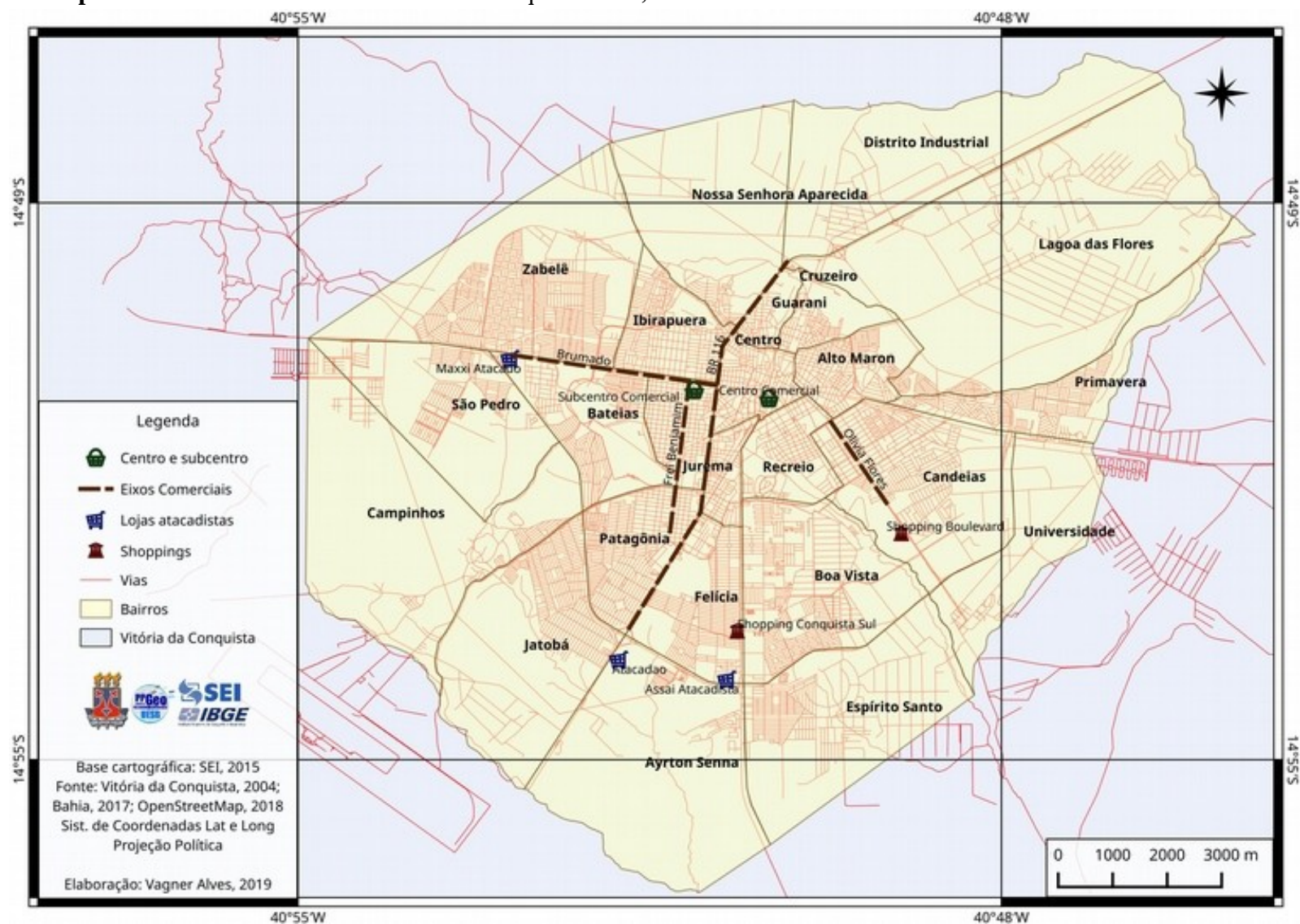
Um dos setores do comércio que contribui de forma significativa para a dinâmica de Vitória da Conquista em relação aos demais municípios da região é o atacadista. Embora, quantitativamente, seus números fiquem atrás do setor varejista, este tipo de comércio possui um papel singular na dinâmica regional de Vitória da Conquista, uma vez que os produtos comercializados na região passam diretamente pela cidade antes de serem adquiridos pelos comerciantes varejistas regionais e comercializados nos seus respectivos municípios. Dessa maneira, o comércio atacadista é, quantitativamente, menor porque movimenta um nicho específico de clientes comerciantes varejistas regionais, no entanto, ainda sim, é de suma importância para Vitória da Conquista.

Localizando as atividades comerciais em Vitória da Conquista, pode-se encontrar algumas centralidades em diferentes escalas. Ressalta-se, inicialmente, as áreas reconhecidas pelo Plano Diretor Urbano (PDU) de Vitória da Conquista: o centro comercial da cidade que possui uma intensa dinâmica voltada às atividades comerciais e à concentração dos serviços oferecidos em Vitória da Conquista e o subcentro comercial do Bairro Brasil, como uma centralidade singular cujo porte vai muito além de um simples comércio de bairro.

O Mapa 8 aponta a localização de algumas áreas comerciais de Vitória da Conquista no ano de 2004. Sobre isso, têm-se um subcentro comercial, presente no bairro Brasil e o centro tradicional da cidade. Percebe-se uma proximidade entre as duas centralidades já que os bairros Brasil e Centro fazem divisa entre si. É possível se pensar, com isso, em uma espécie de ligação entre os dois comércios, a qual fica visível em uma análise morfológica do espaço urbano em tal localidade.



Mapa 8 – Áreas comerciais de Vitória da Conquista - BA, 2019



Fonte: Plano Diretor Urbano de Vitória da Conquista – BA, 2004

Elaboração: SILVA, V. A. 2018

O Centro da cidade, formado por um núcleo central, polarizador das atividades econômicas e institucionais, já conta com as áreas circunvizinhas bastante comprometidas com usos comerciais e de serviços, caracterizando-se como áreas de transição para as áreas residenciais. De forma radial ao centro, pode-se perceber a formação de corredores de comércio e serviços variados, nos principais eixos viários. (VITÓRIA DA CONQUISTA, 2004, p.87)

O PDU traz uma perspectiva em relação ao Centro de Vitória da Conquista enquanto um espaço que polariza atividades de cunho econômico e institucional, em especial, o comércio. Apesar das atividades comerciais terem se espalhado por outras áreas da cidade, através dos shoppings e de estabelecimentos comerciais de grande porte, o Centro ainda consegue ser o principal local de atratividade do comércio, pois é o ponto de destino das pessoas de outros municípios que se deslocam até Vitória da Conquista.

É comum encontrar, no próprio Centro, pontos destinados ao embarque e desembarque de pessoas de outras localidades. Estes pontos são localizados de forma estratégica, pois permitem um deslocamento constante entre as pessoas que chegam em Vitória da Conquista a fim de consumir algum serviço em particular e pretendem voltar no mesmo dia.

Outra centralidade comercial presente na cidade e reconhecida pelo PDU é o subcentro comercial do bairro Brasil. Nessa perspectiva, Silva (2015) destaca:

Essa variedade comercial do bairro Brasil proporciona algumas características únicas ao comércio de tal localidade, sendo a principal delas, a titulação de subcentro comercial da cidade. Nesse caso, esse destaque é importante, pois atribui toda uma dinâmica única a esse bairro, promovida tanto pelos comerciantes quanto pelos consumidores de tais atividades. É válido destacar a forma como a diversidade comercial desse bairro promove alterações no seu Território. Considerando que essa quantidade de tipologias de estabelecimentos atrai públicos diferentes para ali consumir. (SILVA, 2015, p.71)

Conforme Silva (2015), um dos pontos-chave para a consumação do subcentro comercial do bairro Brasil em um local de destaque na cidade é a diversidade ali encontrada. Esta diversidade abrange características que dão certas particularidades ao comércio do bairro, como a presença de grandes redes de lojas de roupas e eletrodomésticos, além de serviços variados voltados ao setor alimentício (como bares e restaurantes destinados a múltiplas classes) e a presença de atividades no setor automobilístico (como oficinas mecânicas e lojas de autopeças). A Fotografia 4, a seguir, apresenta a junção de diferentes tipos de estabelecimentos comerciais no subcentro comercial do bairro Brasil: uma loja de

eletrodomésticos, o mercado municipal, uma loja de calçados e um estabelecimento alimentício.

**Fotografia 4** – Painel fotográfico com estabelecimentos comerciais do bairro Brasil – Vitória da Conquista – BA, 2019



Fonte: Pesquisa de campo. 2019

Embora o PDU destaque apenas essas duas centralidades comerciais em Vitória da Conquista, é possível identificar outras áreas na cidade com forte incidência comercial, ainda que não tenham a mesma referência de uma centralidade. Neste caso, pode-se destacar os Shoppings Conquista Sul e Boulevard, os quais reúnem lojas de abrangência nacional e oferecem serviços que não são encontrados em outras áreas. Outro aspecto que se deve ressaltar é a presença de empresas de grande porte como lojas atacadistas e varejistas de grupos nacionais e internacionais. Um fenômeno espacial desenvolvido em Vitória da Conquista é em relação às avenidas que formam verdadeiros eixos comerciais, com destaque nas avenidas: Brumado, Frei Benjamim, Olívia Flores e o trecho urbano da BR – 116.

Ao se refletir sobre a atividade comercial desenvolvida em Vitória da Conquista, é possível compreender sua significância para a dinâmica interna cidade, uma vez que promove uma circulação financeira e atribui à cidade o título de capital regional, devido à sua importância para a região. Para Silva (2016):

Vitória da Conquista atua como cidade média, em seu papel específico na rede urbana, e não é uma metrópole. O referido município apresenta centralidade econômica e possui uma extensa área de influência, pois se trata de uma referência regional em prestação de serviços e pelo comércio. (SILVA, 2016, p.124)

Conforme Silva (2016), Vitória da Conquista tem uma grande função na rede urbana a qual faz parte, pois centra as principais atividades econômicas desenvolvidas na região, especialmente relacionadas aos setores de comércio e serviços. É válido ressaltar que essa relação não é unilateral, existindo uma reciprocidade dos consumidores regionais para a cidade de Vitória da Conquista. Pensando desta maneira, é possível visualizar tal movimento na medida em que os consumidores se tornam fundamentais para o desenvolvimento econômico da cidade, já que promovem a circulação capital em escala regional ao consumirem em Vitória da Conquista, com lucro que foi produzido nos seus locais de origem. Outra particularidade relacionada a este comércio é a sua multiplicidade em relação à oferta de produtos gerais. Tal fato, além de contribuir diretamente nos fluxos desenvolvidos na cidade por conta da atratividade de pessoas de outros municípios para consumir os produtos aqui comercializados, produz um fluxo constante de mercadorias que vêm de diversas localidades dentro e fora da região. Este fenômeno reforça a importância da cidade na rede urbana, já que seu comércio promove a atratividade de pessoas e de mercadorias.

## **4 FORMAÇÃO TERRITORIAL E CARACTERIZAÇÃO SOCIOECONÔMICA DO TERRITÓRIO DE IDENTIDADE SUDOESTE BAIANO**

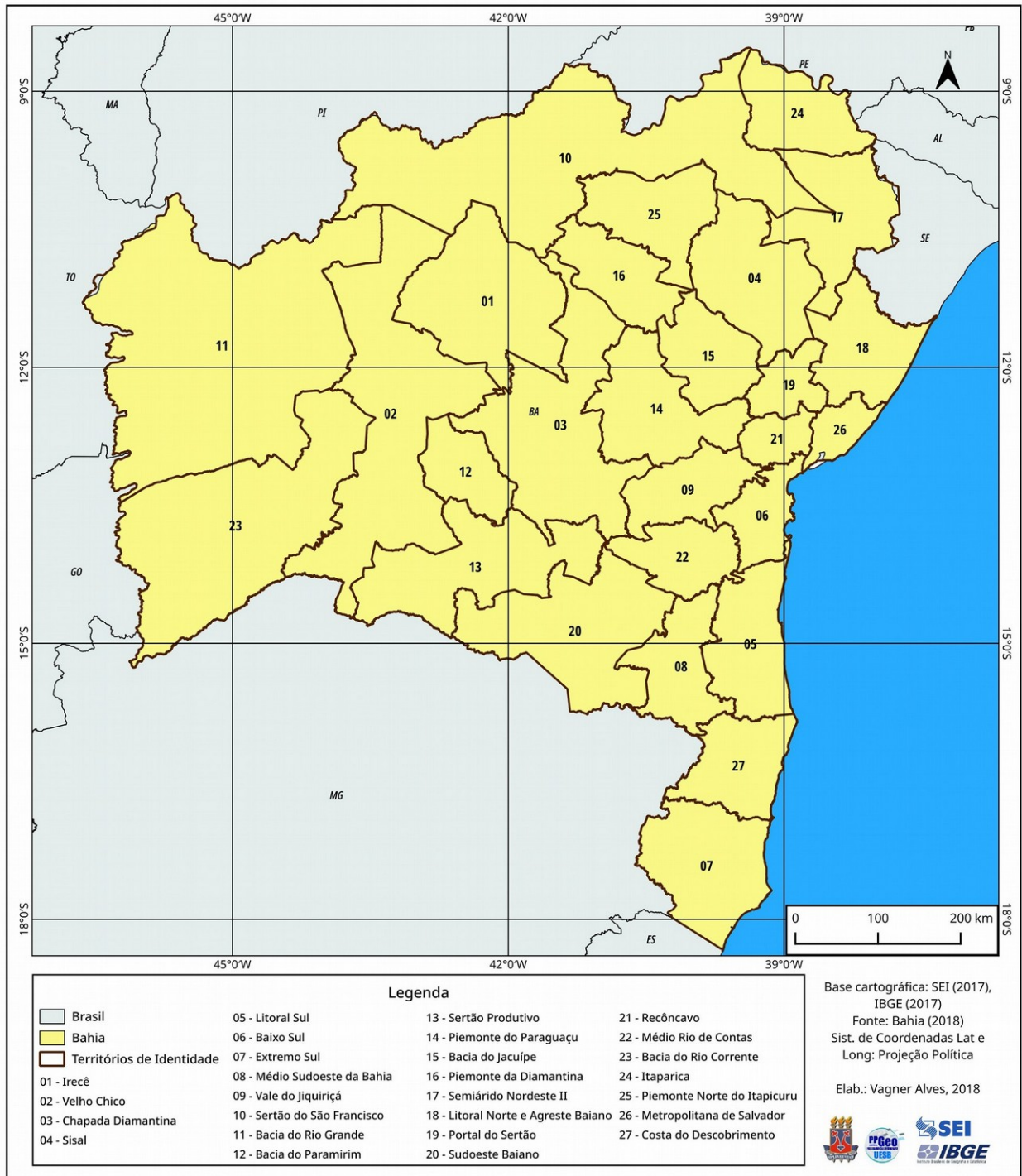
Os Territórios de Identidade da Bahia, implantados pelo governo do Estado em meados de 2007, trouxe consigo novas maneiras de se pensar o Estado, do ponto de vista do planejamento em escala regional. Embora a nomenclatura seja ligada à identidade territorial, esta regionalização pode ser utilizada em diversos âmbitos e, seu recorte, analisado em múltiplos aspectos, além das questões identitárias. No caso específico do Sudoeste Baiano, trata-se de um Território em que a formação territorial dos seus municípios está muito ligada ao desmembramento de outros municípios, especialmente, Vitória da Conquista e Condeúba, os quais, foram desmembrados de Caetité e, direta ou indiretamente, deram origem a maior parte dos municípios que compõe tal Território. No que se refere aos aspectos socioeconômicos, existe uma significativa centralidade expressa por Vitória da Conquista, em relação às demais localidades. Tal fato vai além da questão produtiva e populacional, fazendo com que Vitória da Conquista exerça uma influência significativa em todo o Sudoeste Baiano.

### **4.1 Formação territorial do Sudoeste Baiano: pressupostos históricos e metodológicos**

O Território de Identidade Sudoeste Baiano, anteriormente chamado de Território de Identidade de Vitória da Conquista, fez parte da regionalização implantada pelo Governo Estadual, pautada nos novos direcionamentos das políticas territoriais da Bahia. Para se compreender o processo de formação e definição do recorte territorial compreendido como Sudoeste Baiano, inicialmente, deve-se estabelecer um debate acerca dos Territórios de Identidade da Bahia, enquanto regionalização.

Em 2007, foram implantados Territórios de identidade no Estado da Bahia, que, de maneira geral, consiste em uma regionalização pautada, dentre outros elementos, nos aspectos socioculturais de cada Território. A princípio, tratava-se de 25 Territórios Rurais, mais tarde aumentando esse número para 26 e, posteriormente, 27 regiões renomeadas para Territórios de Identidade pelo Governo da Bahia, dessa maneira, abrindo margem para uma leitura que abrange o espaço urbano. O Mapa 9, a seguir, traz a organização atual dos Territórios de Identidade da Bahia modificada pela última vez em meados de 2016.

**Mapa 9 – Territórios de Identidade da Bahia, 2018**



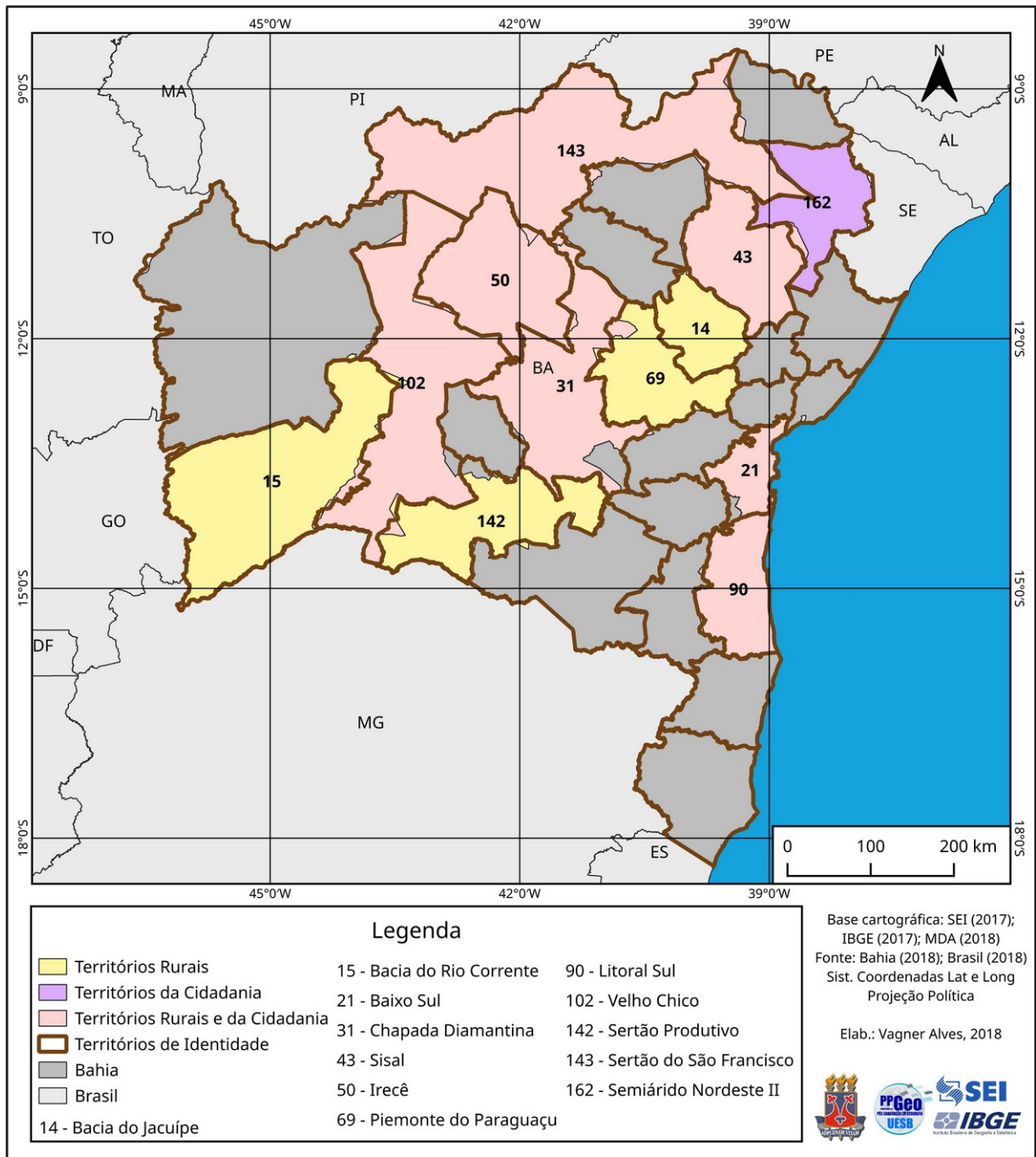
Fonte: SEI-BA, 2018  
 Elaboração: SILVA, V. A. 2018

A nomenclatura inicial de Territórios Rurais foi uma herança do projeto que tal regionalização se baseou: o Programa Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Territórios Rurais – PRONAT, promovido pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário – MDA, desde meados de 2003. O objetivo do PRONAT era “Promover o planejamento e a autogestão do processo de desenvolvimento sustentável dos Territórios rurais e o fortalecimento e dinamização da economia.”(BAHIA, 2014, p.1).

Outro programa de suma importância na implantação dos Territórios de Identidade da Bahia foi Territórios da Cidadania que tratava-se de uma estratégia promovida pelo Governo Federal em parceria com as esferas estaduais e municipais. O objetivo deste projeto consistia em “[...]uma estratégia de desenvolvimento regional sustentável e garantia de direitos sociais voltados às regiões do país que mais precisam, com objetivo de levar o desenvolvimento econômico e universalizar os programas básicos de cidadania.” (BRASIL, 2008, p.2).

O Mapa 10 mostra uma relação entre as três regionalizações mencionadas: os Territórios Rurais, os Territórios da Cidadania e os Territórios de Identidade. Nesse caso, fica evidente a importância dos Territórios Rurais e dos Territórios da Cidadania para os Territórios de Identidade, implantados pelo Governo da Bahia. Ao se comparar tais recortes regionais, do ponto de vista territorial, fica visível o reaproveitamento parcial dessas regionalizações anteriores, uma vez que doze dos vinte e sete Territórios de Identidades atuais já existiam anteriormente, porém, com algumas adaptações, cujo objetivo, foram integrar áreas que, de alguma maneira, faziam parte daquele Território (na visão do governo do Estado da Bahia).

**Mapa 10** – Sobreposição das regionalizações que deram origem aos Territórios de Identidade da Bahia, 2018



Fonte: Bahia, 2018; Brasil, 2018

Elaboração: SILVA, V. A. 2018



Apesar das semelhanças com os outros programas, do ponto de vista do recorte espacial, esta regionalização não foi implantada de maneira afoita. Um estudo pautado no PRONAT e nos Territórios da Cidadania foi realizado e desenvolvido por órgãos estaduais, federais e locais, não só com a finalidade de mapear todos os Territórios já existentes no estado, mas também propor novos critérios e novos recortes que contemplassem outras áreas da Bahia por meio desta regionalização:

No período de 2003 a 2006, foram realizadas várias atividades, dentre as quais levantamento das delimitações geográficas existentes, reuniões entre organizações e as bases locais para opinarem quanto à inserção dos municípios nos Territórios, apresentação de propostas e ajustes, eleição de representantes de cada Território. Desse processo foram revelados 25 Territórios rurais. (BAHIA, 2014, p.2).

Conforme visto acima, percebe-se alguns aspectos marcantes no planejamento da implementação da nova regionalização proposta no estado da Bahia. Em princípio, fica evidente que, embora o estudo tenha usado como alicerce os Territórios Agrários e da Cidadania para o estabelecimento dos recortes preestabelecidos, existiram algumas adaptações importantes nestes recortes com o intuito de promover os ajustes necessários para contemplar os novos critérios acrescidos à política territorial.

Além do tempo decorrido, três anos de atividades, pode-se destacar a presença das bases locais para a determinação dos Territórios. Assim, houve um planejamento conjunto entre as esferas políticas, bem como a presença da própria população com a eleição de representantes dos colegiados de cada Território. A participação de representantes da sociedade civil é de suma importância nas decisões referentes aos Territórios de Identidade, pois fornece uma visão da população e sua identidade como contribuição para a definição dos Territórios.

Inicialmente com 25 Territórios, após o reconhecimento e legitimação da divisão dos Territórios de Identidade por parte do então governador Jaques Wagner, tal regionalização foi adotada como unidade de planejamento de políticas públicas do Estado da Bahia. Para isso, “foi necessária a ampliação da representação e do escopo das políticas trabalhadas nos espaços colegiados nos Territórios, acrescentando ao rural as temáticas e as entidades urbanas”(BAHIA, 2014, p.2).

Por meio da citação acima pode-se estabelecer a importância que os Territórios de Identidade da Bahia adquirem ao longo dos anos passando a ser uma regionalização utilizada para o desenvolvimento de políticas públicas no estado. Nesse sentido, os TI's sofrem uma

mudança significativa na sua abordagem de tal maneira que, agora, eles tendem a contemplar diversas temáticas inerentes ao planejamento estatal. Para isso, passa-se a estudar estes territórios também no âmbito urbano, visto que essa é uma das temáticas que deveriam ser contempladas para o planejamento de políticas públicas da Bahia.

Os critérios para delimitação das políticas territoriais da Bahia passaram a ter os seguintes pressupostos na tentativa de estabelecer um estudo multidimensional:

Culturais: costumes e valores, religiosidade, manifestações folclóricas, gastronomia, produção cultural, visão da sociedade sobre si mesma e outras formas de expressão da realidade local;

Geoambientais: características geográficas e ambientais, como topografia, hidrografia, clima, fauna, flora, solo, ecossistemas, preservação dos recursos naturais, defesa do princípio da sustentabilidade;

Político-institucionais: capacidade de formação de capital social (capacidade de negociação e cooperação da comunidade em prol de objetivos coletivos), sua institucionalização em organizações sociais e outras formas, grau de articulação política das forças sociais no Território;

Econômicos: base produtiva, especialização econômica, conformação dos mercados e fluxos comerciais, produção e distribuição de renda, infraestrutura voltada à produção e às atividades econômicas, capacidade de transporte e comunicações, capacidade de articulação dos recursos locais para gerar oportunidades de trabalho e renda, etc. (BAHIA, 2014, p.3).

É importante observar que tais conceitos acerca dessa regionalização atuam de forma complementar no planejamento territorial estabelecido através das políticas territoriais da Bahia. Cabe o destaque para a percepção conceitual de Território abordada, nesse caso, a presença da multidimensionalidade como fator importante para o planejamento do território. Um conceito que está diretamente atrelado aos Territórios de Identidade é a presença do pertencimento como fator significativo para a determinação desses recortes, já que ele remete a uma visão dos sujeitos que vivenciam estes espaços partindo para o pressuposto do pertencimento a um determinado território e da sua inserção enquanto sujeito ativo no planejamento participativo. Segundo Flores (2014):

Cada Território de Identidade compõe, assim como os Territórios Rurais e de Cidadania, um Conselho Colegiado integrado por membros da sociedade civil organizada, sejam sindicatos, associações, movimentos sociais, entre outros, de cada município que compõe o Território. Esse Conselho realiza plenárias para discutir as principais demandas sociais, estratégias, potencialidades e limitações do Território a fim de traçar um plano de desenvolvimento territorial. (FLORES, 2014, p. 49)

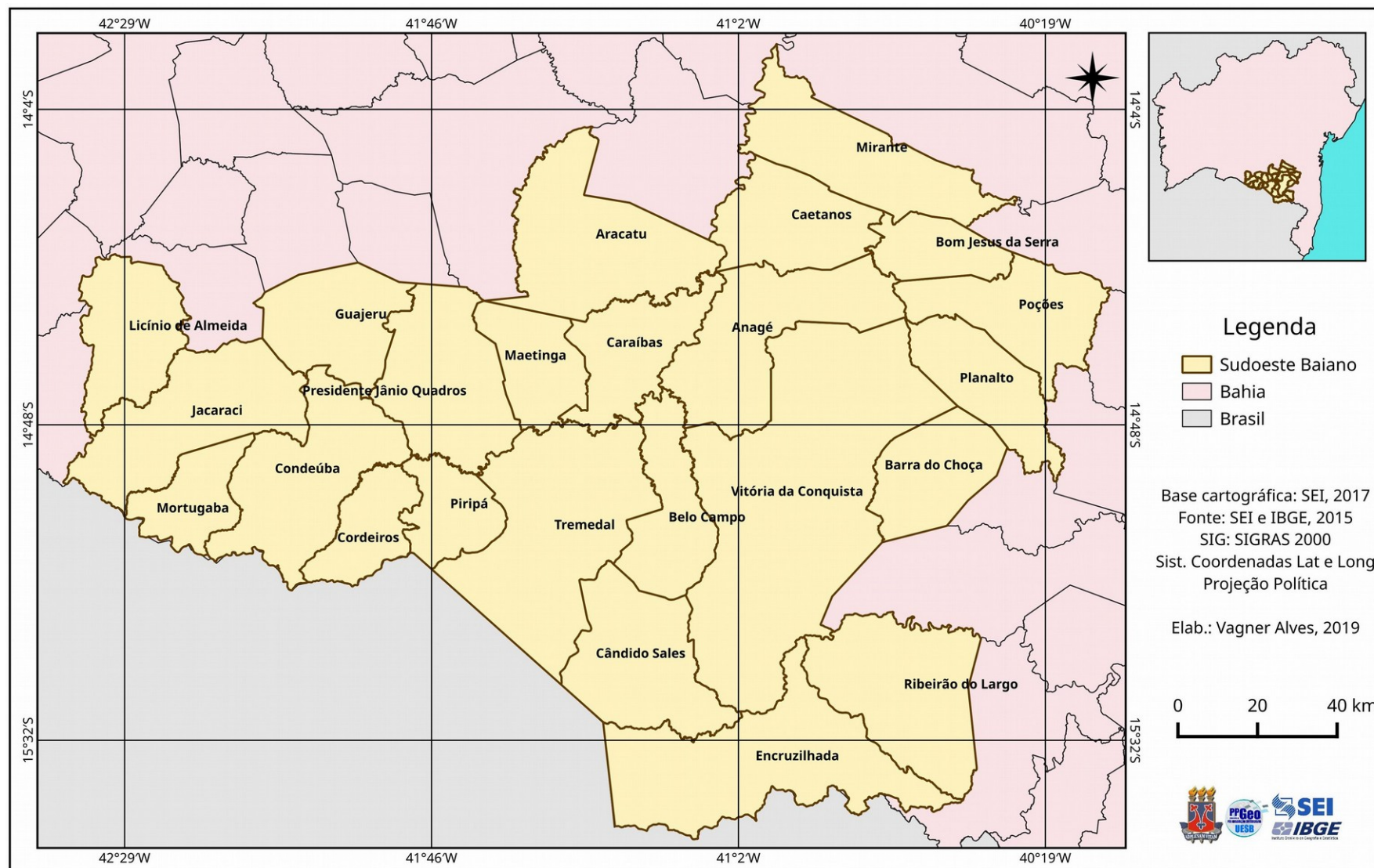
É possível perceber que a ação popular nos Territórios de Identidade é institucionalizada através dos Conselhos Colegiados, os quais mantêm representantes de cada município da região em questão. Dessa maneira, os membros desses colegiados atuam de forma ativa e conjunta no planejamento regional, bem como na elaboração de planos para o desenvolvimento territorial defendendo, assim, os interesses dos seus respectivos municípios e do próprio Território de Identidade.

No atual Território de Identidade Sudoeste Baiano, inicialmente, existiam alguns elementos que tornavam mais complexa a definição deste Território sendo, um deles, a clara centralidade exercida por Vitória da Conquista que refletia na sua nomenclatura. Apesar desta centralidade ser explorada na própria definição do Território, do ponto de vista das articulações socioeconômicas, no caso do planejamento, causava conflitos no sentido dos outros municípios não terem uma identidade homogênea com Vitória da Conquista, bem como, suas demandas sociais não necessariamente perpassavam pela cidade polarizadora. Para Lima e Serpa (2014):

Essa polarização exercida por Conquista é criticada também pelo fato de, na regionalização recente, o Território ter recebido o nome do município-polo. Patrícia Moreira, representante territorial da Secretaria da Cultura no Território de Vitória da Conquista, diz que para os outros municípios o processo de regionalização foi de “cima para baixo”. (LIMA e SERPA, 2014, p.58)

Conforme Lima e Serpa, as dificuldades com este Território foram exatamente na forma como o processo de regionalização se estabeleceu na visão dos demais municípios que compunham o Território. Este processo se deu de “cima para baixo” ao privilegiar o município de Vitória da Conquista em detrimento dos demais, em razão da sua importância enquanto município-polo. Este fato mudou a partir de 2016 com algumas reformulações na política dos Territórios de identidade que propuseram mudanças em diversos Territórios, a exemplo de Vitória da Conquista que passou a se chamar Território de Identidade Sudoeste Baiano. O Mapa 11 apresenta o recorte do Território de Identidade Sudoeste Baiano atualmente, após as mudanças destacadas.

**Mapa 11** – Território de Identidade Sudoeste Baiano, 2019



Fonte: SEI, 2017

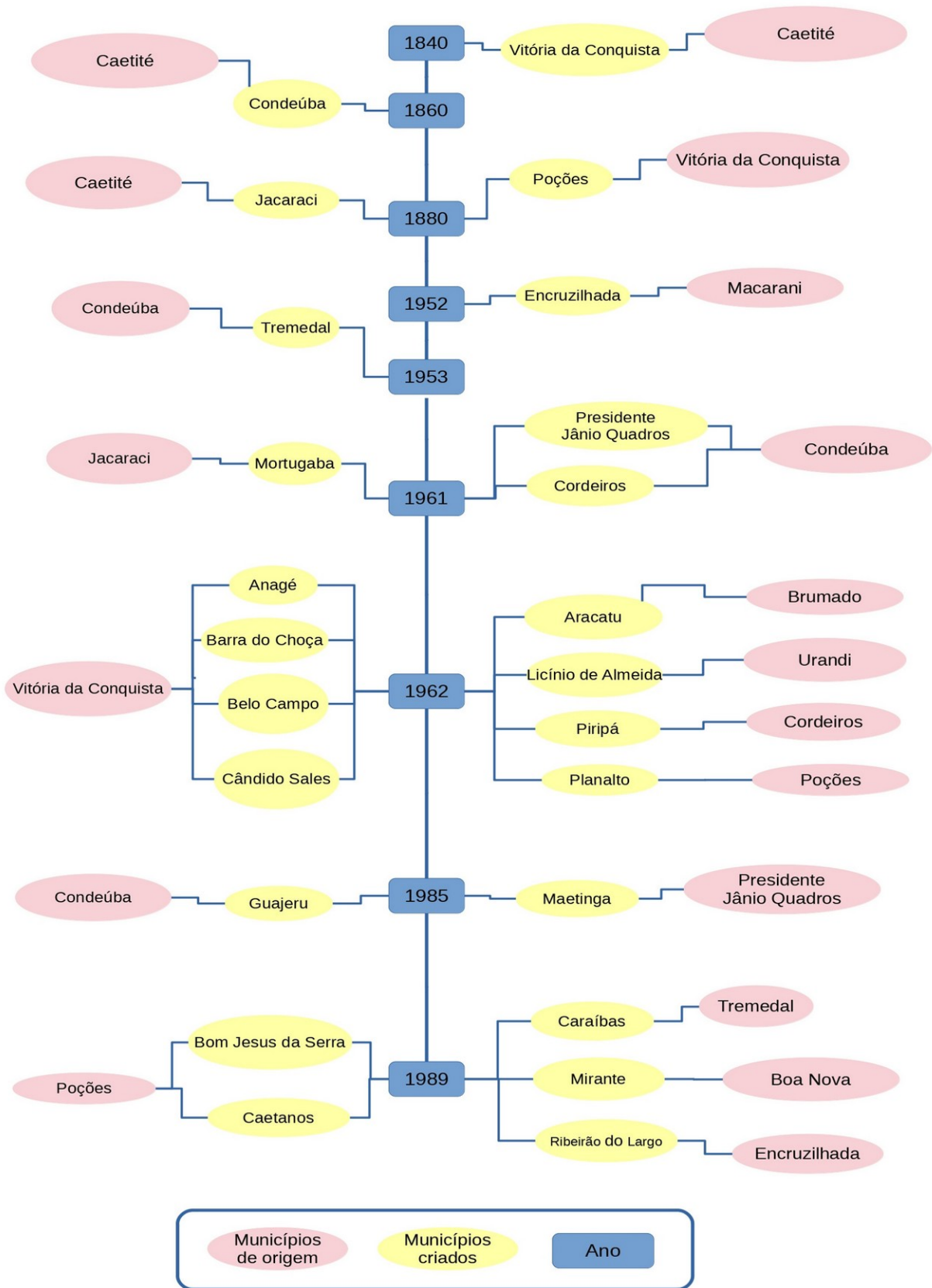
Elaboração: SILVA, V. A. 2019

O Território de Identidade Sudoeste Baiano, composto por 24 municípios, conforme o Mapa 11, possui certas particularidades atreladas não apenas às suas características físicas, como também aos próprios aspectos culturais. Nesse caso, isso pode ser compreendido pela própria distância física entre seus municípios. Sobre sua localização, a SEI (2015) destaca:

O Território de Identidade Vitória da Conquista está localizado no Centro Sul Baiano, entre as coordenadas aproximadas de 14° a 15°45' de latitude sul e 40°15' a 42°45' de longitude oeste, ocupando uma área aproximada de 27.275,6 km<sup>2</sup> (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2011), correspondendo a aproximadamente 4,8% do Território estadual. É composto administrativamente pelos municípios de Anagé, Aracatu, Barra do Choça, Belo Campo, Bom Jesus da Serra, Caetanos, Cândido Sales, Caraíbas, Condeúba, Cordeiros, Encruzilhada, Guajeru, Jacaraci, Licínio de Almeida, Maetinga, Mirante, Mortugaba, Piripá, Planalto, Poções, Presidente Jânio Quadros, Ribeirão do Largo, Tremedal e Vitória da Conquista. (SEI, 2015, p.13)

A formação histórica do Sudoeste Baiano também possui elementos distintos entre seus municípios, já que nem todos foram emancipados no mesmo período, entretanto, muitos foram desmembrados de outros municípios que pertencem (ou não) ao referido Território. Pode-se considerar também que a emancipação destes municípios é relativamente recente se comparados às outras localidades da própria Bahia. De acordo com Ferraz e Rocha (2015), vários municípios foram desmembrados de Vitória da Conquista ao longo de sua história, sendo que, muitos deles, atualmente, fazem parte do Sudoeste Baiano. São eles: Barra do Choça, Anagé, Cândido Sales, Belo Campo e Planalto (1962), Ribeirão do Largo, Encruzilhada, Caetanos, Mirante, Bom Jesus da Serra e Poções (1989). O Organograma 1 a seguir apresenta o ano de emancipação dos municípios que compõem o Sudoeste Baiano.

**Organograma 1** – Desmembramento e formação dos municípios do Território de Identidade Sudoeste Baiano



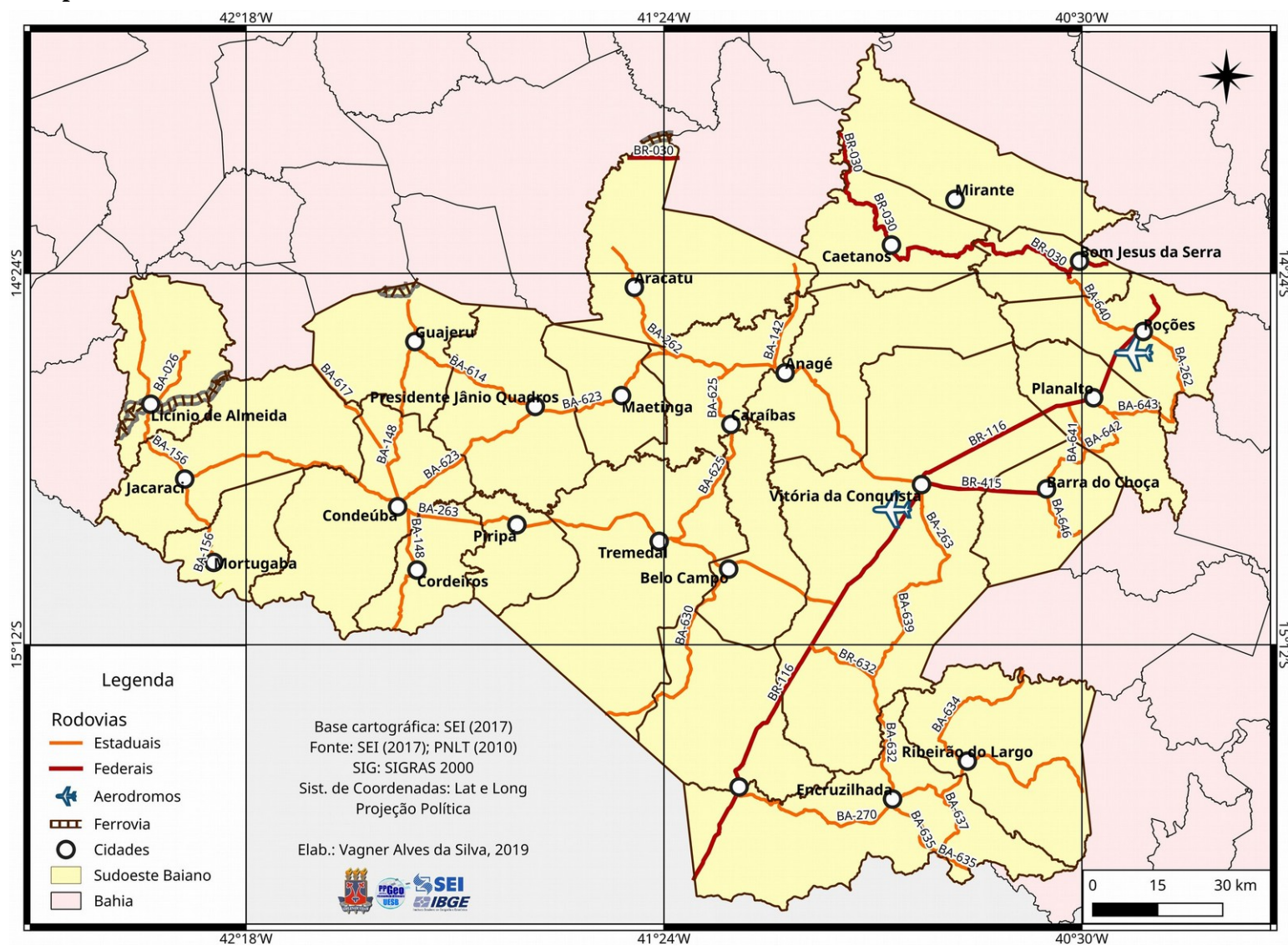
Fonte: SEI, 2017

Conforme o Organograma 1 é possível identificar, do ponto de vista territorial, a origem do Território de Identidade Sudoeste Baiano. Nesse caso, observa-se que a maior parte do território, de maneira geral, foi desmembrada do município de Caetité dando origem à Vitória da Conquista e Condeúba. Posteriormente, os demais municípios foram se desmembrando desses dois citados anteriormente, tendo, com isso, uma ligação histórica direta ou indiretamente relacionada aos municípios em questão. Tal fato pode ser destacado quando se observa, por exemplo, o município de Planalto, desmembrado de Poções, e este último, por sua vez, teve origem em Vitória da Conquista. Por esta lógica, além do próprio município de Vitória da Conquista, mais oito municípios do Sudoeste Baiano foram também desmembrados de Vitória da Conquista. Já Condeúba teve seis municípios que foram direto ou indiretamente desmembrados do seu território.

O fato destes municípios terem sido desmembrados de Vitória da Conquista contribuiu de forma significativa para que eles fossem interligados ao Sudoeste Baiano, do ponto de vista histórico e cultural. No entanto, é importante ressaltar como isso colaborou para a existência de relações comerciais marcantes na medida que existe uma relação econômica ainda mais forte com as atividades comerciais presentes em Vitória da Conquista. Na história deste município, uma das atividades mais presentes ao longo da sua existência foi exatamente o comércio.

Um outro fator relevante em relação à proximidade dos municípios que compõem o Sudoeste Baiano é a acessibilidade entre estas localidades, pois existe uma significativa malha viária composta por importantes rodovias federais e estaduais que oferecem acesso ao referido Território e contribuem para uma interligação entre seus próprios municípios. Além da questão das rodovias, existe, no pressuposto da infraestrutura, outros equipamentos importantes no Sudoeste Baiano, como ferrovias e aeroportos, responsáveis por parte dos fluxos presentes neste Território. Todos estes equipamentos voltados aos fluxos são importantes para esta região, já que proporcionam uma interligação territorial entre os municípios que a compõem, bem como com outras localidades dentro e fora da Bahia. O Mapa 12 apresenta a disponibilidade desses equipamentos de infraestrutura ligados ao setor de transporte no Território de Identidade Sudoeste Baiano.

Mapa 12 – Estradas, ferrovias e aerodromos do Território de Identidade Sudoeste Baiano, 2019



Fonte: SEI (2017); PNLT (2010)

Elaboração: SILVA, V. A. 2019



Por meio do Mapa 12 é possível visualizar os principais meios de acesso, em relação ao transporte, no Sudoeste Baiano. Nesse caso, destacam-se as rodovias, estaduais e federais e aerodromos e ferrovias. No caso específico das rodovias, o destaque está na BR 116 que corta os municípios de Encruzilhada, Cândido Sales, Vitória da Conquista, Planalto e Poções. Esta é uma das principais vias que ligam o Sudeste ao Nordeste do país e possui um intenso fluxo diário de veículos. Conforme o mapa anterior, algo importante de se observar é que várias estradas estaduais estão diretamente ligadas à BR 116, como é o caso da BA 263 que dá acesso aos municípios do lado oeste do TI em questão.

Um outro significativo meio de transporte em destaque é o aéreo com a presença de dois aerodromos no Território nos municípios de Poções e Vitória da Conquista. Se tratando especificamente deste último, vale ressaltar a construção do novo aeroporto, com previsão para inauguração em agosto de 2019, no qual pretende atender a uma demanda maior de voos advindos de outros estados, como São Paulo. Quanto ao transporte ferroviário, alguns trechos passam pelo Sudoeste Baiano e fazem parte de uma importante ferrovia que corta todo o estado no sentido Norte-Sul. Tal ferrovia, em um determinado momento da história da Bahia, foi um significativo meio de transporte para o Estado, pois conectava a Bahia a outros estados da Federação, além de cortar todo o seu território.

Do ponto de vista cultural, é difícil pensar em uma visão homogênea que contemple todo o Território, já que cada município possui suas próprias particularidades neste quesito. Geograficamente, existem localidades com uma certa proximidade entre a população e os municípios vizinhos, no entanto isto não ocorre em alguns lugares distantes. Apesar destas incoerências culturais, de acordo com a SEI (2015), os aspectos culturais do Território de Identidade Sudoeste Baiano se aproximam da cultura do Norte de Minas Gerais.

A formação cultural do TI Vitória da Conquista está intrinsecamente relacionada à sua conformação histórica e ao processo de ocupação do seu Território. Desde a época de sua formação, o Território sofre grande influência da região norte do estado de Minas Gerais, com intensas relações com a cidade de Montes Claros, chegando até a capital, Belo Horizonte. Essa articulação conduz à implementação de atividades comuns, nos âmbitos da pecuária e da mineração, que passam a conduzir a formação espacial, social e econômica da região. A pecuária bovina é, especialmente, fator marcante no aspecto sociocultural, constituindo elemento de integração regional. (SEI, 2015, p.37)

Conforme destacado pela SEI (Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia), o aspecto cultural do Território de Identidade Sudoeste Baiano está atrelado à cultura

mineira, mais especificamente do Norte de Minas Gerais, podendo se estender até Belo Horizonte. Isso se configura através das relações estabelecidas entre as regiões no âmbito econômico, em particular, na pecuária e na mineração. Esta relação é um dos fatores responsáveis, segundo a SEI, pela “Identidade Cultural” do Sudoeste Baiano, uma vez que trata-se de uma cultura sertaneja que caracteriza seus municípios. Outro fator que contribuiu neste quesito foi a cultura quilombola em sua grande quantidade de comunidades presentes nos municípios deste Território.

Nota-se também a presença de heranças quilombolas. De acordo com a Secretaria de Promoção da Igualdade Racial, há 30 comunidades quilombolas certificadas no TI, e o município de Vitória da Conquista é o que detém o maior quantitativo: 23 comunidades. É nesse município que estão instalados núcleos que buscam defender, difundir e organizar ações voltadas à promoção da dignidade de populações afrodescendentes, como o Movimento Cultural Consciência Negra, o Conselho Territorial de Comunidades Remanescentes de Quilombos, o Núcleo de Educação Quilombola, o Núcleo de Promoção da Igualdade Racial – este último com ações como a Comissão da Juventude Quilombola e a Casa do Estudante Quilombola –, dentre outros movimentos. (SEI, 2015, p.37)

De acordo com a citação acima, as comunidades quilombolas foram fundamentais para o Sudoeste Baiano, já que tal Território é composto por 30 comunidades. Ainda que exista uma clara concentração no município de Vitória da Conquista, com a presença de 23 das 30 comunidades quilombolas presentes no Território, elas foram importantes, inclusive, do ponto de vista da gestão territorial, por meio do desenvolvimento de políticas públicas voltadas à promoção da igualdade racial e dignidade da população afrodescendente. Assim, surgiram diversos órgãos, implantados em Vitória da Conquista, para atenderem esta finalidade. Outra questão histórica relevante para o Território em questão está no seu povoamento. Para a SEI (2015):

O Território de Identidade Vitória da Conquista teve sua povoação iniciada no século XVIII com o objetivo de expandir o ciclo da colonização portuguesa, a fim de criar um aglomerado urbano entre a região litorânea e o interior do sertão. O primeiro município a ser criado foi Vitória da Conquista, em 1840, antes vila e freguesia pertencentes ao município de Caetitê. (SEI, 2015, p.19)

Através da citação da SEI, e o que já foi disposto no segundo capítulo ao falar-se da história de Vitória da Conquista, percebe-se que a história do povoamento do município e do Sudoeste Baiano se misturam em determinados momentos. Não por acaso, a cidade de Vitória

da Conquista exerce uma polarização no Território, como apontam Lima e Serpa (2015). No entanto, deve-se considerar que, os municípios que hoje compõem o Território de Identidade Sudoeste Baiano, outrora fizeram parte dos municípios pertencentes à Vitória da Conquista.

Conforme já visto, é compreensível que, ao estudar a formação territorial do Sudoeste Baiano, tal processo esteja diretamente ligado à história de Vitória da Conquista enquanto município pioneiro neste território, bem como as mudanças e (re)definições territoriais pelas quais tal município passou, ao longo da sua história. Ainda sobre o aspecto territorial dos municípios que compõem o Sudoeste Baiano, destacam-se também os municípios de Caetité (que deu origem, indiretamente, a maior parte dos municípios que fazem parte deste território, apesar de, atualmente, não se encontrar dentre eles), além de Condeúba que, assim como Vitória da Conquista, foi um dos primeiros municípios criados nesta região e que deu origem a vários outros, conforme o Organograma 1.

Apesar da importância histórica de alguns municípios para o Sudoeste Baiano, Vitória da Conquista se sobressai em relação a sua polarização em determinadas atividades, especialmente nos setores de indústria, comércio e serviços que, por sua vez, tendem a atrair pessoas de múltiplas localidades dentro e fora do território. Logo, ao se tratar especificamente deste município, é importante ressaltar que ele contribuiu e contribui de maneira significativa para uma dinâmica territorial singular no Sudoeste Baiano, por meio dos seus fluxos. Não por acaso, este recorte foi chamado de Território de Identidade de Vitória da Conquista, contudo, pela ausência de uma identidade territorial entre Vitória da Conquista e os demais municípios do Sudoeste Baiano (até porquê, nem todos tiveram seus territórios diretamente derivados de Vitória da Conquista), passou-se a se chamar Território de Identidade Sudoeste Baiano e, ampliou-se essa questão identitária a cultura sertaneja, aproximando-se dos aspectos culturais do Norte de Minas Gerais.

## **4.2 Aspectos socioeconômicos do Sudoeste Baiano**

Promover uma caracterização socioeconômica de um território que apresenta certa heterogeneidade não é tarefa fácil e é fundamental promover um estudo acerca de algumas características particulares dos municípios que o compõem. Nesse caso, é importante ressaltar que estes aspectos revelam muito sobre as características econômicas e sociais deste recorte, bem como as divergências e semelhanças dos municípios que o compõe.

Para refletir sobre as características econômicas dos municípios que formam o Sudoeste Baiano, o ponto de partida é em relação ao Produto Interno Bruto (PIB), pois ele tende a revelar as principais contribuições econômicas de cada município. É importante ressaltar que, muitos desses municípios, possuem boa parte da sua verba oriunda da própria prefeitura, que, por sua vez, na classificação do PIB estabelecida pelo IBGE, se enquadra na categoria Serviços. A Tabela 4, a seguir, mostra alguns aspectos da contribuição das atividades comerciais (na categoria serviços) para o PIB do Sudoeste Baiano.

**Tabela 4 – PIB por setor de atividade no Território de Identidade Sudoeste Baiano, 2016**

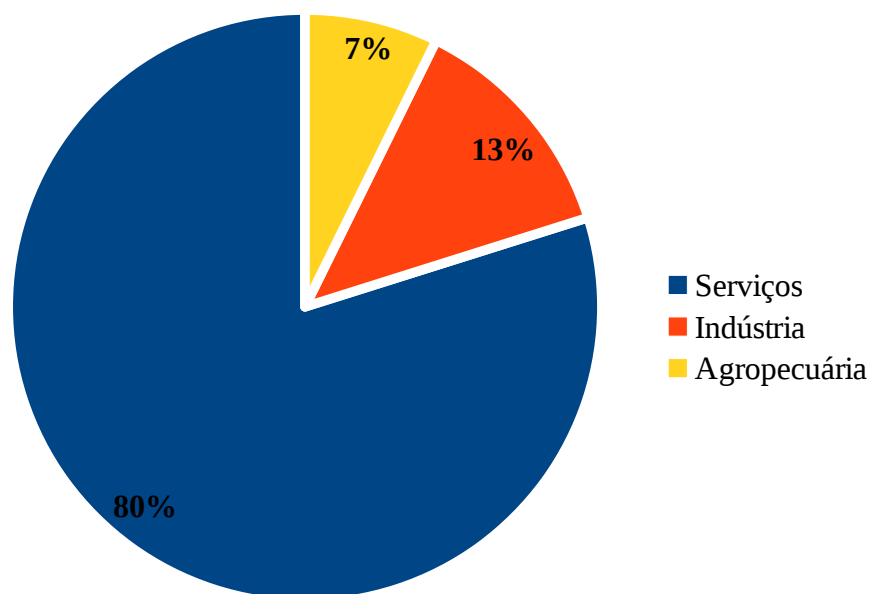
Município	Serviços – VAB (R\$ 1.000 )	Indústria – VAB (R\$ 1.000 )	Agropecuária – VAB (R\$ 1.000 )
Anagé	R\$ 129.668,42	R\$ 8.532,50	R\$ 14.679,15
Aracatu	R\$ 67.023,00	R\$ 4.699,21	R\$ 13.553,69
Barra do Choça	R\$ 242.570,69	R\$ 49.166,79	R\$ 196.952,74
Belo Campo	R\$ 97.388,66	R\$ 4.993,17	R\$ 10.540,97
Bom Jesus da Serra	R\$ 43.965,19	R\$ 2.726,09	R\$ 3.901,58
Caetanos	R\$ 63.569,44	R\$ 6.143,44	R\$ 5.326,41
Cândido Sales	R\$ 146.050,63	R\$ 9.648,68	R\$ 11.045,47
Caráibas	R\$ 48.181,15	R\$ 4.710,08	R\$ 10.727,00
Condeúba	R\$ 103.290,13	R\$ 6.661,69	R\$ 10.599,17
Cordeiros	R\$ 43.708,83	R\$ 2.712,55	R\$ 4.448,91
Encruzilhada	R\$ 122.071,01	R\$ 9.340,31	R\$ 41.513,14
Guajeru	R\$ 38.308,75	R\$ 3.534,92	R\$ 11.491,95
Jacaraci	R\$ 74.277,70	R\$ 3.675,53	R\$ 12.566,88
Licínio de Almeida	R\$ 79.717,21	R\$ 4.402,99	R\$ 11.029,42
Maetinga	R\$ 38.147,68	R\$ 2.496,23	R\$ 3.313,78
Mirante	R\$ 44.584,34	R\$ 2.888,75	R\$ 10.289,76
Mortugaba	R\$ 65.980,21	R\$ 5.138,88	R\$ 11.329,09
Piripá	R\$ 56.116,43	R\$ 3.048,59	R\$ 4.867,43
Planalto	R\$ 163.658,46	R\$ 12.463,55	R\$ 32.225,06
Poções	R\$ 387.414,23	R\$ 25.987,26	R\$ 18.692,35
Presidente Jânio Quadros	R\$ 59.497,24	R\$ 3.139,39	R\$ 9.225,03
Ribeirão do Largo	R\$ 43.771,66	R\$ 3.362,70	R\$ 35.666,95
Tremedal	R\$ 86.701,99	R\$ 7.480,21	R\$ 18.962,61
Vitória da Conquista	R\$ 4.490.550,00	R\$ 897.519,88	R\$ 111.386,12
<b>Total</b>	<b>R\$ 6.736.213,05</b>	<b>R\$ 1.084.473,39</b>	<b>R\$ 614.334,66</b>

Fonte: SEI/IBGE, 2016

O IBGE, na sua divisão de grandes áreas econômicas para a definição do PIB, apresenta três grandes setores: agropecuária, indústria e serviços. O setor de serviços é o responsável, segundo o IBGE, pelos serviços mercantis não-financeiros, serviços não-mercantis, comércio e instituições financeiras. No caso do Sudoeste Baiano, é visível como o setor de serviços se destaca como principal fonte do PIB dos municípios que compõem tal Território. Ainda que descartasse Vitória da Conquista, tal setor continuaria a se destacar neste Território, uma vez que também é importante para os demais municípios que compõem o Sudoeste Baiano.

O Gráfico 3 apresenta a contribuição de cada setor econômico no PIB do Território de Identidade Sudoeste Baiano em 2016.

**Gráfico 3** – Contribuição dos grandes setores (%) no PIB do Território de Identidade Sudoeste Baiano, 2016



Fonte: SEI/IBGE, 2016

De acordo com o gráfico, o setor de serviços representou 80% do PIB do Sudoeste Baiano. Embora este setor seja a principal fonte do PIB de Vitória da Conquista e, este município se sobressai de maneira significativa em relação aos demais que compõem tal Território, como visto na Tabela 4, percebe-se estas atividades econômicas como as principais fontes de arrecadação dos municípios do Sudoeste Baiano. Vale ressaltar a presença de outras atividades que se destacam, mas são casos particulares, a exemplo da produção do café em Barra do Choça, atividade que leva o setor agropecuário a um patamar próximo do setor de serviços no município e, o setor industrial em Vitória da Conquista, impulsionado pela presença do Distrito Industrial dos Imborés. Segundo a SEI (2015):

Na composição do produto bruto do Território de identidade, o setor de comércio e serviços tem uma grande representatividade – em média, 78,0% de participação no PIB em 2012. Em alguns municípios, a contribuição do setor terciário no VAB chega a ultrapassar 80,0% (Caetanos, 82,0%; Maetinga, 82,8%; e Piripá, 82,8%). As exceções são Ribeirão do Largo, que, devido à produção de cana-de-açúcar, banana e mandioca, tinha 33,6% de seu PIB proveniente do setor agropecuário em 2010, e Barra do Choça, com

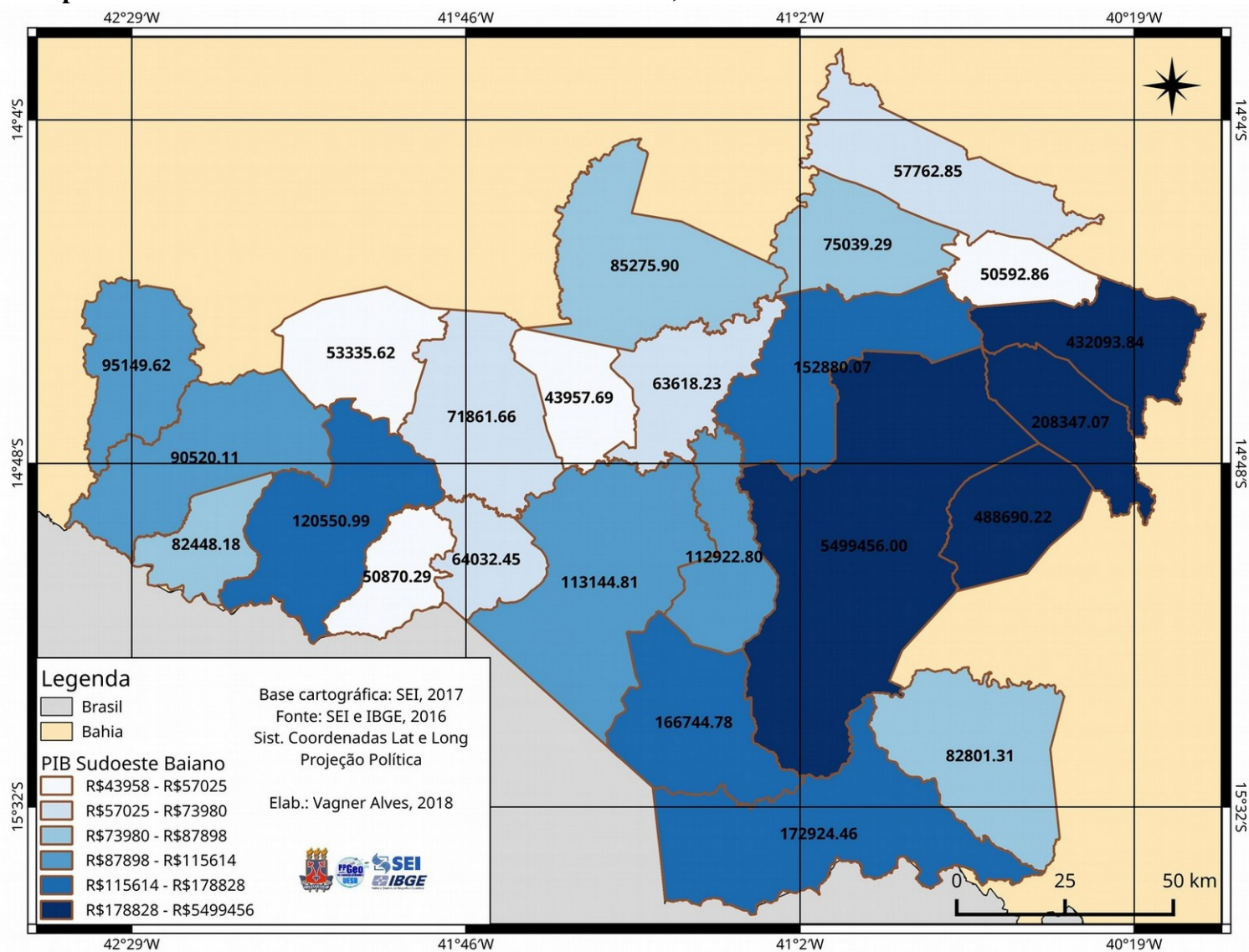
23,4% do PIB derivado do setor agrícola, graças ao cultivo do café. (SEI, 2015, p.19)

Posto isso, entende-se que a atividade comercial assume certo protagonismo no PIB deste Território, pois a maioria dos seus municípios apresentam o setor relativo a tal atividade como o principal para suas economias. Fazendo um comparativo com os dados apresentados pela SEI, e com os dados coletados no IBGE, é possível identificar uma “constância” na contribuição do comércio para o PIB do Território, já que sua relevância se mantém, apesar de pequenas variações (entre o Gráfico 3, de 2016 e a citação da SEI, referente à 2012). Destaca-se, ainda, a presença da atividade agropecuária para alguns municípios e sua importância para a economia local, ainda que estas atividades, em escala regional, não tenham a expressividade do comércio, não deixam de ser significativas para os seus respectivos municípios.

Por meio do Mapa 15, é possível identificar uma grande diferença no que diz respeito ao PIB dos municípios que compõem o Sudoeste Baiano. Tal fato fica mais evidente quando se compara Vitória da Conquista aos demais, com uma diferença de pouco mais de cinco milhões de reais para o segundo colocado, Barra do Choça. Descartando Vitória da Conquista (conforme já foi abordado anteriormente, seus diversos atrativos promovem à sua cidade um grande destaque na oferta comercial e de serviços), os demais municípios possuem valores próximos entre si, os quais sofrem pequenas variações que podem ser atribuídas às suas particularidades (como as produções agrícolas significativas em algumas localidades) e ao seu desenvolvimento econômico e social.

Outro fato que convém observar no Mapa 15 é a presença de uma concentração do PIB em parte dos municípios próximos à Vitória da Conquista, como é o caso de Barra do Choça, Planalto e Poções. Além desses municípios, pode-se mencionar: Encruzilhada, Cândido Sales e Anagé, com PIBs em destaque no Sudoeste Baiano. Este fato pode ocorrer devido à própria ligação e proximidade geográfica entre eles e Vitória da Conquista.

Mapa 13 – PIB do Território de Identidade Sudoeste Baiano, 2016



Fonte: IBGE, 2016

Elaboração: SILVA, V. A. 2018

Apesar dessa concentração no PIB, seja em serviços (categoria que se destaca na maioria dos municípios do Sudoeste Baiano), em agropecuária (grande relevância em alguns casos) ou na indústria (com maior notoriedade em Vitória da Conquista), um dos pontos inerentes à questão econômica é a característica populacional de cada município. Este fator é importante, uma vez que é possível se identificar um maior PIB nos municípios mais populosos, dessa forma, tendo certa proporcionalidade em relação à população e suas atividades econômicas ali estabelecidas.

Ao se analisar os dados populacionais presentes na Tabela 5, é perceptível que, ao longo dos quase 20 anos expostos via Censo, a população do Sudoeste Baiano pouco oscilou no seu quantitativo total, entretanto, esse “equilíbrio” não se manteve assim por pouca oscilação nos municípios.

**Tabela 5** – População dos municípios do Território de Identidade Sudoeste Baiano nos censos: 1991, 2000 e 2010

Municípios	População censitária (1991, 2000, 2010)		
	1991	2000	2010
Anagé	41537	31051	25049
Aracatu	15443	15464	13641
Barra do Choça	24820	40804	35084
Belo Campo	14281	17644	15915
Bom Jesus da Serra	10199	10468	10054
Caetanos	10615	13057	13727
Cândido Sales	23556	28491	27747
Caraibas	17036	17148	10048
Condeúba	17877	18027	16842
Cordeiros	10645	8173	8205
Encruzilhada	21344	32909	23968
Guajeru	8503	12807	10039
Jacaraci	13921	13496	13664
Licínio de Almeida	14069	12319	12295
Maetinga	10384	13661	6554
Mirante	8145	13639	10265
Mortugaba	12891	12578	12496
Piripá	10404	16111	12506
Planalto	23517	21691	24694
Poções	37824	44203	44723
Presidente Jânio Quadros	14094	17022	13484
Ribeirão do Largo	10906	15288	8675
Tremedal	20843	21184	16796
Vitória da Conquista	225072	262486	310129
Total	617926	709721	696600

Fonte: IBGE, censo: 1991, 2000 e 2010



Conforme a apresentada, em certos casos, perdeu-se uma quantidade significativa de pessoas no total desses municípios. Nesse caso, destaca-se o município de Anagé como um dos que mais perderam habitantes ao longo de 19 anos, somadas quase 50% de perda da sua população nesse período. Outro que perdeu uma quantidade significativa de habitantes foi o município de Caraíbas.

Por outro lado, alguns municípios ganharam um quantitativo populacional significativo ao longo deste tempo. Vitória da Conquista chama atenção, nesse caso, por ter ganho, aproximadamente, 85 mil habitantes. Tais mudanças populacionais podem ser atribuídas aos diversos fatores como o êxodo rural, as migrações temporárias por trabalho e os momentos históricos vivenciados ao longo deste período, as mudanças de governo e políticas públicas que, direta ou indiretamente, interferiram neste fenômeno.

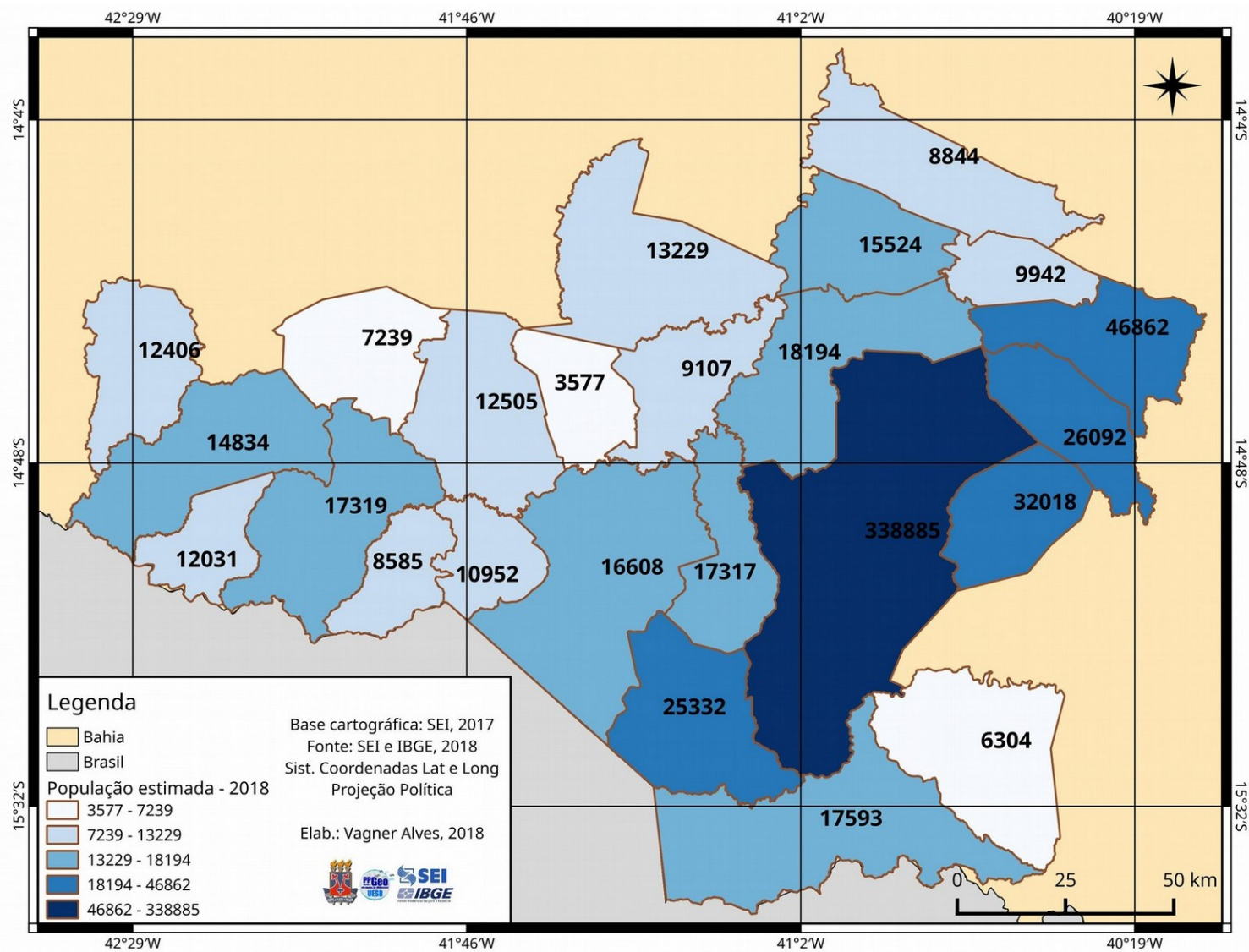
Uma das formas de se obter a população atual dos municípios é através das estimativas populacionais estabelecidas pelo IBGE. Sobre isso:

As estimativas da população das Unidades da Federação e do Distrito Federal foram elaboradas pelo Método das Componentes Demográficas e incorporam os resultados dos parâmetros demográficos calculados com base nos resultados dos Censos Demográficos de 1991, 2000 e 2010 e nas informações mais recentes dos registros de nascimentos e óbitos.

As estimativas anuais da população residente para os municípios, produzidas pelo IBGE, levam em conta a situação atualizada da Divisão Político-Administrativa Brasileira. A dinâmica da Divisão Político-Administrativa Brasileira reflete eventuais alterações ocorridas nos limites territoriais, no âmbito dos convênios que o IBGE mantém com órgãos estaduais para a consolidação dos limites e a aplicação de nova legislação que altera os limites municipais. (IBGE, 2017, p.5)

Conforme o próprio IBGE, para a elaboração da estimativa populacional, além da atualização anual dos dados de nascimentos e óbitos, considera-se também os cálculos obtidos nos censos anteriores, assim como as redefinições territoriais das fronteiras municipais no Território nacional. Tal estimativa é feita pelo IBGE de acordo com diversos critérios e uma determinada metodologia. O Mapa 14 apresenta a população estimada para o ano de 2018 no Território de Identidade Sudoeste Baiano.

**Mapa 14 – População estimada para o Território de Identidade Sudoeste Baiano, 2018**

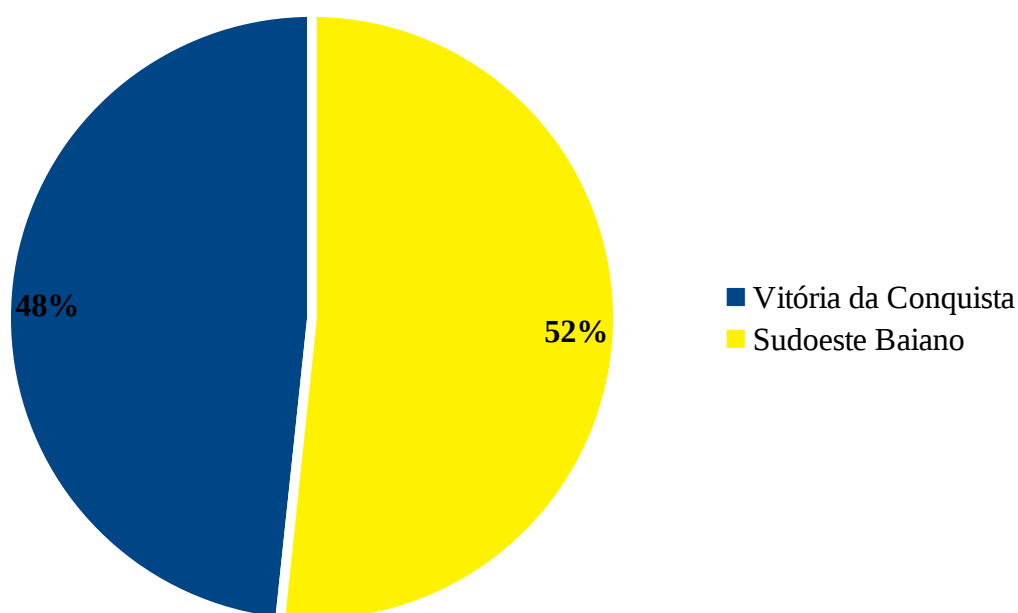


Fonte: IBGE, 2018

Elaboração: SILVA, V. A. 2018

De acordo com o Mapa 14 e com a Tabela 5, fica evidente o aumento populacional em alguns municípios, como Vitória da Conquista, além da perda deste quantitativo por parte de outros, assim como Anagé (ainda que estes ganhos e perdas não sejam tão acentuados como nos censos). Outros aspectos geográficos da distribuição populacional tem chamado bastante atenção neste contexto. Percebe-se uma concentração dos municípios mais populosos no leste do Território. Além de Vitória da Conquista, pode-se observar essa concentração com seus municípios fronteiriços, apenas com exceção de Ribeirão do Largo. Já os municípios do lado oeste do Território são menos povoados, embora, isso não seja necessariamente uma regra, já que, existem alguns casos, como os de Condeúba e Licínio de Almeida, que não se enquadram nessa perspectiva. O Gráfico 4 traz um comparativo entre a população de Vitória da Conquista e dos demais municípios do Sudoeste Baiano.

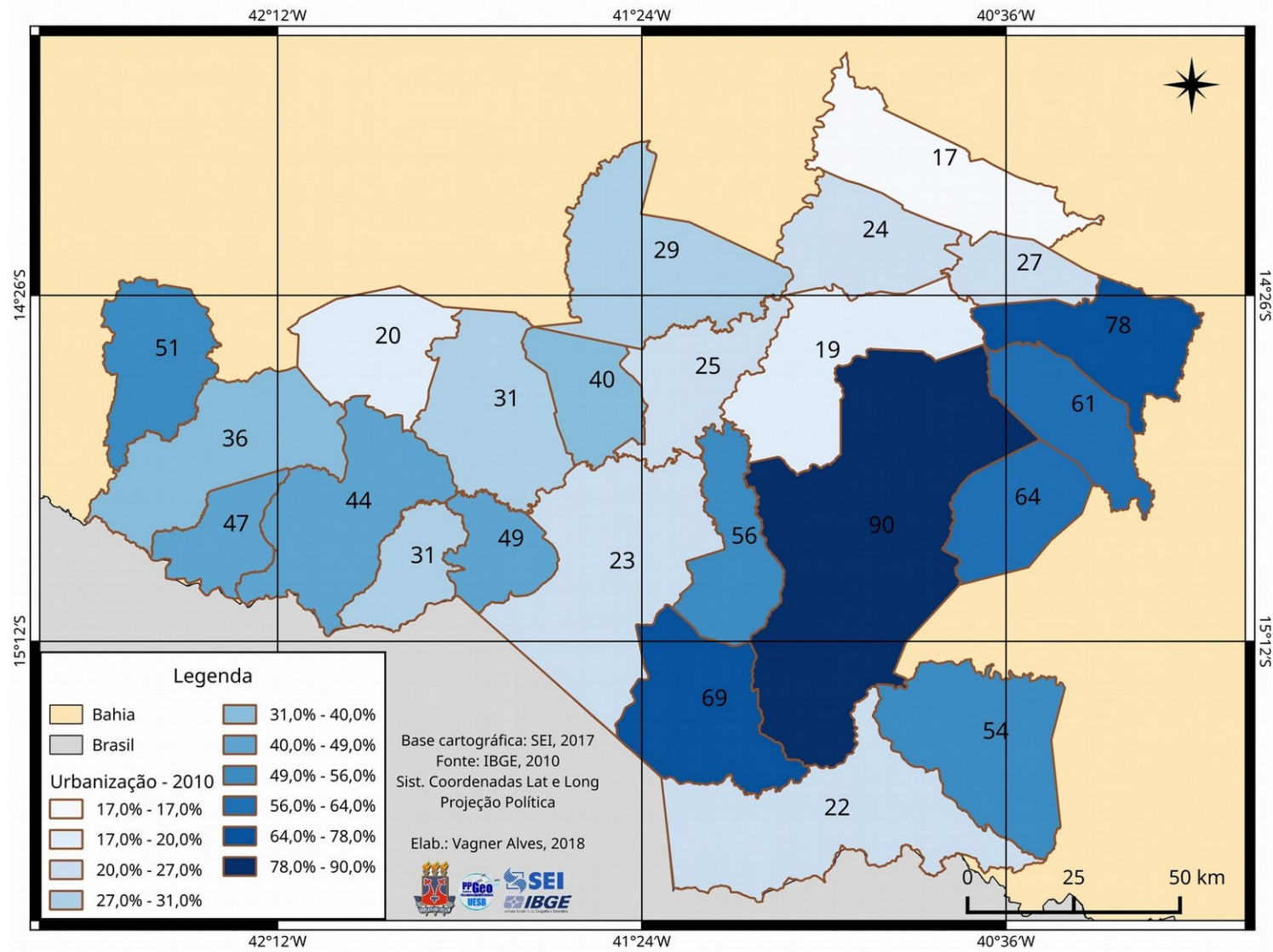
**Gráfico 4** – Percentual populacional de Vitória da Conquista em relação ao Sudoeste Baiano, 2018



Fonte: IBGE, 2018

Conforme o exposto, percebe-se um quantitativo populacional quase que equivalente entre Vitória da Conquista e a junção dos demais municípios que compõem o Sudoeste Baiano. Com este fato, é ressaltada, mais uma vez, a importância de Vitória da Conquista no Território do ponto de vista populacional e mostra que a quantidade de serviços ofertados no município não é por acaso, já que, além da polarização existe também uma demanda populacional interna. Outra questão marcante que deve-se levar em conta é o grau de urbanização do Sudoeste Baiano, de acordo com o Mapa 15.

**Mapa 15 – Urbanização do Território de Identidade Sudoeste Baiano, 2010**



Fonte: IBGE, 2010  
 Elaboração: SILVA, V. A. 2018

O Mapa 15 mostra o grau de urbanização dos municípios que compõem o Sudoeste Baiano. Com isso, fazendo-se uma relação com a população deste Território, fica evidente que, mesmo com um grau de urbanização total significativo, tal fato não se estende a todo o Território, uma vez que, conforme o Mapa 15, apenas um terço dos municípios deste Território possuem um grau de urbanização maior que 50%. Este fato mostra o quanto Vitória da Conquista influencia nos índices do Sudoeste Baiano e, por sua vez, possui uma importância significativa para a região.

Ao analisar do ponto de vista geográfico, existe uma concentração de população urbana nos municípios do leste do Território. Já no oeste, alguns possuem um contingente populacional urbano significativo, embora, apenas Licínio de Almeida ultrapasse os 50% de urbanização. Correlacionando com as atividades produtivas de cada localidade, vale o destaque para Barra do Choça que, apesar de possuir uma atividade agrícola significativa através da produção de café, ainda sim, tem 64% da sua população concentrada na área urbana. Outro fato interessante é que a maior parte do PIB destes municípios é oriunda de atividades predominantemente urbana (serviços) mesmo que a maior parte dos municípios possuam predominância populacional rural.

Por fim, ao investigar o Território de Identidade Sudoeste Baiano, é possível considerar que a ligação dos municípios que compõem este Território não está necessariamente vinculada a uma identidade territorial, ainda que a SEI esclareça esta identidade por meio dos aspectos culturais da cultura sertaneja, inclusive, se aproximando dos traços do Norte de Minas Gerais, até Belo Horizonte. As relações que de fato marcam o Sudoeste Baiano estão vinculadas, principalmente, aos aspectos econômicos que constituem-se num importante elemento para sua definição.

Por esta ótica, é visível que estas atividades podem ser usadas na caracterização deste Território (conforme destacado pela própria SEI ao mencionar os aspectos levados em consideração na definição dos Territórios de Identidade), pois trata-se de um recorte em que o comércio se destaca como atividade econômica predominante, inclusive na contribuição por meio do PIB (nesse caso, participando diretamente do setor dos serviços). Um fator significativo na constituição desse Território é a vinculação entre seus municípios que se deu de forma histórica (tendo em vista que, muitos, foram desmembrados de Vitória da Conquista).

Quanto à Vitória da Conquista, não há dúvidas de que se trata do principal município do Sudoeste Baiano, especialmente pelo seu potencial econômico, populacional e a maneira como está relacionado aos demais municípios deste Território. Sua relevância está exatamente

na oferta de serviços para a população do Sudoeste Baiano, assim como a articulação territorial que sua cidade promove dentro deste Território. Nesse caso, é válido salientar que estes elementos, embora não sejam esclarecedores do ponto de vista identitário, são importantes ao se considerar as relações estabelecidas entre os municípios e como elas se consumam em características fundamentais para a compreensão da formação territorial e da caracterização socioeconômica do Sudoeste Baiano.

## **5 A REDE, VITÓRIA DA CONQUISTA E O SUDOESTE BAIANO**

Estabelecer um paralelo entre a Rede, Vitória da Conquista e o Sudoeste Baiano, exige um esforço reflexivo, no sentido de se pensar como tal rede está estruturada e, seu papel exercido, tanto em Vitória da Conquista, quanto no Sudoeste Baiano. É válido salientar que, no caso do fluxo analisado, a Rede ultrapassa os limites do referido Território, ampliando-se no sentido de estabelecer uma importante ligação entre múltiplas localidades, dentro e fora deste recorte territorial. No que se refere aos comerciantes varejistas e as grandes redes de lojas atacadistas, fica claro que, em ambos os casos, trata-se de relações socioeconômicas comerciais, no entanto, além da escala de atuação diferente, existe toda uma distinção entre o tipo de relação comercial estabelecida por meio dos comerciantes varejistas regionais e, do modelo adotado pelas lojas atacadistas. Quanto a extensão desta rede, pode-se dizer que se trata de um fenômeno, o qual, é significativamente mais amplo que o Sudoeste Baiano, enquanto região. Entretanto, deve-se destacar que, tanto os fluxos internos quanto os externos ao Sudoeste Baiano, acabam contribuindo e exercendo certa influência, tanto em Vitória da Conquista (enquanto centralidade a qual a rede está ligada), quanto o próprio Sudoeste Baiano (Território utilizado para delimitar a área de estudo e que, possui significativa ligação com outras regiões, dentro e fora da Bahia).

### **5.1 As lojas atacadistas de Vitória da Conquista e os comerciantes varejistas regionais: percepções**

Discorrer acerca das lojas atacadistas e dos comerciantes varejistas regionais requer uma certa sensibilidade para identificar as particularidades de cada um destes tipos de estabelecimentos não só entre eles como, também, dentro das suas próprias modalidades. Enquanto as lojas atacadistas possuem uma identidade vinculada a uma grande marca que, por sua vez, é atribuída a um conglomerado empresarial, os comerciantes varejistas regionais possuem sua identidade vinculada ao próprio indivíduo (ou grupo de indivíduos, quando se trata de um negócio em família) enquanto detentor deste comércio. No que se refere às particularidades de cada um destes estabelecimentos em relação às lojas atacadistas, cada grupo possui suas características administrativas e uma maneira de gerenciar o público-alvo. Já com os comerciantes varejistas regionais, as relações administrativas são bem semelhantes entre si, no entanto, existem divergências, especialmente no que se refere ao tipo de produto

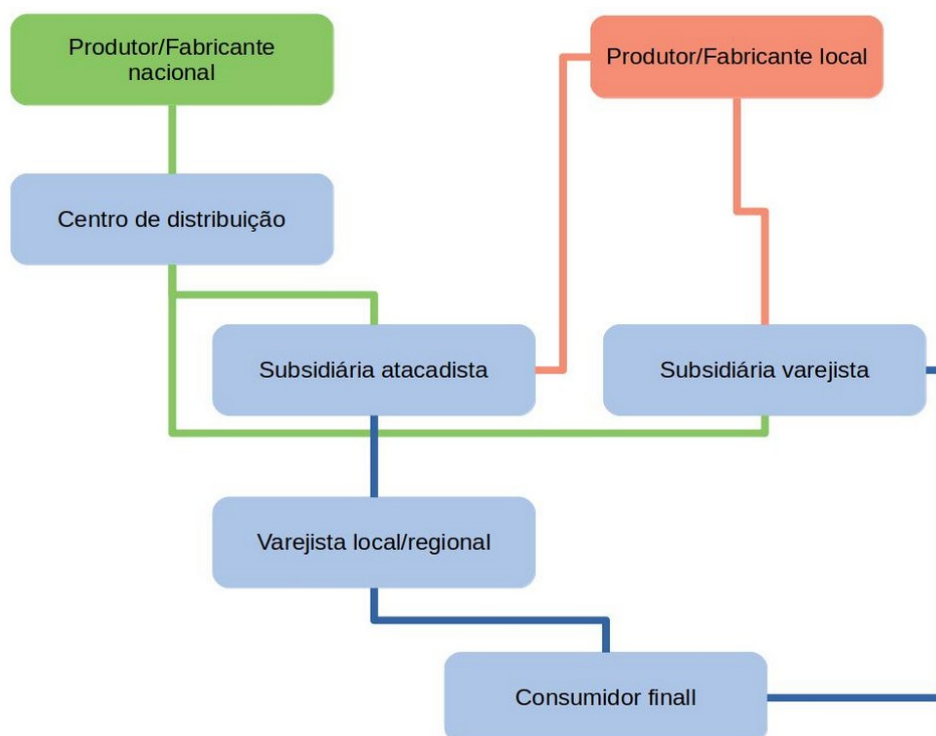
ofertado que pode classificar, juntamente aos outros fatores, o tipo de estabelecimento em questão.

Falar sobre as lojas atacadistas, implica trabalhar com a lógica econômica de grandes multinacionais que possuem representantes em diversos setores da economia, sobretudo na venda de determinadas mercadorias. Por serem empresas de grande porte, as matrizes atuam em diversos ramos, como o atacadista e o varejista, além da produção de produtos com marca própria. Em muitos casos, estes grupos corporativos possuem múltiplas marcas destinadas aos diversos tipos de público. Isto ocorre em diversos tipos de empresas, como as pertencentes ao setor automotivo (algumas multinacionais possuem marcas para o público que necessita apenas de um meio de transporte e marcas de luxo destinadas a um público mais abastado). No comércio, algumas empresas concentram suas vendas por meio da internet até lojas específicas destinadas ao público varejista e outras, com a proposta de vender em atacado. Sobre o comércio atacadista, Sandroni (1999), afirma:

Comércio em grande escala, realizado entre produtores, grandes empresas de comércio e varejistas, para que o produto possa chegar ao consumidor final. No setor agrícola, os produtores geralmente se defrontam com poucos compradores e não têm condições de defender seus preços de venda. Os atacadistas, por sua vez, ao concentrarem a produção, podem comprar barato do produtor e vender mais caro ao varejista. Essa estrutura oligopólica-oligopsônica faz com que o consumidor final seja o maior prejudicado no mercado de gêneros de primeira necessidade. (SANDRONI, 1999, p.34)

Conforme Sandroni, este tipo de comércio perpassa por grandes empresas, produtores e empresários do ramo varejista e ocorre a partir da obtenção da mercadoria dos atacadistas direto com o produtor e repasse a um valor mais elevado ao comerciante varejista. Considerando a questão da margem de lucro de cada setor, o consumidor final é o maior prejudicado, uma vez que este, indiretamente, vai arcar com a margem de lucro de todos os setores. Trata-se de uma relação complicada, pois, em muitos casos, o vendedor final não tem a necessidade inicial de adquirir mercadorias em grande volume, como as empresas atacadistas, logo, seria inviável comprar direto com o produtor. Paralelo a isso, para o próprio fabricante ou produtor rural, não compensa a revenda em baixo volume, já que a quantidade mínima vendida por eles é alta até para o comerciante varejista (quando este não faz parte de um grande grupo empresarial) e a mercadoria acaba sendo distribuída para o setor atacadista e, posteriormente, para o varejista até chegar ao consumidor final. Através dos relatos dos representantes das lojas atacadistas foi possível chegar ao Organograma 2, com o fluxo dos produtos entre o produtor/fabricante e o consumidor final:



**Organograma 2** – Fluxo dos produtos do fabricante ao consumidor final

Fonte: Pesquisa de campo, 2018

De acordo com Organograma 2, este seria o “caminho normal” de um determinado produto até chegar no consumidor final. No entanto, existem algumas ressalvas acerca deste modelo. Em princípio, os consumidores finais também podem comprar diretamente no subsidiário atacadista. Embora o foco destas lojas sejam as vendas em atacados, alguns clientes que compram os produtos em lotes fechados conseguem certos descontos a partir de uma determinada quantidade de um mesmo item. Outra situação é observada quando indivíduos de um determinado grupo se juntam para comprar produtos nestas lojas com a finalidade de realizar uma compra em atacado e obter algum desconto.

Algo em comum entre os conglomerados empresariais que administram as lojas atacadistas é o meio de abastecimento das unidades. De acordo com o representante de uma das lojas atacadistas de Vitória da Conquista,

O processo de compra, são dois: primeiro, existe as compras locais, onde é efetuada pela loja e atende-se os fornecedores regionais. Segundo, processo nacional, onde os compradores nacionais fecham com as grandes indústrias. O reabastecimento é feito em três processos: primeiro, direto da loja, onde contempla as compras dos fornecedores regionais e algumas indústrias nacionais. Segundo, cross dock<sup>1</sup>, onde a compra é feita nacional, o fornecedor entrega no CD (centro de distribuição) e o CD entrega imediato

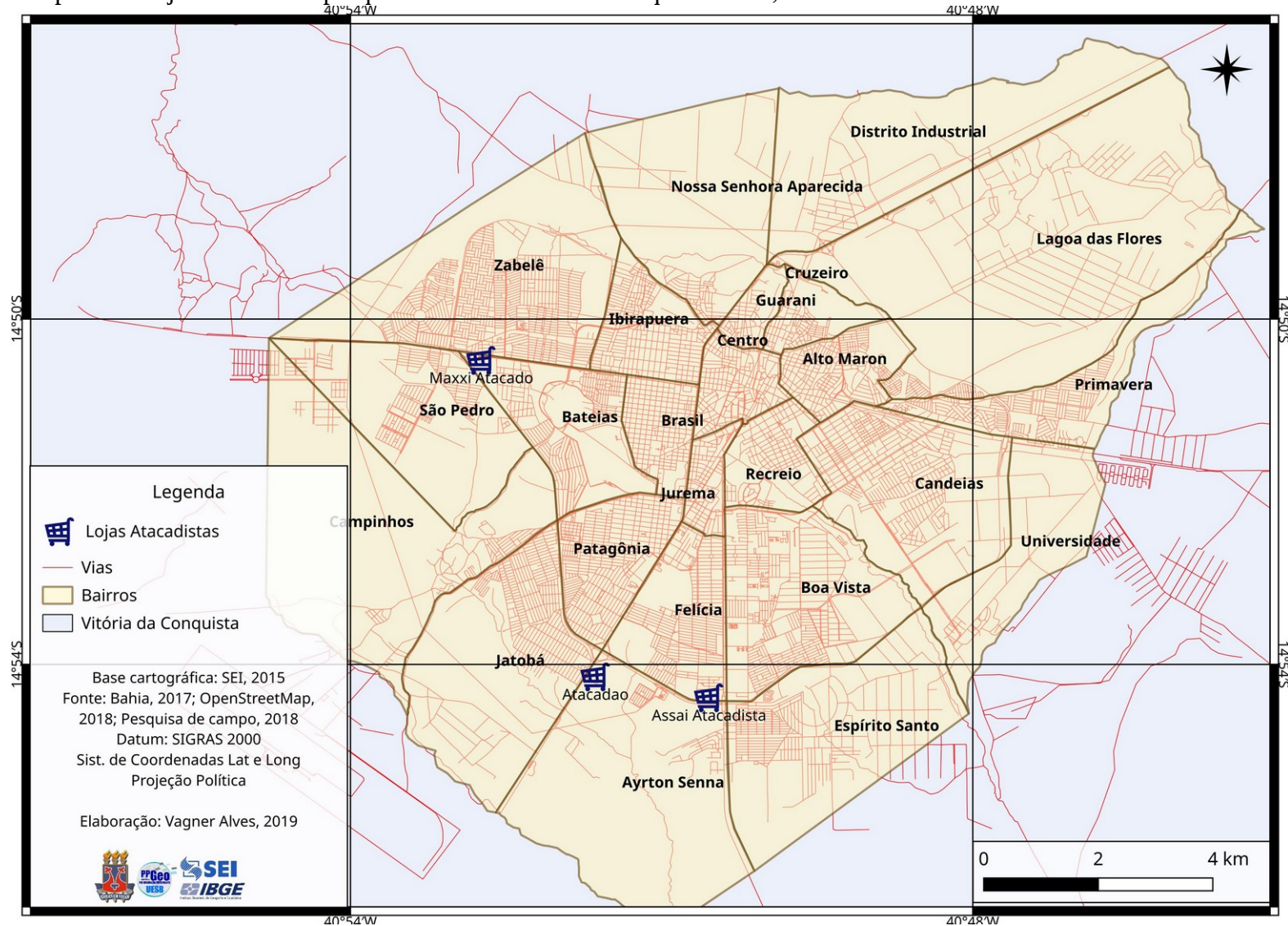
para as lojas. Terceiro, centralizado, onde o fornecedor entrega direto no CD e o CD entrega para as lojas, de acordo com a efetivação da venda (Entrevista com o representante de uma das lojas atacadistas de Vitória da Conquista, 2018).

Conforme relatado pelo entrevistado, é possível observar que as lojas atacadistas possuem dois tipos de fornecedores: as grandes indústrias nacionais e as regionais. No caso das lojas presentes em Vitória da Conquista, além do abastecimento por meio dos fornecedores industriais da própria cidade tem também o abastecimento por meio de fornecedores agrícolas locais. Conforme o Organograma 2, é visível que as lojas atacadistas, enquanto empresas, possuem certa autonomia para comprar mercadorias oriundas de fornecedores regionais, embora seu abastecimento principal seja feito pelo fornecedor nacional. Já os nacionais, são grandes empresas que firmam contratos direto com o conglomerado empresarial e não com a loja atacadista, como no caso dos fornecedores regionais.

Deve-se destacar a importância do Centro de Distribuição como um “local chave”, onde os produtos ficam armazenados e são destinados às lojas do respectivo grupo empresarial e como uma centralidade dentro da rede estabelecida pela empresa. É válido mencionar que este Centro não é específico por loja, mas para todas as lojas, seja atacadista ou varejista, pertencente a um determinado grupo empresarial, como uma espécie de depósito. Tal aspecto, por sua vez, acaba por proporcionar um fluxo constante de mercadorias entre o centro de distribuição e a loja, bem como entre suas respectivas cidades.

Em Vitória da Conquista, atualmente, existem três grandes lojas atacadistas: Atacadão (2007), Máxxi Atacado (2010) e Assaí (2014) pertencentes a três grandes conglomerados comerciais multinacionais: A rede Carrefour, representado, nesse caso, pelo Atacadão; o Walmart, que é proprietário do Máxxi Atacado; e o grupo Pão de Açúcar, que detém os direitos sobre a rede de hipermercados Assaí atacadista. Vale mencionar a existência de um importante grupo local, o Cabral e Sousa, que, apesar de não contemplar o foco da pesquisa, é um dos mais tradicionais da cidade. No Mapa 16, têm-se a disposição das lojas atacadistas presentes em Vitória da Conquista. Por serem consideradas grandes redes atacadistas e voltadas para um público que não se restringe apenas à cidade, sua localização é estratégica, encontrando-se no entorno do anel viário da cidade ou em importantes avenidas, o que facilita o acesso de quem vem de outras localidades, bem como no abastecimento dos estabelecimentos.

Mapa 16 – Lojas atacadistas pesquisadas em Vitória da Conquista – BA, 2018



Fonte: Pesquisa de campo, 2018  
Elaboração: SILVA, V. A. 2019

A Fotografia 5 a seguir, traz um painel fotográfico com a junção das três grandes lojas atacadistas de Vitória da Conquista, respectivamente: Assaí Atacadista, Atacadão e, Maxxi Atacado.

**Fotografia 5** – Painel fotográfico com as lojas atacadistas de Vitória da Conquista – BA, 2018



Fonte: Pesquisa de campo, 2017 e 2018.

Existem muitas semelhanças entre a estrutura das lojas, desde o grande porte em relação ao espaço físico até a disposição interna em relação à localização dos produtos, caixas e

setores. Apesar disso, existem pequenas particularidades em cada uma das redes e possuem um certo padrão por empresa, tornando reconhecida qualquer loja atacadista de uma determinada marca, independentemente da localização. O tamanho dos estabelecimentos condizem com suas ofertas e demanda do público, mantendo um funcionamento, inclusive, nos finais de semana.

As vendas são feitas também para pessoa física, mas a predominância ocorre com os comerciantes varejistas regionais que, para comprarem como pessoa jurídica, são solicitados os seguintes documentos:

- CNPJ;
- DECA (Inscrição Estadual);
- Contrato Social ou Declaração de Firma Individual;
- ATA, se tratando de Entidades / Escolas / S/A / Associações;
- Documento de quem assina pela empresa;
- Relação de fornecedores.

Como descrito acima, existe uma gama de documentos necessários para que os comerciantes varejistas regionais possam comprar, enquanto pessoas jurídicas, nas lojas atacadistas. Nesse caso, para facilitar o processo de compra e fidelizar os clientes, algumas dessas empresas realizam um cadastro para estes comerciantes. Os documentos exigidos são importantes, já que se fazem necessários para a comprovação de que realmente são pessoas jurídicas, bem como para a prestação de contas posterior, por meio dos impostos. Apesar disso, existem os comerciantes que compram como pessoa física, normalmente, pela ausência de CNPJ.

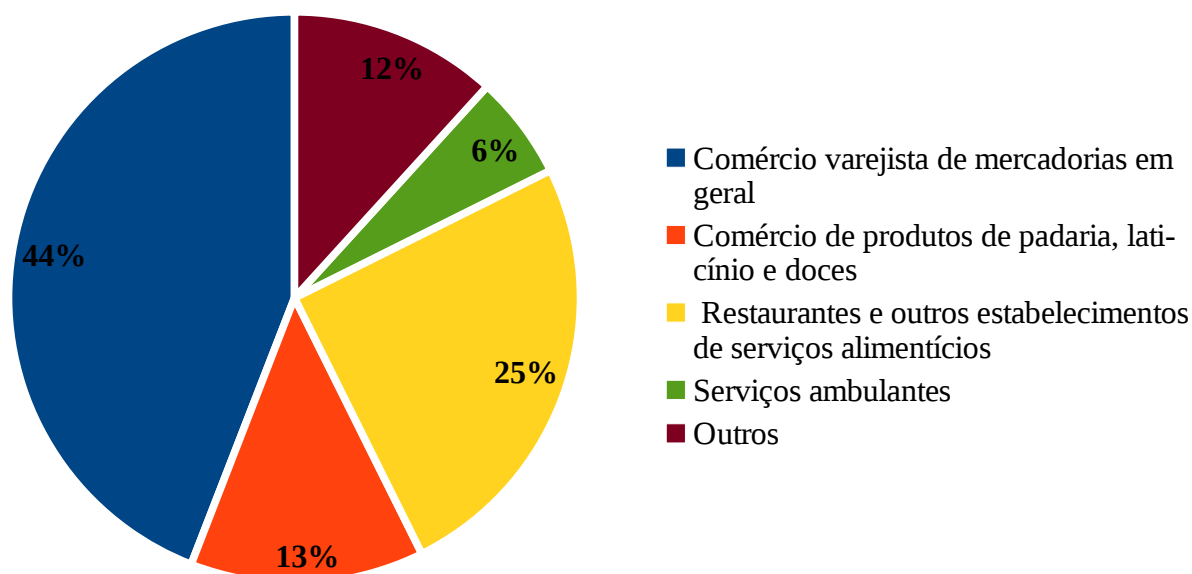
Mas, afinal, quem são os comerciantes varejistas regionais? Após pesquisa amostral, foi possível identificar algumas características marcantes nos tipos de estabelecimentos que se abastecem nas lojas atacadistas de Vitória da Conquista. Normalmente, tratam-se de comércios de pequeno e médio porte voltados, principalmente, para produtos alimentícios, não duráveis e/ou voltados ao uso doméstico. Embora sejam empresas (alguns atuando na informalidade, ou seja, sem CNPJ), as relações existentes são bem distintas das praticadas nas lojas atacadistas. Estas diferenças podem ser percebidas em múltiplos aspectos, porém, em especial, nas relações estabelecidas entre as pessoas que trabalham no estabelecimento, desde o proprietário, até os empregados. Segundo o proprietário de um dos estabelecimentos varejistas entrevistado:

Quando meu pai abriu a sorveteria, não existia esses mercados grandes em Conquista. Na época, ele comprava de armazéns e alguns mercados

pequenos de lá. Só depois que ele faleceu e eu e meu irmão tomamos conta da sorveteria que chegou esses mercados em Conquista. Ai também, os armazéns começaram a sumir e eu fiquei comprando só nos mercados. (Entrevista com o proprietário de um dos estabelecimentos varejistas regionais, 2018)

De acordo com o relato anterior, é possível identificar um tipo de relação diferenciada, no que diz respeito às relações trabalhistas. No caso dos comerciantes varejistas regionais, em algumas realidades, existe, inclusive, uma relação familiar. Outro aspecto a se destacar é que, esses estabelecimentos possuem uma certa definição no tipo de comércio e nos produtos ofertados. O Gráfico 5 traz os estabelecimentos abastecidos nas lojas atacadistas de Vitória da Conquista encontrados durante a pesquisa de campo (2018) e classificados, segundo o IBGE/CNE.

**Gráfico 5** – Tipos de estabelecimentos varejistas abastecidos pelas lojas atacadistas de Vitória da Conquista – BA, 2018



Fonte: Pesquisa de campo, 2018

Através do Gráfico 5, foi possível classificar os tipos de estabelecimentos pertencentes aos comerciantes pesquisados. A maior parte é composta por mercados e mercearias, com estruturas que vão desde um pequeno quarto com um balcão até um pequeno salão com corredores onde as pessoas podem escolher seus produtos, semelhantes ao estabelecimento encontrado na Fotografia 6 a seguir.

**Fotografia 6** – Mercadinho Silva – Anagé – BA, 2018

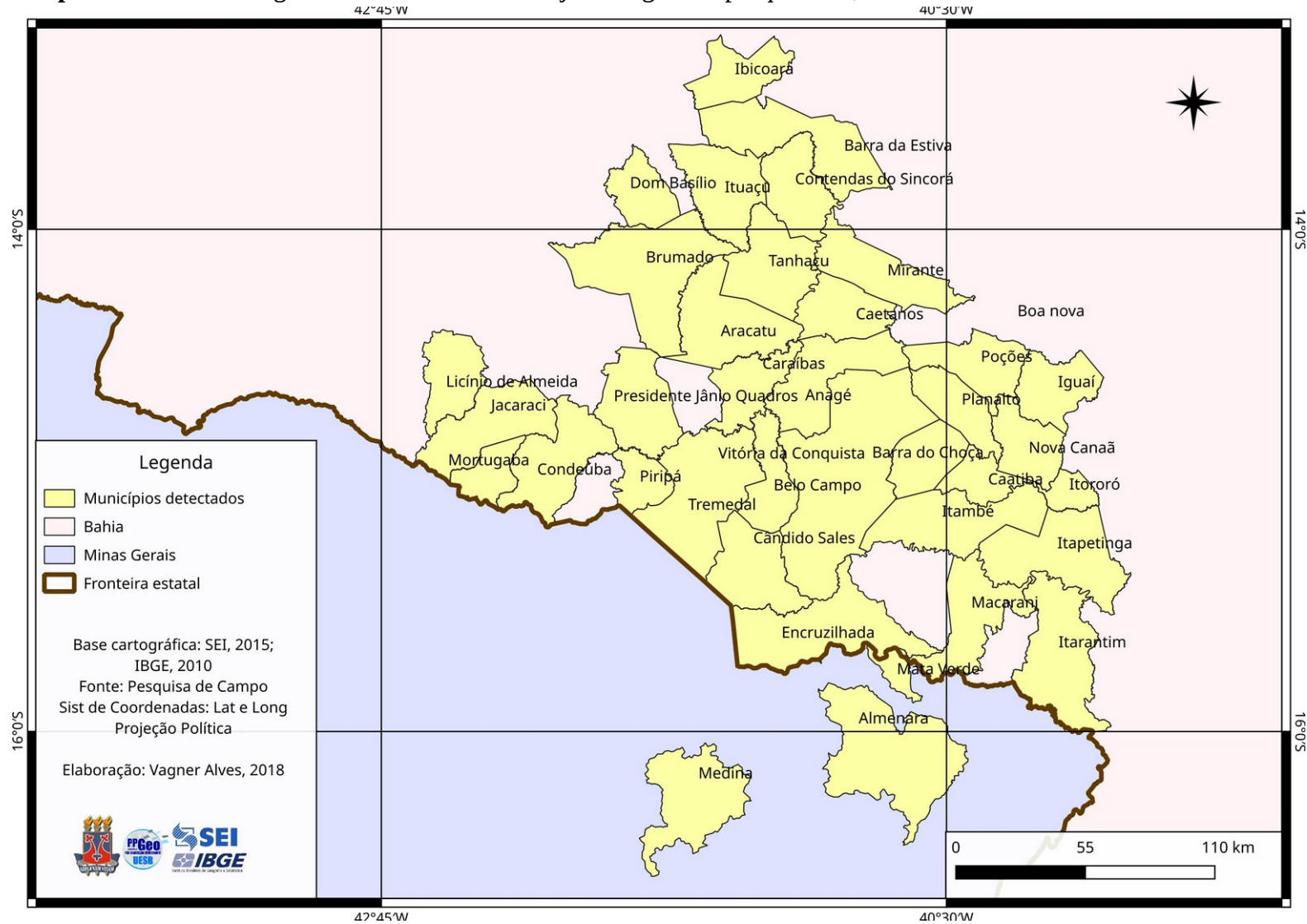


Fonte: Pesquisa de campo, 2018

Também é comum encontrar estabelecimentos correlacionados ao setor alimentício, como bares, restaurantes, lanchonetes e padarias. Nesse caso, as mercadorias compradas nas lojas atacadistas são adquiridas como matéria-prima para os alimentos comercializados nestes estabelecimentos. Uma outra classe que foi encontrada nas lojas atacadistas durante o trabalho de campo foram os vendedores ambulantes. Nesse caso, como o próprio nome aponta, eles não possuem um estabelecimento em local fixo, mas se locomovem por determinados pontos das cidades.

Conforme o Mapa 17, é visível que a localização dos comerciantes varejistas regionais que compram nas lojas atacadistas é diversificada, contemplando diversos municípios e até outro Estado (Minas Gerais). Tal fato mostra que os comerciantes são oriundos de múltiplas localidades, dentro e fora do Território de Identidade Sudoeste Baiano. Outro fator diz respeito à atratividade de Vitória da Conquista e sua rede, em relação às atividades comerciais regionais. Desta maneira, o público varejista regional não pertence apenas à Vitória da Conquista, mas a diversos outros municípios abastecidos pelas lojas atacadistas da cidade.

Mapa 17 – Local de origem dos comerciantes varejistas regionais pesquisados, 2018

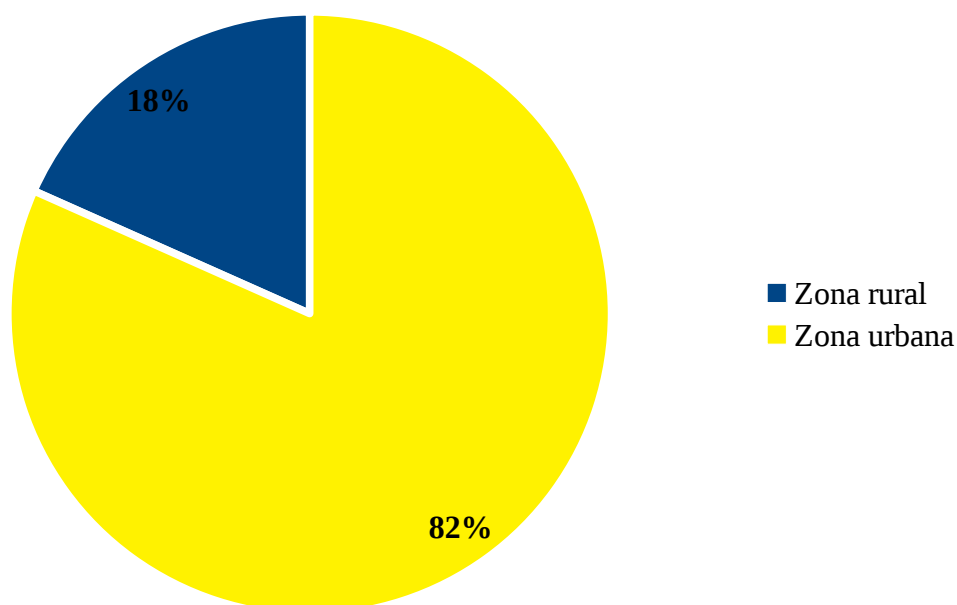


Fonte: Pesquisa de campo, 2018  
 Elaboração: SILVA, V. A. 2018



Uma questão correlacionada à origem dos clientes das lojas atacadistas de Vitória da Conquista é em relação a sua localização nos seus municípios de origem, oriundos da cidade ou da zona rural. Tal fato revela que a rede não se limita apenas às cidades em si, mas abrange o município como um todo. O Gráfico 6 a seguir apresenta o percentual de clientes oriundos do espaço urbano e da zona rural.

**Gráfico 6** – Origem dos comerciantes varejistas regionais pesquisados, 2018



Fonte: Pesquisa de campo, 2018

O Gráfico 6 mostra que existe uma concentração de pessoas oriundas do espaço urbano que compram nas lojas atacadistas de Vitória da Conquista, no entanto, quase 20% dos entrevistados são de origem rural. O fato de existir uma concentração de comerciantes regionais oriundos do espaço urbano não se dá por acaso, já que as atividades comerciais se concentram nessas áreas. Nesse caso, apesar da população, em vários dos municípios detectados, estar concentrada no espaço rural, estas pessoas vêm à cidade no chamado “dia de feira” para realizar suas compras semanais e abastecer suas residências nos comerciantes varejistas. Porém, é possível encontrar alguns estabelecimentos na própria zona rural que também são abastecidos nas compras das lojas atacadistas de Vitória da Conquista. A Fotografia 8 mostra um estabelecimento comercial na zona rural do Município de Aracatu – BA.

**Fotografia 7** – Bar na zona rural do município de Aracatu – BA, 2018



Fonte: Pesquisa de campo, 2018

Conforme a imagem acima, registrada na zona rural do município de Aracatu, é possível encontrar estabelecimentos comerciais pertencentes aos comerciantes varejistas regionais no meio rural. Tais locais estão atrelados ao consumo da população dos seus respectivos povoados. Embora a existência de atividades comerciais remeta à ideia de espaço urbanizado, isso não se consuma em muitos destas localidades e, conforme pode ser visto na Fotografia 7, a dinâmica local é completamente agrária e a área não contém demais equipamentos que a caracterize como urbana. Outra questão que deve ser avaliada, neste caso, são as relações entre os clientes e o estabelecimento marcada por formas tradicionais de comércio especialmente com a venda por meio da caderneta. Embora, por conta da localização, exista uma dificuldade no deslocamento até as lojas atacadistas de Vitória da Conquista, existem estabelecimentos dessas localidades que também são abastecidos pelas lojas atacadistas, como é o caso do bar da foto. Segundo o proprietário, apenas os doces comercializados no estabelecimento são adquiridos na cidade de Anagé.

Pensando do ponto de vista estrutural dos comerciantes varejistas regionais, pode-se considerar como estabelecimentos de pequeno porte que costumam ofertar produtos oriundos das lojas atacadistas. A Fotografia 8 a seguir mostra como é a estrutura dos estabelecimentos varejistas regionais. As duas imagens superiores são referentes à Encruzilhada, a inferior esquerda, de Belo Campo e a inferior direita, da cidade de Anagé.

**Fotografia 8** – Estabelecimentos varejistas regionais nos municípios de Encruzilhada, Belo Campo e Anagé, 2018



Fonte: Pesquisa de campo, 2018

No painel da Fotografia 8 é possível identificar diferentes estabelecimentos varejistas regionais. Não existe necessariamente um padrão de estabelecimentos desta classe, no entanto, eles possuem características singulares que os diferenciam de outras empresas. Conforme foi identificado nas entrevistas realizadas com os comerciantes, existem algumas relações diferenciadas entre os comerciantes varejistas e os clientes. Estas relações entre eles se mostram presentes quando eles aceitam, por exemplo, vender fiado. Diante disso, ressalta-se a existência da “caderneta”, uma espécie de ficha de crédito para os clientes comprarem e pagarem quando receberem seu pagamento. No entanto, paralelo a estes aspectos arcaicos das relações comerciais, é possível encontrar elementos contemporâneos dos tipos de venda, como as maquininhas de cartão de crédito.

Outra característica importante dos comerciantes varejistas regionais é a venda de produtos oriundos de produtores locais. Conforme eles mesmos destacam nas entrevistas, a maior parte dos produtos são de fato adquiridos nas lojas atacadistas, no entanto, existem algumas coisas de origem local que eles abastecem seus estabelecimentos. Tais produtos, normalmente, vêm da agricultura destes municípios, a exemplo da farinha de mandioca. Desta maneira, do ponto de vista da agricultura local, estes estabelecimentos são importantes, pois contribuem o escoamento dessa produção entre a própria população.

Por fim, pensar nas lojas atacadistas e nos comerciantes varejistas regionais, do ponto de vista empresarial, seguem lógicas completamente distintas. Enquanto as lojas atacadistas estão vinculadas aos grandes conglomerados empresariais com uma relação puramente econômica, desde a sua instalação em uma determinada localidade, até suas estratégias de venda e seu público consumidor, os comerciantes varejistas regionais, por sua vez, podem ser considerados como pequenos empresários que mantêm relações familiares em alguns casos (quando trata-se de um negócio em família), no entanto, possuem uma identidade como proprietários (os estabelecimentos não são associados a marcas, mas sim, às pessoas, donas da propriedade) e algumas relações de confiança com os clientes (ainda que eles estejam se atualizando, como, por exemplo, pelo uso das maquininhas de cartão). Em ambos os casos, são relações capitalistas, uma vez que ambos têm como parâmetro o lucro por meio da troca de mercadorias, mas se encontram em distintas etapas do processo pelo qual a mercadoria passa do fabricante/produtor até o consumidor final.

## **5.2 Os fluxos entre as lojas atacadistas e os comerciantes varejistas regionais: reflexos em Vitória da Conquista e no Sudoeste Baiano**

Discutir o fluxo comercial estabelecido entre as lojas atacadistas e os comerciantes varejistas regionais requer a consideração de uma série de fatores intrinsecamente ligados a este fluxo. Pode-se destacar a questão da distância, da acessibilidade e a oferta de mercadorias encontradas nas lojas atacadistas. Como estes estabelecimentos atendem também a um público varejista que não é apenas composto por comerciantes varejistas, vale mencionar a importância deste tipo de empresa para o abastecimento de mercadorias na região. Um ponto importante sobre isto é a visão estratégico empresarial dos grupos das lojas atacadistas ao destinarem tais empreendimentos em cidades com um potencial de mercado em escala regional para atrair um público de outros municípios.

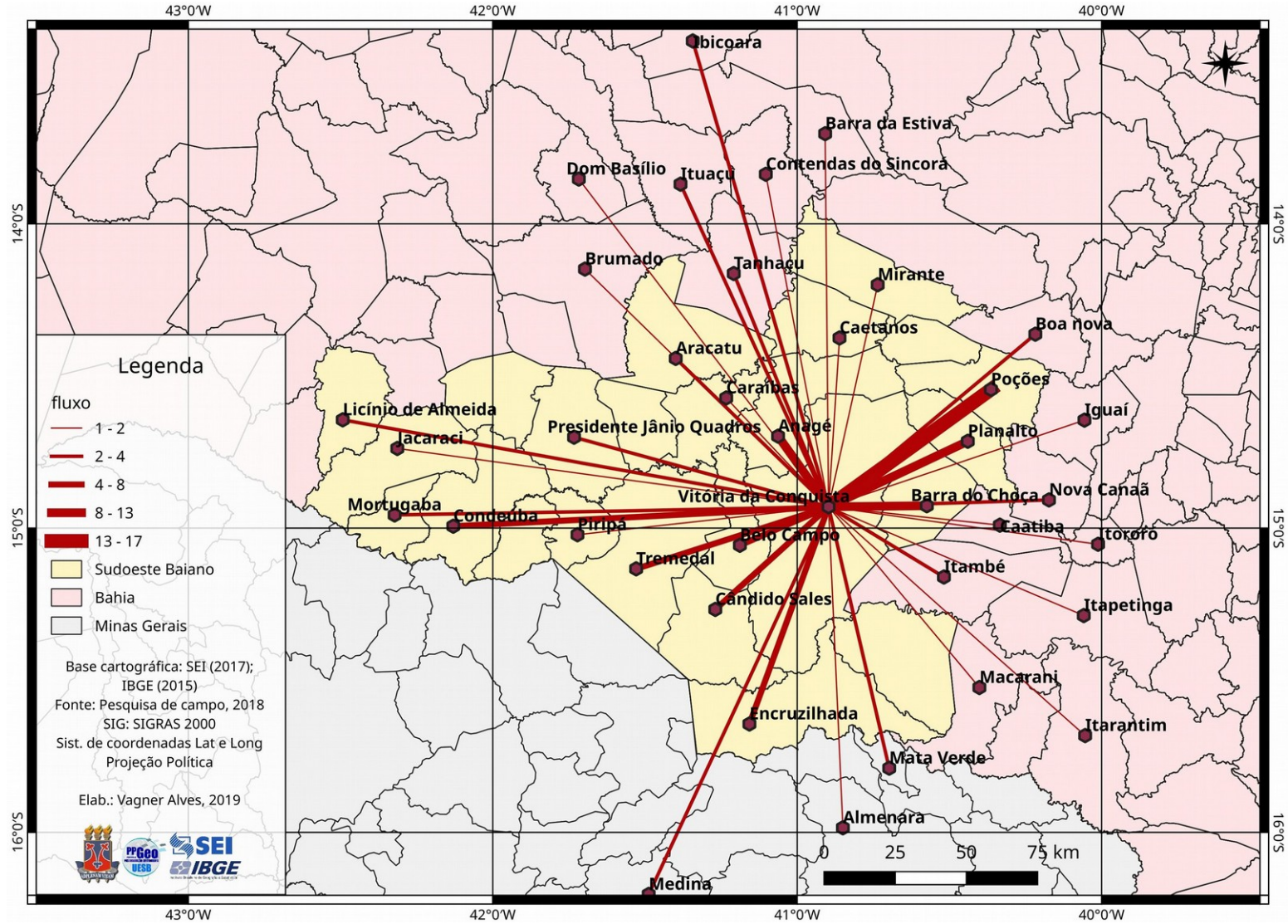
Pensando-se exclusivamente em cidades médias, o comércio atacadista possui uma significância tanto econômica quanto dinâmica para este perfil de cidade, já que, além de promover a troca de mercadorias e impulsionar diversos setores da economia local, reforça sua importância e centralidade por meio da atividade comercial e de serviços fundamentais para o PIB municipal. Por outro lado, tal fato fortalece o vínculo entre estes tipos de cidades e os municípios que são abastecidos por meio deste fluxo comercial, uma vez que se trata de

uma forte relação econômica entre ambas as localidades, na qual, em princípio, tem benefício mútuo.

Ao estudar tais fluxos deve-se pensar que não se trata de uma relação comercial estabelecida unicamente entre a loja atacadista e o comerciante varejista regional, mas também envolve diversos outros elementos dentro desta lógica mercadológica. Nesse caso, vale mencionar o fluxo gerado através do abastecimento das lojas por meio dos centros de distribuição que se dá constantemente, de acordo com a demanda de determinados produtos nas lojas. Além disso, têm-se a inserção dos produtores e fabricantes locais já que, segundo o representante de uma dessas empresas, as lojas atacadistas possuem autonomia para comprar e revender estes produtos. No caso do estudo em questão, por parte dos comerciantes varejistas, a sua vinda a Vitória da Conquista acaba por movimentar outros setores da cidade, pois, embora este fluxo para abastecimento seja gerado, inicialmente, entre as lojas atacadistas e os comércio varejista, estes indivíduos não deixam de consumir, indiretamente, outros serviços ofertados na cidade.

De acordo com o Mapa 18 é possível identificar as distintas localidades dos comerciantes varejistas que compram nas lojas atacadistas de Vitória da Conquista, bem como a intensidade deste fluxo. Deve-se ressaltar que existe uma proximidade com algumas localidades, em especial as que estão imediatamente ligadas à Vitória da Conquista, como é o caso de Barra do Choça e Anagé. Ainda em relação aos municípios próximos à Vitória da Conquista, tal fluxo pode ser relacionado a múltiplos aspectos, como, proporcionalmente, à quantidade de estabelecimentos existentes em uma dada localidade, a questão do acesso por meio da rede viária à Vitória da Conquista e as próprias ligações históricas entre tais localidades do Sudoeste Baiano, conforme discutido no capítulo quatro.

**Mapa 18** – Fluxo comercial entre as lojas atacadistas de Vitória da Conquista e os comerciantes varejistas regionais, 2018



Fonte: Pesquisa de campo, 2018  
Elaboração: SILVA, V. A. 2019

Um caso particular de município pertencente ao Território de Identidade Sudoeste Baiano que não apresentou nenhum comerciante durante a pesquisa de campo nas lojas atacadistas foi o de Ribeirão do Largo. Embora não tenha sido detectado um fluxo durante a primeira etapa do trabalho de campo, após visita no município em questão, constatou-se de fato a existência de um fluxo comercial entre as lojas atacadistas e os comerciantes varejistas regionais, porém, por conta da dificuldade de acesso das estradas, não são os comerciantes que se deslocam até Vitória da Conquista, mas sim, as próprias lojas atacadistas que levam seus produtos em um caminhão para ofertar aos comerciantes locais, por meio de um processo de logística exclusiva para estes casos. Desta maneira, é possível contemplar estes locais que, embora de difícil acesso, contêm um potencial econômico para o abastecimento de produtos por meio das lojas atacadistas.

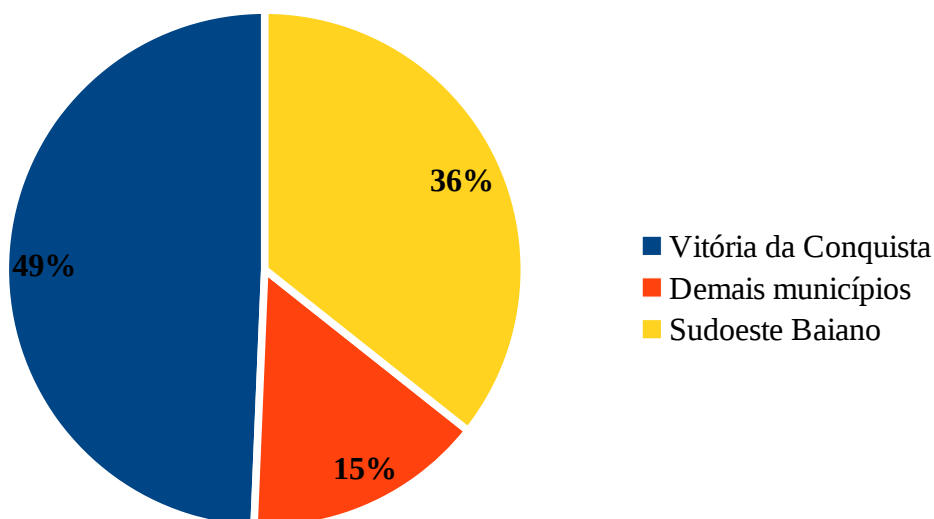
Um destaque em relação aos fluxos presentes entre as lojas atacadistas e os comerciantes varejistas regionais é que quebra barreiras regionais (considerando o Sudoeste Baiano como parâmetro para as análises), bem como as fronteiras estaduais com a presença de um fluxo de pessoas advindas do estado de Minas Gerais. Em relação aos municípios fora do Sudoeste Baiano, existem alguns fatores que contribuem para tal fenômeno, como a centralidade desempenhada por Vitória da Conquista em relação a oferta dessas mercadorias e a questão histórica acentuada pelos municípios desmembrados de Vitória da Conquista. Já a ligação com Minas Gerais, especialmente, com o norte de Minas, é histórica e se estende inclusive nos aspectos culturais, como linguagem e algumas produções locais. Ferraz (2009), destaca a presença de pessoas de Minas Gerais que são atendidas pelo comércio de Vitória da Conquista.

Atualmente é possível verificar que essa prática continua acontecendo. Sobretudo aos sábados e domingos, as feiras realizadas em Vitória da Conquista atraem vendedores e consumidores de vários distritos e municípios, inclusive do norte de Minas Gerais. Além da feira, estabelecimentos comerciais dos mais diversos segmentos promovem um fluxo intenso de clientes para essa cidade. (FERRAZ, 2009, p.49).

Conforme Ferraz (2009), o comércio de Vitória da Conquista tem sido um significativo atrativo para pessoas de outras localidades, inclusive de municípios do norte de Minas Gerais que vão em busca da oferta comercial da cidade. Além disso, no caso específico das lojas atacadistas, a importância para estes municípios é a mesma que para os demais que estão no entorno de Vitória da Conquista, uma vez que abastecem comerciantes dentro e fora do

Sudoeste Baiano. Com isso, pode-se ressaltar a complexidade da rede de Vitória da Conquista no que diz respeito a esta temática. O Gráfico 7 a seguir mostra a proporção de clientes oriundos do Sudoeste Baiano e das demais áreas interligadas na rede.

**Gráfico 7** – Proporção da origem dos comerciantes varejistas regionais, 2018



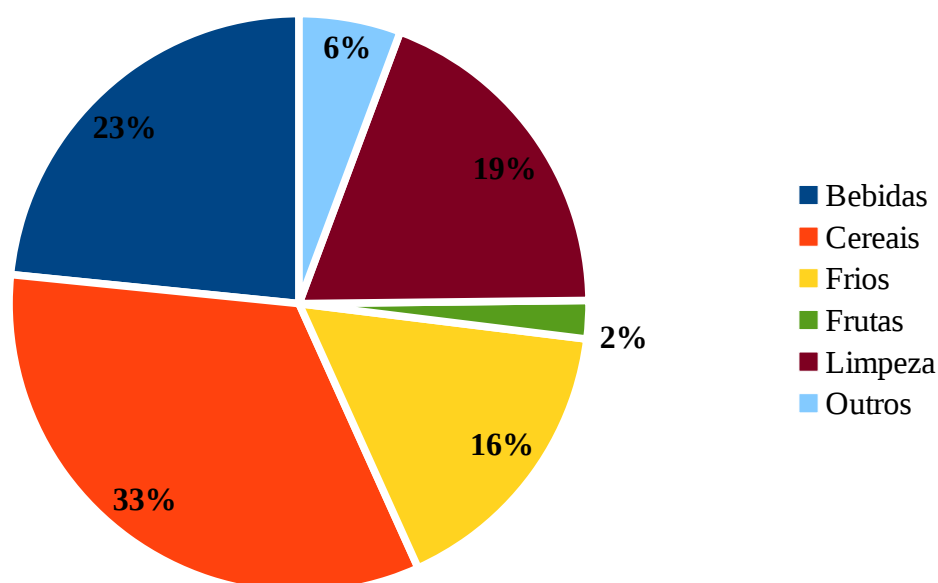
Fonte: Pesquisa de campo, 2018

Conforme o Gráfico 7, fica evidente o quantitativo significativo de comerciantes regionais vindos de dentro e fora do Sudoeste Baiano para comprar nas lojas atacadistas de Vitória da Conquista. Diante do exposto, destaca-se a presença significativa de 15% dos comerciantes varejistas que abastecem seus estabelecimentos por meio das lojas atacadistas de Vitória da Conquista, oriundos de outros Territórios e outro Estado. No caso dos 49,33% de comerciantes advindos do próprio município das lojas atacadistas, este fato pode ser justificado devido à proporção populacional e econômica de Vitória da Conquista em relação aos demais municípios, especialmente do Sudoeste Baiano, conforme analisado anteriormente, no capítulo 4.

Em relação ao abastecimento do comércio varejista regional, por meio das lojas atacadistas de Vitória da Conquista, é possível identificar uma série de produtos que são adquiridos pelos comerciantes regionais. No Gráfico 8 a seguir é possível encontrar a seguinte relação de compras nas lojas atacadistas por parte dos comerciantes varejistas regionais.



**Gráfico 8** – Produtos comprados pelos comerciantes varejistas regionais nas lojas atacadistas de Vitória da Conquista, 2018



Fonte: Pesquisa de campo, 2018

No Gráfico 8, é possível identificar os produtos mais comprados pelos comerciantes varejistas para revenderem em seus estabelecimentos. Conforme o gráfico, os produtos mais adquiridos, neste caso, são os cereais (arroz, feijão, etc). Esses produtos, normalmente, passam por um processo de industrialização e não são adquiridos com fornecedores locais. O segundo produto mais comprado são as bebidas (água, refrigerante, suco, bebidas alcoólicas, etc) que possuem uma produção local de algumas empresas presentes no distrito industrial, enquanto outros advém de fora do município. Uma categoria que também faz parte deste fluxo são os produtos de limpeza (água sanitária, desinfetante, sabão e itens de limpeza em geral). Neste caso, existem alguns produtos de fabricantes locais e produtos de outras localidades. Os frios, os quais representam cerca de 16% das vendas das lojas atacadistas para os comerciantes varejistas regionais, possuem, especialmente nas aves, uma significativa produção local através de marcas, a exemplo da Avinor, enquanto outros setores, como o bovino, são, em sua maioria, advindos de outros Estados.

A categoria “Outros” refere-se aos produtos que não se enquadram em nenhuma das modalidades descritas anteriormente. Nesse caso, boa parte dos comerciantes adquirem estes produtos para consumo próprio e não, necessariamente, para revendê-los. A categoria “frutas”, que contempla frutas e hortaliças, registra a menor saída para os comerciantes regionais, nas redes atacadistas. De acordo com o representante de um dos estabelecimentos atacadistas, isso

acontece pela contribuição de diversos fatores, como o fato de não serem produtos estocáveis e os preços não serem competitivos (uma vez que, nesse caso, a maior parte desses produtos advêm para as lojas atacadistas por meio das redes de abastecimento local), já sendo comercializado a um valor pouco favorável para os comerciantes varejistas regionais.

Durante as entrevistas realizadas com estes comerciantes foi quase unânime a resposta de que o meio de transporte utilizado era particular. A Fotografia 9 mostra um comerciante varejista regional organizando suas compras no veículo ainda no estacionamento de uma das lojas atacadistas de Vitória da Conquista.

**Fotografia 9** – Comerciante varejista regional agrupando as compras no veículo, 2018



Fonte: Pesquisa de campo, 2019

Os veículos utilizados no transporte em questão variavam de acordo com o porte do estabelecimento e as necessidades dos comerciantes, podendo ser vans, caminhonetes ou caminhões. Outra questão importante acerca do fluxo estudado é em relação à frequência que ele ocorre. Conforme as informações coletadas por meio das entrevistas de campo, a frequência pode variar entre semanalmente, quinzenalmente e mensal. Tal informação varia de acordo com o porte do estabelecimento e com a velocidade com que as mercadorias são repassadas aos clientes, podendo, em certos casos, necessitar de novas compras antes do período programado. É válido destacar que, de acordo com os próprios comerciantes, ao virem a Vitória da Conquista para abastecerem seus estabelecimentos, eles não frequentam

apenas uma loja atacadista, mas sim visitam as três grandes redes atacadistas da cidade e adquirem os produtos de acordo com a oferta de preços e mercadorias.

Ao refletir acerca da importância da rede estudada para Vitória da Conquista é possível identificar uma significativa contribuição econômica para a cidade (uma vez que, diante do exposto, o comércio é uma das principais atividades econômicas desenvolvidas na cidade). A importância deste fenômeno para a cidade está no princípio de que toda esta movimentação promove um significativo impacto econômico, não só no comércio atacadista como, também, em outros setores da economia local, como o comércio alimentício ou o de saúde, pois o alcance da rede não se restringe exclusivamente ao fluxo analisado.

Em relação à multidimensionalidade da rede, vale destacar que o indivíduo que vem para Vitória da Conquista usufrui de mais de uma das atividades ofertadas na cidade, o que é muito comum no caso das atividades médicas, jurídicas e bancárias. Outro setor que se movimenta também por meio das redes é o setor de transporte que proporciona o fluxo de pessoas advindas de outras localidades. Conforme a Fotografia 10, é possível visualizar um dos pontos de transporte entre Vitória da Conquista e outras localidades alcançadas por sua rede.

**Fotografia 10** – Ponto intermunicipal de transporte Vitória da Conquista-BA, 2018



Fonte: Pesquisa de campo, 2018

O transporte, mesmo que realizado de forma irregular em alguns casos, é significativo para a dinâmica deste Território e é um dos responsáveis por trazer pessoas de diversas localidades à Vitória da Conquista. Seu funcionamento ocorre diariamente, em locais específicos do Centro da cidade preestabelecidos para cada município da região. Além de carros pequenos, tal transporte é feito por meio de vans, ônibus e/ou micro-ônibus, podendo levar passageiros e mercadorias adquiridas em Vitória da Conquista.

A importância desta atividade, de forma geral, contribui significativamente para Vitória da Conquista. Conforme exposto no capítulo 3, o comércio tem assumido um importante papel na economia local. Tendo isto em mente, é visível que o setor atacadista compreende um dos principais ramos desta atividade na cidade com a sua grande movimentação. Diante do exposto, o fluxo promovido exclusivamente por meio do comércio atacadista se destaca em dois aspectos: no fluxo entre os comerciantes varejistas regionais e as lojas atacadistas a fim de abastecer seus estabelecimentos regionais, como também no fluxo entre as próprias lojas atacadistas e seus fornecedores locais/CD.

No caso específico do fluxo promovido entre as lojas atacadistas e seus fornecedores/CD, segundo os representantes das lojas entrevistadas, ocorre com uma frequência quase diária, uma vez que estes produtos possuem um escoamento constante e as lojas são abastecidas conforme a demanda. Ainda que seja mais restrito que o desenvolvido entre os comerciantes varejistas regionais e as lojas atacadistas, tal fluxo também possui uma importância significativa para Vitória da Conquista, uma vez que movimenta parte da economia local através do abastecimento com produtos locais. Outro aspecto relevante é a ligação promovida entre Vitória da Conquista e outras localidades onde se localizam os CDs. Neste caso, o destaque vai para a regularidade que este fluxo ocorre, pois a demanda de abastecimento é constante, especialmente para produtos que não podem ser estocados, a exemplo das hortaliças.

No que se refere ao fluxo gerado entre as lojas atacadistas e os comerciantes varejistas regionais, destaca-se a relevância que Vitória da Conquista ganha, neste cenário, como uma centralidade atrativa para o abastecimento comercial nestas localidades. Assim, vale destacar a relação entre a cidade e os demais municípios, especialmente nos aspectos econômicos em que parte do capital produzido em uma determinada localidade, indiretamente, acaba chegando em Vitória da Conquista por meio da rede comercial em questão. Sendo assim, esta ligação vai além da relação entre as populações que se deslocam pela oferta das atividades desenvolvidas em Vitória da Conquista, mas também perpassa por uma contribuição

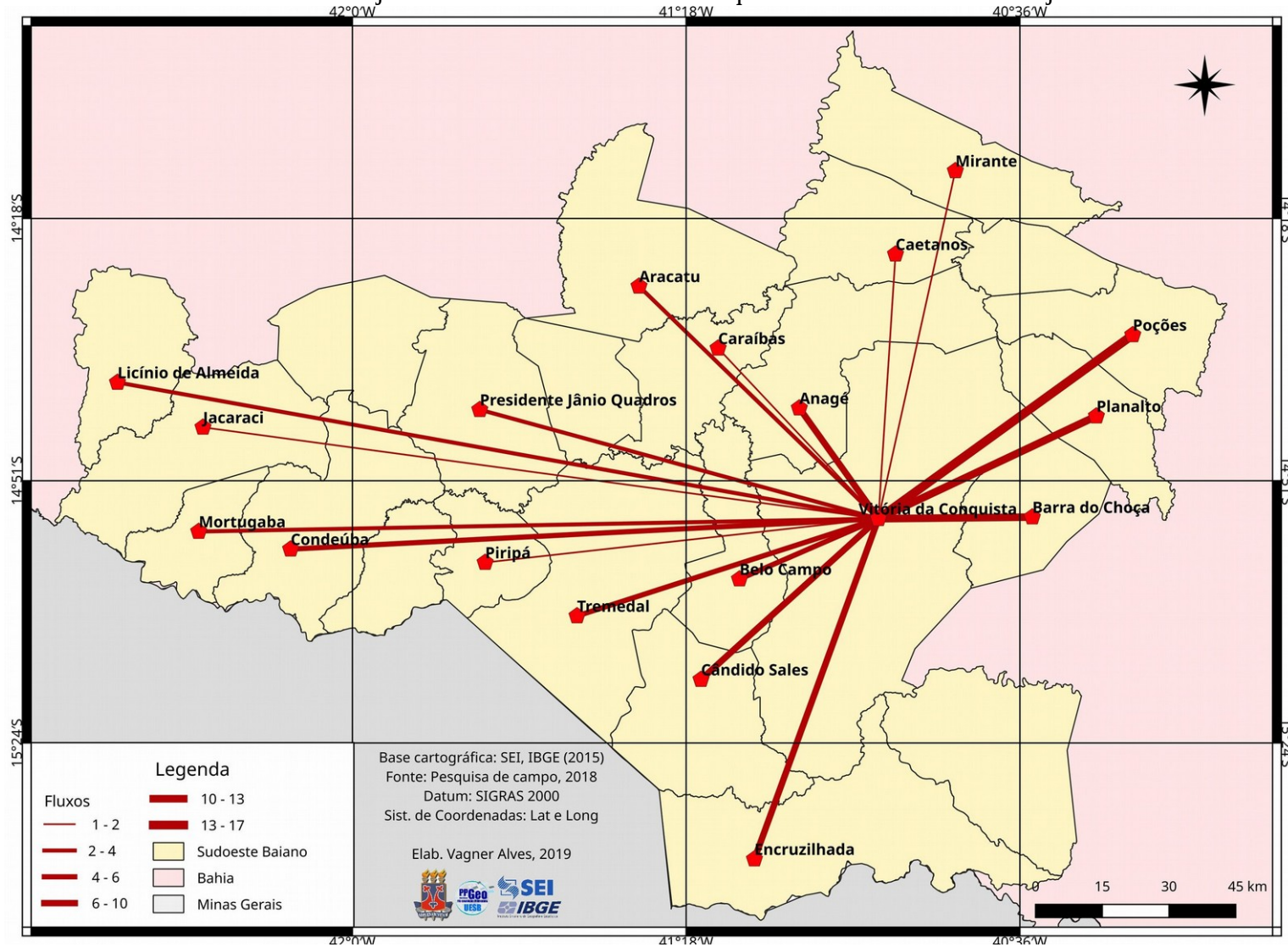
econômica para a própria circulação financeira no município (especialmente na cidade, onde estão localizadas as lojas atacadistas).

A ideia por trás destes fluxos acabam reforçando a atratividade exercida por Vitória da Conquista através das atividades desenvolvidas na cidade, o que promove uma certa centralidade em relação aos municípios interligados neste processo. Diante disso, é válido dizer que tal fenômeno não é recente, já que a própria consumação histórica de Vitória da Conquista, enquanto cidade, perpassa pelos fluxos comerciais estabelecidos entre o sertão e o litoral. Não por acaso, a atividade comercial assumiu, historicamente, um papel importante para o desenvolvimento de Vitória da Conquista, desde a sua criação (conforme citado anteriormente) até a sua atratividade contemporânea de pessoas de outras localidades para adquirir produtos ali comercializados. Em relação a análise em questão, percebe-se que este fluxo promove uma considerável ligação com os municípios articulados ao mesmo tempo que reforça a centralidade exercida por Vitória da Conquista.

Outros aspectos que se destacam em relação à rede para Vitória da Conquista é o caráter de centralidade que a cidade ganha diante da articulação territorial promovida através da sua rede. Nesse sentido, constatou-se que a centralidade de Vitória da Conquista, no que se refere ao fluxo comercial entre as lojas atacadistas e os comerciantes varejistas regionais, perpassa por dois aspectos importantes: do consumo dos comerciantes regionais que compram na cidade; e também, na sua capacidade de escoamento de mercadorias que, no caso das lojas atacadistas, também são oriundas de outras localidades (onde ficam os Centros de Distribuição). Ambos os fatores contribuem para uma singularidade de Vitória da Conquista no caso das relações comerciais, ao mesmo tempo que reforça sua importância para os demais lugares que são conectados por meio desta rede.

Ao analisar a importância do fenômeno estudado para o Sudoeste Baiano, no geral, é visível que este Território sofre um forte impacto, especialmente do ponto de vista socioeconômico em relação a esta rede, pois, no geral, ela é responsável por articular boa parte dos municípios que compõem tal Território à Vitória da Conquista (por conta dos atrativos que esta cidade oferece). Tratando-se exclusivamente do fluxo comercial entre as lojas atacadistas e os comerciantes varejistas regionais do Sudoeste Baiano, esta rede se torna de bastante significativa, pois é uma das responsáveis pelo abastecimento dos estabelecimentos varejistas regionais desta região. O Mapa 19 a seguir, apresenta o fluxo comercial entre as lojas atacadistas e os comerciantes varejistas regionais do Sudoeste Baiano, detectado na primeira etapa do trabalho de campo, em 2018.

Mapa 19 – Fluxo comercial entre as lojas atacadistas de Vitória da Conquista e os comerciantes varejistas do Sudoeste Baiano, 2018



Fonte: Pesquisa de campo, 2018  
 Elaboração: SILVA, V. A. 2018

O Mapa 19 apresenta o fluxo comercial entre as lojas atacadistas de Vitória da Conquista e os comerciantes varejistas regionais do Território de Identidade Sudoeste Baiano. É visível que este fluxo se mantém de forma significativa neste Território, uma vez que está presente em 19 dos 24 municípios que compõem o Sudoeste Baiano. Conforme o mapa, é possível identificar a intensidade deste fluxo em algumas localidades, nesse caso, destaca-se os municípios do entorno de Vitória da Conquista, mas não se trata necessariamente da proximidade em si (ela também contribui do ponto de vista da acessibilidade, mas não é o único fator que conta para a existência deste fluxo), mas sim em quê estes municípios se diferenciam dos demais. Nesse caso, considera-se alguns fatores para este fenômeno, como a população, a urbanização, a quantidade de estabelecimentos varejistas que potencialmente abastecidos pelas lojas atacadistas e os aspectos da economia local.

Outro fato relevante constatado durante a segunda fase do trabalho de campo foi a existência de uma logística reversa para localidades de difícil acesso. As próprias lojas atacadistas se deslocam para estes municípios no intuito de vender seus produtos para os comerciantes varejistas regionais. Tal fato foi revelado durante os procedimentos de entrevista no município de Ribeirão do Largo, o qual, efetivamente, possui um acesso difícil se comparado aos demais que fazem fronteira com Vitória da Conquista. Logo, a rede no Sudoeste Baiano tem um potencial maior do que o detectado através da primeira etapa da pesquisa de campo (questionários com os comerciantes varejistas regionais nas próprias lojas atacadistas de Vitória da Conquista).

Em relação aos municípios do Sudoeste Baiano, convém uma análise da ligação histórica de Vitória da Conquista do ponto de vista do desmembramento e da formação territorial destes municípios. Neste caso, comparando-se às informações apresentadas no Organograma 1 (pág. 85) com o Mapa 19 (pág. 125), observa-se um fluxo significativo em municípios que, historicamente, possuem também uma ligação com Vitória da Conquista, pois já fizeram parte do seu território em outros contextos. Mesmo com o desmembramento, tais municípios nunca deixaram de manter certa conexão entre si, correlacionada, especialmente, à oferta de serviços encontradas em Vitória da Conquista para atender suas demandas. Embora tenham tido autonomia suficiente para se desmembrar e formarem seus próprios municípios, esta ligação histórica resiste até os dias atuais.

A Tabela 6 apresenta a relação de estabelecimentos potencialmente abastecidos pelas lojas atacadistas, de acordo com o Cadastro Nacional de Empresas (CNE), no Território de Identidade Sudoeste Baiano em 2016. Embora existam outros estabelecimentos com características distintas dos apresentados nas tabelas, definiu-se os seguintes tipos, de acordo

com uma breve amostragem nas lojas atacadistas de Vitória da Conquista. Com isso, conforme a tabela, é possível identificar um significativo quantitativo de estabelecimentos oriundos do Sudoeste Baiano potencialmente abastecidos através das lojas atacadistas. O grande destaque, nesse caso, é Vitória da Conquista, conforme sua importância econômica para o Território, mas outros municípios também se destacam em relação a este aspecto, como é o caso de Barra do Choça e Poções.

**Tabela 6** – Comércios varejistas do Território de Identidade Sudoeste Baiano potencialmente abastecidos pelas lojas atacadistas de Vitória da Conquista – BA, 2016

Municípios	Comércio varejista de mercadorias em geral: minimercados, mercearias e armazéns	Comércio varejista de produtos de padaria, laticínio, doces, balas e semelhantes	Restaurantes e outros estabelecimentos de serviços de alimentação e bebidas	Serviços ambulantes de alimentação
Anagé	19	2	7	0
Aracatu	12	2	0	0
Barra do Choça	41	8	6	0
Belo Campo	17	8	1	0
Bom Jesus da Serra	4	1	0	0
Caetanos	11	1	0	0
Cândido Sales	27	2	9	0
Caraíbas	10	0	0	0
Condeúba	26	1	3	0
Cordeiros	8	0	2	0
Encruzilhada	28	1	7	0
Guajeru	9	1	0	0
Jacaraci	17	4	1	0
Licínio de Almeida	31	1	3	0
Maetinga	9	1	0	0
Mirante	7	2	1	0
Mortugaba	27	3	1	0
Piripá	11	0	0	0
Planalto	33	2	5	0
Poções	63	9	12	0
Presidente Jânio Quadros	18	1	0	0
Ribeirão do Largo	11	0	0	0
Tremedal	26	0	0	0
Vitória da Conquista	264	109	319	9
<b>Total</b>	<b>729</b>	<b>159</b>	<b>377</b>	<b>9</b>

Fonte: IBGE/CNE, 2016

Ao comparar a Tabela 6 com o Mapa 19 (pág. 125), pode-se observar que muitos dos municípios que obtiveram o maior fluxo durante a pesquisa de campo são também os que

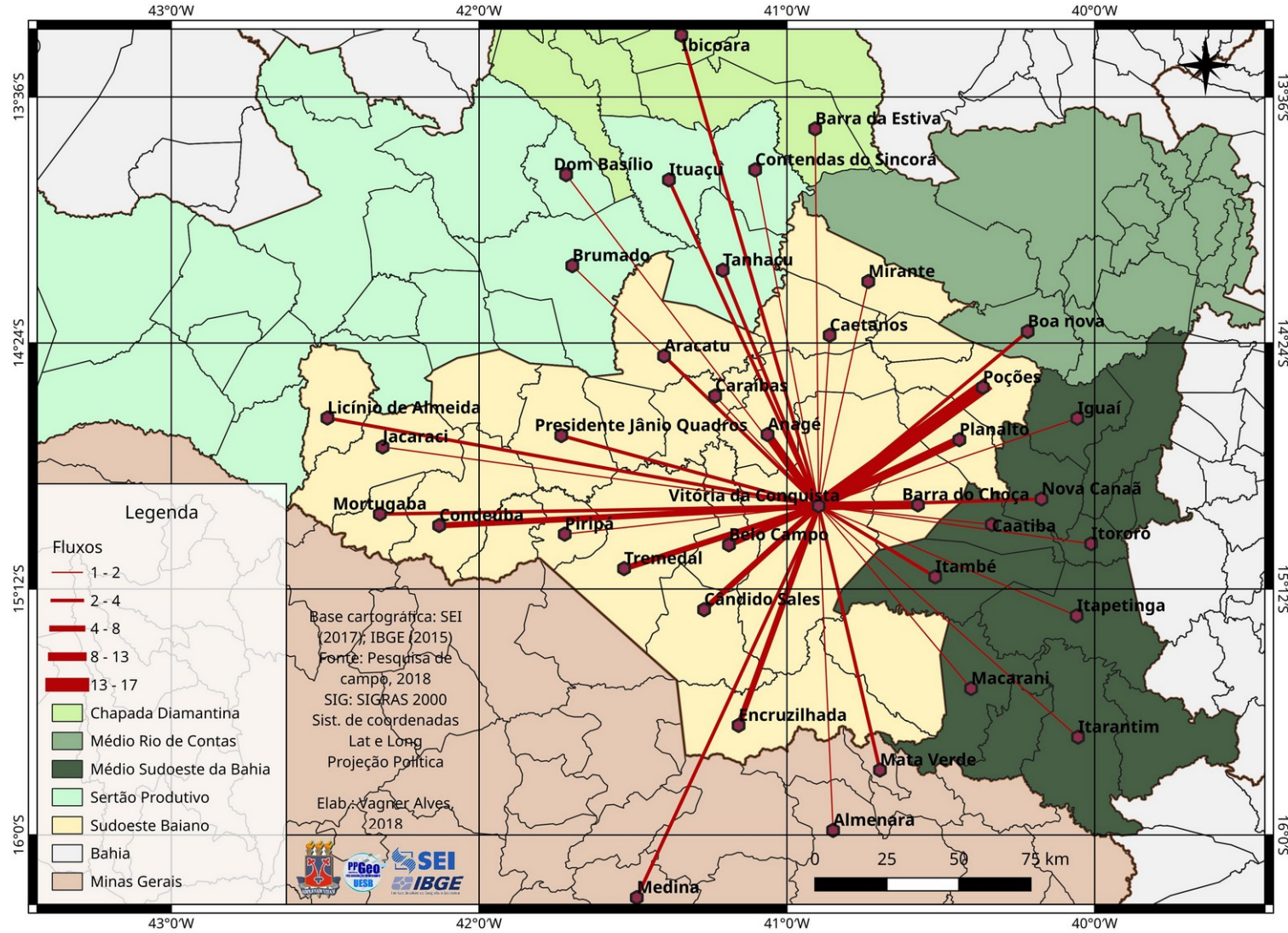


possuem um maior quantitativo de estabelecimentos potencialmente abastecidos pelas lojas atacadistas de Vitória da Conquista. Tal fato fica evidente ao se comparar municípios, como Poções, Barra do Choça e Planalto, os quais, conforme o mapa, possuem um fluxo significativo de clientes e contam com um quantitativo significativo de estabelecimentos.

Paralelo a isso, ocorre o inverso em algumas localidades, como Caetanos, Mirante e Caraíbas, municípios com poucos estabelecimentos comerciais e que tiveram um fluxo pequeno em relação aos demais. Deve-se mencionar, ainda, os que não foram detectados durante a pesquisa de campo, como Bom Jesus da Serra, que possuem um quantitativo pouco expressivo de estabelecimentos. Em contrapartida, vale mencionar o município de Licínio de Almeida que, embora contenha um quantitativo significativo de estabelecimentos comerciais, não possui um fluxo tão expressivo quanto os demais.

Uma questão a se analisar em relação aos fluxos detectados durante a pesquisa de campo é que eles superam os limites territoriais do Sudoeste Baiano. Desta maneira, embora exista um fluxo interno significativo que contempla a maior parte dos municípios que compõem tal território, o fluxo externo, no que diz respeito a quantidade de municípios atingidos, consegue articular mais localidades que o próprio Território de Identidade Sudoeste Baiano. Apesar dessa quebra de barreiras territoriais em relação à rede de Vitória da Conquista e o Sudoeste Baiano, tal fato contribui para uma significativa integração territorial entre este território e diversas outras localidades. O Mapa 20, a seguir, traz esta articulação proporcionada através do fluxo entre os comerciantes varejistas e as lojas atacadistas de Vitória da Conquista no que se refere aos Territórios de Identidade conectados.

Mapa 20 – Articulação territorial/regional do fluxo entre as lojas atacadistas de Vitória da Conquista-BA e os comerciantes varejistas, 2018



Fonte: Pesquisa de campo, 2018  
 Elaboração: SILVA, V. A. 2019

O Mapa 20 traz o fluxo comercial estabelecido entre os comerciantes varejistas e as lojas atacadistas de Vitória da Conquista, em relação aos Territórios de Identidade da Bahia, bem como alguns municípios do estado de Minas Gerais. O destaque, neste ponto de vista, vai para o Território de Identidade Médio Sudoeste da Bahia que se detectou a existência deste fluxo em 8 dos 13 municípios que compõem tal território. Quanto a ligação com as localidades presentes no Sertão Produtivo, detectou-se a presença dos municípios do leste deste Território, os quais apresentam uma maior proximidade territorial do Sudoeste Baiano. No caso da Chapada Diamantina, existe a presença de Barra da Estiva e Ibicoara, enquanto no Médio Rio de Contas, identificou-se apenas Boa Nova. Embora não pertença à regionalização definida nos Territórios de Identidade (já que se trata de uma regionalização exclusiva da Bahia), outra região que também se faz presente nos fluxos analisados é o Norte de Minas Gerais, quebrando a barreira estadual por meio da presença de três municípios: Medina, Almenara e Mata Verde.

O destaque em relação a estes fluxos é na forma como eles contribuem para a articulação não só de Vitória da Conquista como, também, de todo o Sudoeste Baiano com outras regiões. É perceptível que esta rede é um dos principais meios de articulação territorial do Sudoeste Baiano com outras localidades, uma vez que contempla a população de múltiplas regiões. Pensando-se nos efeitos deste fenômeno para tal Território, pode-se destacar a própria identificação histórica construída acerca do Sudoeste Baiano enquanto um Território com características sertanejas, próximas aos aspectos culturais do Norte de Minas Gerais, conforme destacado pela SEI. Isso não ocorre por acaso, pois existe, além de proximidade geográfica, uma ligação socioeconômica significativa entre as duas regiões. Diante do exposto, a rede estudada expõe que este vínculo persiste na contemporaneidade.

Sobre a articulação territorial, existe o aspecto que se refere à própria relação entre o Sudoeste Baiano e os demais Territórios de Identidade da Bahia, conforme apontado no Mapa 20, em especial, no caso do Médio Sudoeste Baiano, onde se identificou um fluxo em aproximadamente 62% dos municípios deste Território. Tal fenômeno promove uma significativa proximidade entre estes territórios que, embora possa estar atrelada à própria proximidade física, tem relações socioeconômicas que vão além destes aspectos. Por fim, vale ressaltar a importância do ponto de vista socioeconômico que esta rede pode contribuir, indiretamente (já que, o fluxo, em princípio, é para Vitória da Conquista), com a economia do Sudoeste Baiano, pois promove também uma circulação econômica neste território, com capital advindo de outras localidades.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisar a rede geográfica de Vitória da Conquista no Território de Identidade Sudoeste Baiano, tomando por base o fluxo comercial entre as lojas atacadistas de Vitória da Conquista e os comerciantes varejistas deste Território, implica uma série de considerações teóricas para o embasamento e compreensão das categorias tratadas (Rede e Região), bem como sua associação com o tipo de estudo proposto e uma leitura, tanto da cidade quanto do Território em questão, dando ênfase nas suas características que proporcionam um dinamismo e a ligação entre as localidades.

Pensar em Redes e Regiões requer determinados cuidados para não se cair em incoerências teóricas e análises inapropriadas para a proposta de estudo. Desta maneira, compreende-se que tais categorias estão intimamente ligadas em determinados aspectos, uma vez que as Redes podem proporcionar articulações territoriais em uma certa Região. Contemporaneamente, tão importante quanto estudar uma determinada Região é entender o seu processo de regionalização, o qual pode conter diversos elementos marcantes para a análise regional. Acerca da discussão estabelecida sobre região, dentro das novas regionalizações, deve-se citar que elas perpassam por múltiplos fatores, como as questões relacionadas às redes e seu princípio articulador.

No que se refere às Redes, é importante frisar que trata-se de um termo polissêmico que vem sendo debatido por diversas áreas do conhecimento. Na Geografia, ela ganhou notoriedade, especialmente, nos estudos urbanos, com a teoria dos lugares centrais, proposta por Christaller. No entanto, atualmente, ela não se restringe a esta perspectiva teórica, já que o espaço apresenta uma dinamicidade e particularidades que não são contempladas por modelos fechados ou aplicados em um determinado arranjo. Outra conotação que a Rede tem se destacado na contemporaneidade é o viés da Rede Geográfica. Nesse caso, pode-se atribuir a este conceito múltiplos elementos que estarão interligados em si e dinamizando a rede.

Considerando a formação histórica de Vitória da Conquista, deve-se ressaltar certos fatores marcantes que determinaram sua importância em escala regional, dentre eles os fluxos entre o sertão e o litoral, o surgimento da cidade como ponto de apoio para as pessoas que realizavam este trajeto e seu potencial comercial que foi explorado desde o período colonial (ainda que em uma menor escala que atualmente).

No período atual, a centralidade exercida por Vitória da Conquista no Território de Identidade Sudoeste Baiano perpassa por diversos fatores. Pode-se citar o seu comércio e outros setores, como a saúde e educação. Com isso, a cidade se torna um importante e

complexo nó na sua rede, uma vez que não está ligada a apenas um atrativo específico, mas sim a um conjunto de atrativos que proporcionam este fenômeno no Território pesquisado.

Pensando exclusivamente nas atividades comerciais estabelecidas em Vitória da Conquista é possível visualizar o quão diverso este setor é e o quanto se tornou importante, tanto para a cidade quanto para o Sudoeste Baiano. Sua complexidade está, exatamente, na sua diversidade, contemplando múltiplas classes e diversos tipos de estabelecimentos. Pode-se destacar o comércio automotivo, relacionado à venda de peças, e serviços voltados aos automóveis como uma especialidade na cidade. Este tipo de comércio se mantém por muitos motivos, como a concentração da venda de automóveis da região em Vitória da Conquista. Outro ponto a se destacar é a localização destes estabelecimentos, majoritariamente na BR 116. Tal fato ocorre, muito em função do fluxo de veículos nesta via, pois, neste caso, a área urbana de Vitória da Conquista é cortada por esta rodovia e se torna ponto de apoio para as pessoas que ali passam, advindas de diversas localidades, dentro e fora da Bahia.

Além do comércio automotivo, pode-se ressaltar as atividades comerciais varejistas de maneira geral que atendem boa parte da cidade e, quantitativamente, se torna um dos seus principais atrativos. Este tipo de comércio é importante, pois ele promove um fluxo significativo tanto de quem vem diretamente consumir (fazer compras mensais ou semanais, por exemplo) ou por quem vem consumir um produto específico (como algo do setor automotivo, por exemplo), fato que gera o consumo de algum produto ou serviço advindo do ramo varejista local.

Por fim, ressalta-se o comércio atacadista. Do ponto de vista quantitativo, é o que possui o menor número de estabelecimentos em Vitória da Conquista, mas é de suma importância para o mercado regional, pois é o responsável por abastecer boa parte dos estabelecimentos dos municípios, dentro e fora do Território de Identidade Sudoeste Baiano, criando, assim, um fluxo singular na rede e uma dinâmica entre estas localidades.

A relação entre as redes e a política dos Territórios de Identidade da Bahia deve ser mencionada, pois esta regionalização pode ser estudada por fatores distintos, como políticos, econômicos, culturais e até físicos. A contribuição das redes aparece, nesse caso, em uma perspectiva econômica como uma forma de articulação territorial entre as localidades, evidenciando as relações socioeconômicas da população dos municípios da Bahia.

No caso específico do Sudoeste Baiano, percebe-se que é um Território bastante diversificado no que se refere à importância econômica dos seus municípios e em uma análise hierárquica, inclusive, populacional. Nesse caso, Vitória da Conquista exerce uma função de suma importância que, conforme as diversas análises realizadas ao longo da pesquisa, se

sobressai em relação aos demais municípios. Isso não se deu por acaso, mas desde a sua formação, com o desmembramento de outros municípios que, anteriormente, pertenceram ao seu Território. Além disso, existe uma concentração populacional em Vitória da Conquista com aproximadamente metade da população do Sudoeste Baiano, o que justifica esta discrepância nos dados.

Considerando-se o foco da pesquisa na questão do fluxo comercial entre as lojas atacadistas e os comerciantes varejistas regionais, é necessário discorrer sobre os elementos que compõem esta rede. No caso das lojas atacadistas, fica evidente que tratam-se de grandes grupos empresariais multimarcas. Assim, estes grandes empreendimentos atuam em diversos segmentos da economia, em especial, do comércio. Sua logística empresarial está ligada ao grupo e seus respectivos fornecedores, porém, as filiais têm uma certa liberdade para negociar com empresas locais. Um aspecto significativo destas empresas são os fluxos que elas promovem diariamente, não só pela venda de mercadorias, mas também pelo seu abastecimento que ocorre com uma certa periodicidade de acordo com a demanda. Já no que se refere a sua importância econômica para Vitória da Conquista, isso está imbricado no seu atrativo e nas movimentações que o setor atacadista promove no comércio da cidade.

Quanto aos comerciantes varejistas regionais, apesar das suas relações comerciais com as lojas atacadistas, suas logísticas empresariais são completamente distintas. Enquanto as lojas pertencem aos grandes grupos e atuam em um segmento específico, os comerciantes varejistas possuem relações empresariais que perpassam por estabelecimentos de pequeno porte, em múltiplos segmentos do setor comercial (desde o comércio alimentício, como bares e lanchonetes até estabelecimentos voltados à venda de produtos de uso domésticos, como os pequenos mercados e mercearias).

Outro ponto de discrepância é no que se refere ao tipo de empreendimento, em muitos casos, uma atividade familiar. Fora isso, foi possível detectar a existência de estabelecimentos tanto na cidade quanto no campo (ainda que, no campo, seja minoria). No entanto, trata-se de uma atividade de suma importância, do ponto de vista econômico, para os seus respectivos municípios e para Vitória da Conquista, pois é um importante setor das atividades comerciais responsáveis por uma parcela do PIB dos municípios regionais.

É importante ressaltar que estes estabelecimentos também são consumidores de Vitória da Conquista, só que do setor atacadista. Tal fato é chamativo, uma vez que reforça a importância da cidade no setor comercial, não apenas por atender à população que se desloca para a cidade com a finalidade de consumir no varejo, como também atende ao próprio comércio regional em uma perspectiva de abastecimento dos demais municípios do Sudoeste Baiano.

Explorando este setor ao longo dos anos, surgiram, em Vitória da Conquista, as lojas atacadistas, cujo foco é a venda para os comerciantes regionais. Logo, direta ou indiretamente, as pessoas deste Território estão consumindo produtos comercializados em Vitória da Conquista.

Em relação ao fluxo comercial estabelecido entre as lojas atacadistas de Vitória da Conquista e os comerciantes varejistas regionais, fica evidente que este fluxo contempla diversas localidades, inclusive fora da Bahia. Isto mostra o alcance da rede geográfica da cidade e sua articulação com múltiplas localidades, incluindo o norte de Minas Gerais. Outro ponto a ser destacado é que tal fluxo não é necessariamente urbano, já que ele também é composto de indivíduos que atuam na zona rural, ainda que se trate de uma atividade predominantemente urbana.

Diante da abrangência do fluxo comercial estabelecido por Vitória da Conquista este fluxo acaba sendo de relevante para o Sudoeste Baiano, pois é o responsável por parte de uma das principais atividades econômicas desenvolvidas nos seus municípios. Comparando a intensidade dos fluxos com as características de cada localidade, não tem como associá-las a um único aspecto, pois cada município possui suas particularidades e, se por um lado o fluxo se intensifica, por exemplo, em relação aos municípios com o maior PIB, existem alguns contrapontos que vão contrariar esta ótica, como o fato de existirem municípios com o PIB significativo que não foram detectados um fluxo significativo de comerciantes varejistas. Logo, o que vai pesar nesse aspecto não é apenas um ou outro ponto característico de cada localidade, mas sim um conjunto de todos esses elementos mencionados que vão influenciar na dinâmica econômica de cada localidade e, conseqüentemente, no fluxo gerado entre as lojas atacadistas de Vitória da Conquista e os comerciantes varejistas no Sudoeste Baiano.

Por fim, ao analisar a rede geográfica através do fluxo comercial entre as lojas atacadistas e os comerciantes varejistas, fica clara a sua importância tanto para Vitória da Conquista quanto para o Território de Identidade Sudoeste Baiano em múltiplos aspectos. Inicialmente, ela é um forte elemento da articulação territorial de maneira a interligar os municípios pertencentes ao Sudoeste Baiano à Vitória da Conquista e fortalecer as relações econômicas estabelecidas neste Território. Outro ponto em destaque é que ela conecta o Sudoeste Baiano aos outros Territórios de identidade. Com isso, entende-se que os Territórios não são isolados e podem existir conexões entre seus municípios. No que se refere aos aspectos econômicos, é significativa em relação ao movimento da economia local, uma vez que é composta por uma das principais atividades econômicas desempenhadas no Sudoeste Baiano, especialmente em Vitória da Conquista. Com isso, é possível enxergar, nesta rede, um forte instrumento para a

análise das relações socioeconômicas do Sudoeste Baiano, porque ela dá significativo suporte à economia do principal município deste Território e é um dos fatores que proporciona a conexão territorial dos demais municípios que o compõe.



## 7 REFERÊNCIAS

BAHIA. **Apólitica territorial e a participação social**. SEI, 2014.

BESSA, K. **Estudos sobre a rede urbana: os precursores da teoria das localidades centrais**. GeoTextos, vol. 8, n. 1, jul. 2012.

BLATT, N. GONDIM, P. S. C. **Territórios De Identidade da Bahia: uma análise da regionalização implantada pela estrutura governamental na perspectiva do desenvolvimento local e regional**. Colóquio Tempos, Espaços e Representações. UESB, 2013.

BRASIL. **Territórios da cidadania**. MDA, 2008.

BRITO, T. M. A. Reflexões sobre a região. **Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina** . Mar. 2005.

CASTRO, I. E. **Geografia e política: território, escalas de ação e instituições**; Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 2005.

CASTELLS, M. **Sociedade em rede**. Paz e Terra, 2004.

CASTRO, I. E. GOMES, P. C. C. CORRÊA L. R. **Geografia: conceitos e temas**; 2a Edição; Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 2000.

CARLOS, A. F. A. SOUZA, M. L. SPOSITO B. E. M. **A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios**; Contexto, São Paulo, 2013.

CHELOTTI, M. C. **Reterritorialização e identidade territorial**. Sociedade & Natureza, Uberlândia, 22 (1): 165-180, abril, 2010.

CORRÊA, R. L. **A rede urbana**. Editora Ática. São Paulo, SP. 1989.

CORRÊA, R. L. **Estudos sobre a rede urbana**. Bertrand Brasil. Rio de Janeiro, RJ. 2015.

CORRÊA, R. L. **Redes geográficas: reflexões sobre um tema persistente**. Cidades Volume 9 Número 16, 2012

CORRÊA, R. L. **Região e organização espacial**. 7a Edição, Editora Ática. São Paulo, 2000.

COSTA, J. E., ALCANTARA, F. V., CARVALHO, D. M. **Espaços da geografia: abordagens regional e ambiental**. Editora UFS. São Cristóvão, SE. 2014.

COSTA, W. M. **Geografia Política e Geopolítica**. EdUSP, São Paulo, 1992.

DIAS, L. Redes: emergência e organização. In. CASTRO, I. E. GOMES, P. C. C. CORRÊA L. R. **Geografia: conceitos e temas**; 1a Edição; Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 1995

FERRAZ, A. E. Q. **O urbano em construção: Vitória da Conquista: um retrato de duas décadas**. Edições UESB. Vitória da Conquista, 2001.

FERRAZ, A. Q. **O espaço em movimento: o desvelar da rede nos processos sociotécnicos do sistema de saúde de Vitória da Conquista – Bahia**. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2009.

FLORES, C. D. **Territórios de Identidade na Bahia: Saúde, Educação, Cultura e Meio Ambiente frente à Dinâmica Territorial**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2014.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Graal, 28a Edição, Rio de Janeiro, 2010.

GERARDI, L. H. O. SILVA, B. C. N. **Quantificação em Geografia**. Difel. São Paulo, 1981.

GOMES, E. S. OLIVEIRA, P. A. P. **Relatório do Plano Diretor Urbano de Vitória da Conquista-PDU**. Vitória da Conquista, 2004.

GUSMÃO, A. D. F. **Espaço regional e ensino superior em Vitória da Conquista – BA**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2009.

HAESBAERT, R. **Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade**. Porto Alegre, 2004.

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização**. Bertrand Brasil, 3a Edição, Rio de Janeiro, 2007.

HAESBAERT, R. **Região, diversidade territorial e globalização**. UFF. Rio de Janeiro, 1999.

HAESBAERT, R. **Região: trajetos e perspectivas**. Universidade Federal Fluminense, 2010.

IBGE. **Indicadores sociodemográficos**. Rio de Janeiro, 2017.

IBGE. **Regiões de influência das cidades 2007**. Rio de Janeiro: IBGE, 2008

JUNIOR, G. A. O. **Redefinição da centralidade urbana em cidades médias. Sociedade & Natureza, Uberlândia**, 20 (1): 205-220, jun. 2008.

LÉDA, R. L. M. **Formação e reestruturação regional da Bahia contemporânea: discutindo recortes geográficos e suas periodizações**. 2009.

LÉDA, R. L. M. **Revisão de pontos fundamentais para compreender a evolução da temática da regionalização e do conceito de região, com ênfase nas matrizes clássicas da Geografia**. UESB, 2011.

LENCIONI S. **Região e Geografia**. EdUSP. São Paulo, 1999.

LIBERATO, R. C. **Revisando os modelos e as teorias de análise regional**. Caderno de Geografia, Belo Horizonte, v. 18, n. 29, p. 127-136, 2o sem. 2008.

MARQUES, B. P. **Conflitos no subcentro da periferia: um estudo da Avenida Frei**

**Benjamim – Vitória da Conquista /BA.** UESB. Vitória da Conquista, 2014.

MARTINELLI, M. **Mapas, gráficos e redes: elabore você mesmo.** Oficina de Textos. São Paulo, 2014.

MEDEIROS, Rosa Maria Vieira. Território, espaço de identidade. In: SAQUET, M. A.; SPOSITO, E. S. (Org.). **Territórios e Territorialidades – teorias, processos e conflitos** (pp. 217-227). São Paulo, SP/Brasil: Expressão Popular, 2015.

MELLO, S. B., SILVA, B. C. N., LEÃO, S. O. **O subsistema urbano-regional de Ilhéus-Itabuna.** Sudene/UFBA. Recife, 1987.

MORAES, A. C. R. **Geografia: pequena história crítica.** HUCITEC, São Paulo, 2005.

MOREIRA R. **Da região à rede e ao lugar: a nova realidade e o novo olhar geográfico sobre o mundo.** Espaço, tempo e crítica. N° 1(3), VOL. 1, 1° de junho de 2007

MUSSO, P. A filosofia da rede. In: PARENTE, A. **Tramas da rede.** Editora Sulina. Porto Alegre, 2010.

PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA DA CONQUISTA. **Crescimento da cidade.** Vitória da Conquista-BA, Abril de 2013.  
Disponível em: <<http://www.pmvc.ba.gov.br/crescimento/>>. Acesso em: 03 Setembro 2018

RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder.** Ática S. A. São Paulo, 1993.

RATZEL, F. **O solo, a sociedade e o Estado.** USP, São Paulo, agosto, 1982.

ROCHA, A. A. **A identidade territorial de Vitória da Conquista em seu processo de formação socioespacial e urbanização.** Colóquio Tempos, Espaços e Representações. UESB, 2013.

ROCHA, Altemar Amaral. FERRAZ, Ana Emília de Quadros. **Atlas Geográfico de Vitória da Conquista, BA.** Vitória da Conquista, 2015.

RIBEIRO, A. C. T. Regionalização: Fato e Ferramenta. In: LIMONAD, E., HAESBAERT, R. MOREIRA, R. **Brasil, século XXI: por uma nova regionalização.** Editora Letra Capital (2ª edição). Rio de Janeiro, 2015.

SAMPAIO, Andrecksa Viana Oliveira. **Mobilidade do trabalho e produção do espaço regional de Vitória da Conquista – Bahia.** Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2013.

SANDRONI, P. **Novíssimo dicionário de economia.** EDITORA BEST SELLER. São Paulo, 1999.

SANTANA, M. R. C. **As redes técnicas e a cidade de Salvador do início do século XXI.** Edições UESB. Vitória da Conquista-BA, 2013.

SANTIAGO, J. P. **Espaço geográfico e geografia do estado em Friedrich Ratzel**. Edições Uesb, Vitória da Conquista, 2013.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. 2. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SANTOS, M. BECKER, B. K. **Território, territórios: ensaio sobre o ordenamento territorial**. Lamparina, 3a edição. 2002.

SAQUET, M. A. **As diferentes abordagens do território e a apreensão do movimento e da (i)materialidade**. Geosul, Florianópolis, v. 22, n. 43, p 55 a 76, janeiro/junho, 2007.

SAQUET, M. A. **Abordagens e concepções de território e territorialidade**. Revista Geográfica de América Central Número Especial EGAL, 2011. p. 1 a 16. Costa Rica .II Semestre 2011.

SAQUET, M. A. GALVÃO, A. R. G. **A valorização territorial e multidimensional do patrimônio de Francisco Beltrão (PR)**. Campo-Território, revista de geografia agrária, v.4, n.8, p.98-120, ago. 2009.

SAQUET, M. A. **Consciência de classe e de lugar, práxis e desenvolvimento territorial**. Consequência. Rio de Janeiro, 2017.

SEI. **Análise da Situação Econômica dos Distritos Industriais**. Publicações SEI. Salvador, 2017.

SEI. **Estatística dos municípios baianos: Território de Identidade no20 Vitória da Conquista**. Publicações SEI. Salvador v. 4 n.1, 2013.

SEI. **Manchas de pobreza e desenvolvimento regional na Bahia**. Publicações SEI. Série estudos e pesquisas, 101. Salvador, 2017.

SEI. **Perfil dos Territórios de Identidade da Bahia**. Publicações SEI. Salvador, 2015

SERPA, A. **Territórios da Bahia: regionalização, cultura e identidade**. EDUFBA. Salvador. 2015.

SILVA, E. **Regionalização metropolitana: uma análise da proposta de institucionalização da Região Metropolitana de Vitória da Conquista-BA**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

SILVA, F. F. **Centralidade e impactos regionais de política monetária: um estudo dos casos brasileiro e espanhol**. Tese de doutorado. Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional, Faculdade de Ciências Econômicas – UFMG. Belo Horizonte, MG. 2011.

SILVA, M. N. "ICMS"; **Brasil Escola**.

Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/economia/icms.htm>>

- SILVA, V. A. **Processo de territorialização dos comerciantes do bairro Brasil – Vitória da Conquista – BA.** Monografia (Graduação em Geografia). UESB. Vitória da Conquista-BA, 2015.
- SOUZA, M. L. **ABC do desenvolvimento urbano.** Bertrand Brasil. Rio de Janeiro, RJ. 2011.
- SOUZA, M. L. **A prisão e a ágora: reflexões em torno da democratização do planejamento e da gestão das cidades.** Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 2006.
- SOUZA, M. L. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial.** Bertrand Brasil. Rio de Janeiro, 2016.
- SPÍNOLA, N. D. **A implantação de distritos industriais como política de fomento ao desenvolvimento regional: o caso da Bahia.** RDE – Revista de Desenvolvimento Econômico Ano III, No 4, Julho de 2001, Salvador, BA.
- SPÓSITO, E. S. SAQUET, M. A. **Territórios e Territorialidades: teorias, processos e conflitos.** Consequência, 2a Edição. Rio de Janeiro, 2015.
- SPÓSITO, E. S. Geografia e Filosofia. Editora Unesp. São Paulo, 2004.
- SPÓSITO, E. S. **Redes e cidades.** Editora Unesp. São Paulo, 2008.
- UEDA, V. O Território organizado pelas redes. In. HEIDRICH, A. L. et al. **A emergência da multiterritorialidade.** p.77-83. Editora da Ulbra, Porto Alegre-RS, 2008.

## Anexo A - Empresas e outras organizações, por seção, divisão, grupo e classe da classificação de atividades (CNAE 2.0) (2016)

Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE 2.0)	Unidade	Percentual (%)
47.21-1 Comércio varejista de produtos de padaria, laticínio, doces, balas e semelhantes	95	1,16%
47.22-9 Comércio varejista de carnes e pescados - açougues e peixarias	62	0,76%
47.23-7 Comércio varejista de bebidas	51	0,62%
47.24-5 Comércio varejista de hortifrutigranjeiros	34	0,42%
47.29-6 Comércio varejista de produtos alimentícios em geral ou especializado em produtos alimentícios não especificados anteriormente; produtos do fumo	106	1,30%
47.3 Comércio varejista de combustíveis para veículos automotores	62	0,76%
47.31-8 Comércio varejista de combustíveis para veículos automotores	56	0,69%
47.32-6 Comércio varejista de lubrificantes	6	0,07%
47.4 Comércio varejista de material de construção	398	4,87%
47.41-5 Comércio varejista de tintas e materiais para pintura	15	0,18%
47.42-3 Comércio varejista de material elétrico	15	0,18%
47.43-1 Comércio varejista de vidros	25	0,31%
47.44-0 Comércio varejista de ferragens, madeira e materiais de construção	343	4,20%
47.5 Comércio varejista de equipamentos de informática e comunicação; equipamentos e artigos de uso doméstico	450	5,50%
47.51-2 Comércio varejista especializado de equipamentos e suprimentos de informática	58	0,71%
47.52-1 Comércio varejista especializado de equipamentos de telefonia e comunicação	41	0,50%
47.53-9 Comércio varejista especializado de eletrodomésticos e equipamentos de áudio e vídeo	46	0,56%
47.54-7 Comércio varejista especializado de móveis, colchoaria e artigos de iluminação	121	1,48%
47.55-5 Comércio varejista especializado de tecidos e artigos de cama, mesa e banho	105	1,28%
47.56-3 Comércio varejista especializado de instrumentos musicais e acessórios	11	0,13%
47.57-1 Comércio varejista especializado de peças e acessórios para aparelhos eletroeletrônicos para uso doméstico, exceto informática e comunicação	21	0,26%
47.59-8 Comércio varejista de artigos de uso doméstico não especificados anteriormente	47	0,57%
47.6 Comércio varejista de artigos culturais, recreativos e esportivos	103	1,26%
47.61-0 Comércio varejista de livros, jornais, revistas e papelaria	58	0,71%
47.62-8 Comércio varejista de discos, cds, dvds e fitas	6	0,07%
47.63-6 Comércio varejista de artigos recreativos e esportivos	39	0,48%
47.7 Comércio varejista de produtos farmacêuticos, perfumaria e cosméticos e artigos médicos, ópticos e ortopédicos	247	3,02%
47.71-7 Comércio varejista de produtos farmacêuticos para uso humano e veterinário	96	1,17%
47.72-5 Comércio varejista de cosméticos, produtos de perfumaria e de higiene pessoal	72	0,88%
47.73-3 Comércio varejista de artigos médicos e ortopédicos	26	0,32%
47.74-1 Comércio varejista de artigos de óptica	53	0,65%
47.8 Comércio varejista de produtos novos não especificados anteriormente e de produtos usados	831	10,17%
47.81-4 Comércio varejista de artigos do vestuário e acessórios	435	5,32%
47.82-2 Comércio varejista de calçados e artigos de viagem	106	1,30%
47.83-1 Comércio varejista de jóias e relógios	11	0,13%
47.84-9 Comércio varejista de gás liquefeito de petróleo (glp)	26	0,32%
47.85-7 Comércio varejista de artigos usados	4	0,05%
47.89-0 Comércio varejista de outros produtos novos não especificados anteriormente	249	3,05%
56 Alimentação	368	4,50%
56.1 Restaurantes e outros serviços de alimentação e bebidas	338	4,13%
56.11-2 Restaurantes e outros estabelecimentos de serviços de alimentação e bebidas	329	4,02%

Continua

## Continuação

Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE 2.0)	Unidade	Percentual (%)
46.46-0 Comércio atacadista de cosméticos, produtos de perfumaria e de higiene pessoal	8	0,10%
46.47-8 Comércio atacadista de artigos de escritório e de papelaria; livros, jornais e outras publicações	3	0,04%
46.49-4 Comércio atacadista de equipamentos e artigos de uso pessoal e doméstico não especificados anteriormente	26	0,32%
46.5 Comércio atacadista de equipamentos e produtos de tecnologias de informação e comunicação	2	0,02%
46.51-6 Comércio atacadista de computadores, periféricos e suprimentos de informática	1	0,01%
46.52-4 Comércio atacadista de componentes eletrônicos e equipamentos de telefonia e comunicação	1	0,01%
46.6 Comércio atacadista de máquinas, aparelhos e equipamentos, exceto de tecnologias de informação e comunicação	12	0,15%
46.61-3 Comércio atacadista de máquinas, aparelhos e equipamentos para uso agropecuário; partes e peças	3	0,04%
46.63-0 Comércio atacadista de máquinas e equipamentos para uso industrial; partes e peças	1	0,01%
46.64-8 Comércio atacadista de máquinas, aparelhos e equipamentos para uso odonto-médico-hospitalar; partes e peças	2	0,02%
46.65-6 Comércio atacadista de máquinas e equipamentos para uso comercial; partes e peças	3	0,04%
46.69-9 Comércio atacadista de máquinas, aparelhos e equipamentos não especificados anteriormente; partes e peças	3	0,04%
46.7 Comércio atacadista de madeira, ferragens, ferramentas, material elétrico e material de construção	26	0,32%
46.71-1 Comércio atacadista de madeira e produtos derivados	5	0,06%
46.72-9 Comércio atacadista de ferragens e ferramentas	1	0,01%
46.74-5 Comércio atacadista de cimento	4	0,05%
46.79-6 Comércio atacadista especializado de materiais de construção não especificados anteriormente e de materiais de construção em geral	16	0,20%
46.8 Comércio atacadista especializado em outros produtos	44	0,54%
46.81-8 Comércio atacadista de combustíveis sólidos, líquidos e gasosos, exceto gás natural e glp	4	0,05%
46.82-6 Comércio atacadista de gás liquefeito de petróleo (glp)	1	0,01%
46.83-4 Comércio atacadista de defensivos agrícolas, adubos, fertilizantes e corretivos do solo	16	0,20%
46.84-2 Comércio atacadista de produtos químicos e petroquímicos, exceto agroquímicos	1	0,01%
46.86-9 Comércio atacadista de papel e papelão em bruto e de embalagens	3	0,04%
46.87-7 Comércio atacadista de resíduos e sucatas	14	0,17%
46.89-3 Comércio atacadista especializado de outros produtos intermediários não especificados anteriormente	5	0,06%
46.9 Comércio atacadista não-especializado	20	0,24%
46.91-5 Comércio atacadista de mercadorias em geral, com predominância de produtos alimentícios	8	0,10%
46.93-1 Comércio atacadista de mercadorias em geral, sem predominância de alimentos ou de insumos agropecuários	12	0,15%
47 Comércio varejista	2807	34,34%
47.1 Comércio varejista não-especializado	368	4,50%
47.11-3 Comércio varejista de mercadorias em geral, com predominância de produtos alimentícios - hipermercados e supermercados	57	0,70%
47.12-1 Comércio varejista de mercadorias em geral, com predominância de produtos alimentícios - minimercados, mercearias e armazéns	275	3,36%

Continua

## Continuação

Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE 2.0)	Unidade	Percentual (%)
47.21-1 Comércio varejista de produtos de padaria, laticínio, doces, balas e semelhantes	95	1,16%
47.22-9 Comércio varejista de carnes e pescados - açougues e peixarias	62	0,76%
47.23-7 Comércio varejista de bebidas	51	0,62%
47.24-5 Comércio varejista de hortifrutigranjeiros	34	0,42%
47.29-6 Comércio varejista de produtos alimentícios em geral ou especializado em produtos alimentícios não especificados anteriormente; produtos do fumo	106	1,30%
47.3 Comércio varejista de combustíveis para veículos automotores	62	0,76%
47.31-8 Comércio varejista de combustíveis para veículos automotores	56	0,69%
47.32-6 Comércio varejista de lubrificantes	6	0,07%
47.4 Comércio varejista de material de construção	398	4,87%
47.41-5 Comércio varejista de tintas e materiais para pintura	15	0,18%
47.42-3 Comércio varejista de material elétrico	15	0,18%
47.43-1 Comércio varejista de vidros	25	0,31%
47.44-0 Comércio varejista de ferragens, madeira e materiais de construção	343	4,20%
47.5 Comércio varejista de equipamentos de informática e comunicação; equipamentos e artigos de uso doméstico	450	5,50%
47.51-2 Comércio varejista especializado de equipamentos e suprimentos de informática	58	0,71%
47.52-1 Comércio varejista especializado de equipamentos de telefonia e comunicação	41	0,50%
47.53-9 Comércio varejista especializado de eletrodomésticos e equipamentos de áudio e vídeo	46	0,56%
47.54-7 Comércio varejista especializado de móveis, colchoaria e artigos de iluminação	121	1,48%
47.55-5 Comércio varejista especializado de tecidos e artigos de cama, mesa e banho	105	1,28%
47.56-3 Comércio varejista especializado de instrumentos musicais e acessórios	11	0,13%
47.57-1 Comércio varejista especializado de peças e acessórios para aparelhos eletroeletrônicos para uso doméstico, exceto informática e comunicação	21	0,26%
47.59-8 Comércio varejista de artigos de uso doméstico não especificados anteriormente	47	0,57%
47.6 Comércio varejista de artigos culturais, recreativos e esportivos	103	1,26%
47.61-0 Comércio varejista de livros, jornais, revistas e papelaria	58	0,71%
47.62-8 Comércio varejista de discos, cds, dvds e fitas	6	0,07%
47.63-6 Comércio varejista de artigos recreativos e esportivos	39	0,48%
47.7 Comércio varejista de produtos farmacêuticos, perfumaria e cosméticos e artigos médicos, ópticos e ortopédicos	247	3,02%
47.71-7 Comércio varejista de produtos farmacêuticos para uso humano e veterinário	96	1,17%
47.72-5 Comércio varejista de cosméticos, produtos de perfumaria e de higiene pessoal	72	0,88%
47.73-3 Comércio varejista de artigos médicos e ortopédicos	26	0,32%
47.74-1 Comércio varejista de artigos de óptica	53	0,65%
47.8 Comércio varejista de produtos novos não especificados anteriormente e de produtos usados	831	10,17%
47.81-4 Comércio varejista de artigos do vestuário e acessórios	435	5,32%
47.82-2 Comércio varejista de calçados e artigos de viagem	106	1,30%
47.83-1 Comércio varejista de jóias e relógios	11	0,13%
47.84-9 Comércio varejista de gás liquefeito de petróleo (glp)	26	0,32%
47.85-7 Comércio varejista de artigos usados	4	0,05%
47.89-0 Comércio varejista de outros produtos novos não especificados anteriormente	249	3,05%
56 Alimentação	368	4,50%
56.1 Restaurantes e outros serviços de alimentação e bebidas	338	4,13%
56.11-2 Restaurantes e outros estabelecimentos de serviços de alimentação e bebidas	329	4,02%

Fonte: IBGE - Cadastro Central de Empresas, 2016



**Apêndice A - Questionário aplicado com os comerciantes varejistas regionais nas lojas atacadistas de Vitória da Conquista:**

Pesquisa de campo					
<b>Município</b>					
Anagé					
Aracatu					
Barra do Choça					
Belo Campo					
Bom Jesus da Serra					
Caetanos					
Cândido Sales					
Caraíbas					
Condeúba					
Cordeiros					
Encruzilhada					
Guajeru					
Jacaraci					
Licínio de Almeida					
Maetinga					
Mirante					
Mortugaba					
Piripá					
Planalto					
Poções					
Presidente Jânio Quadros					
Ribeirão do Largo					
Tremedal					
Vitória da Conquista					
<i>Fora do TI Sudoeste Baiano</i>					
<b>Zona Urbana</b>					
<b>Zona Rural</b>					
<b>Produtos</b>					
Bebidas					
Cereais					
Frios					
Frutas, Verduras e Hortaliças					
Limpeza					
Outros					
<b>Valor da Compra</b>					
<b>Tipo de Estabelecimento</b>					
Comercio varejista em geral					
Comércio de produtos de padarias					
Alimentícios em geral (restaurantes)					
Serviços ambulantes					
Outros					

## **Apêndice B - Roteiro de entrevista com os representantes das lojas atacadistas de Vitória da Conquista**

- 1 – Como funciona a estrutura empresarial da rede?
- 2 – Por que optaram pela cidade de Vitória da Conquista?
- 3 – Como é feito o processo de compra e reabastecimento das mercadorias?
- 4 – Quais os tipos de financiamentos ou crédito que os mercados oferecem aos comerciantes/clientes?
- 5 – Quais são os períodos do mês e do ano que o mercado mais vende?
- 6 – Qual a documentação necessária para comprar como pessoa jurídica?
- 7 – De onde vem a maioria dos comerciantes?
- 8 – Quais são os meios não presenciais de compra feitos pelos comerciantes?
- 9 – Quais são os tipos de produtos mais vendidos para os comerciantes?
- 10 – Qual o dia da semana em que os comerciantes mais fazem compras para abastecer seus estabelecimentos?
- 11 – Apresentar o questionário para os comerciantes e verificar se possuem tais informações.

**Apêndice C - Roteiro de entrevista com os comerciantes varejistas do Sudoeste Baiano**

- 1 – Porquê optam por comprar nas lojas atacadistas de Vitória da Conquista?
- 2 – Com qual frequência abastecem seus estabelecimentos?
- 3 – Qual o meio de transporte utilizado para fazer compras?
- 4 – Quais as formas de pagamento aceitas?
- 5 – Quais os produtos mais vendidos no estabelecimento?
- 6 – Existe algum produto vendido no estabelecimento que não seja oriundo das lojas atacadistas? Se sim, qual?
- 7 – Ao comprar nas lojas atacadistas, costuma visitar apenas uma ou, todas?